

Gustavo Tiengo Pontes

**ADEPTOS DO SIGMA EM FLORIANÓPOLIS:  
ESTUDO SOBRE O PERIÓDICO “FLAMMA VERDE” E A  
PRESENÇA INTEGRALISTA NA CAPITAL CATARINENSE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de História como requisito parcial para obtenção de título de bacharelado e licenciatura em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria de Fátima Fontes Piazza.

Florianópolis  
2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Pontes, Gustavo Tiengo

Adeptos do Sigma em Florianópolis : Estudo sobre o periódico "Flamma Verde" e a presença Integralista na capital Catarinense / Gustavo Tiengo Pontes ; orientadora, Maria de Fátima Fontes Piazza - Florianópolis, SC, 2013. 144 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Graduação em História.

Inclui referências

1. História. 2. Integralismo. 3. Florianópolis. 4. Participação Intelectual. 5. Flamma Verde. I. Piazza, Maria de Fátima Fontes. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em História. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

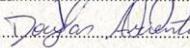
ATA DE DEFESA DE TCC

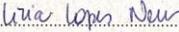
Aos vinte e nove dias do mês de novembro do ano de dois mil e treze, às dez horas , na Sala 10 do Departamento de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela Professora Maria de Fátima Fontes Piazza , Orientadora e Presidente, pelo Mestrando Douglas Pavoni Arienti e Professora Lívia Neves, Titulares da Banca, e pela Doutoranda Clarice Caldini Lemos, Suplente, designados pela Portaria nº 68/HST/13 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Gustavo Tiengo Pontes**, subordinado ao título: "**Adeptos do Sigma em Florianópolis: estudo sobre o periódico 'Flamma Verde' e a presença Integralista na capital**". Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido da Professora Maria de Fátima Fontes Piazza a nota final 10,0, do Mestrando Douglas Pavoni Arienti a nota final 10,0, da Professora Lívia Neves a nota final 10,0 e da Doutoranda Clarice Caldini Lemos a nota final 10,0, sendo aprovado com a nota final 10,0. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, impresso de acordo com as normas da Biblioteca Universitária e em formato digital, ao Departamento de História, até o dia seis de dezembro de dois mil e treze. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 29 de novembro de 2013.

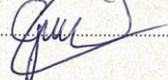
Banca Examinadora:

Prof.ª Maria de Fátima Fontes Piazza..... 

Mestrando Douglas Pavoni Arienti..... 

Prof.ª Lívia Neves..... 

Doutoranda Clarice Caldini Lemos..... 

Candidato Gustavo Tiengo Pontes..... 



## **Agradecimentos**

São muitas as pessoas que desejo agradecer. Sei que provavelmente irei cometer injustiças ao esquecer ou não mencionar certos nomes. Quando citar os nomes em sequência buscarei utilizar a ordem alfabética. Agradeço, primeiramente, à minha família mais próxima. Aos meus pais (Agenor Pontes Neto e Cleide Libardi Tiengo Pontes) pelo apoio na escolha do curso, apoio durante a minha trajetória acadêmica e incentivo no caminhar desta pesquisa. Também agradeço aos meus pais ao incentivo à leitura durante minha trajetória estudantil, à compra de livros e revistas que certamente influenciaram na minha escolha do curso e preferências. Ao meu irmão (Gabriel Tiengo Pontes) pelas conversas e discussões sobre história e cotidiano. Agradeços aos meus tios, Eloísa Richter (agradeço às revisões) e Norberto Richter, pelas conversas e debates com relação à história em geral e sobre o meu TCC.

Agradeço à minha orientadora (Maria de Fátima Fontes Piazza) por toda a orientação, pelas conversas sobre história, indicações bibliográficas, apoio e leitura dos textos, orientação na delimitação dos objetivos e formulação de novos questionamentos para esta pesquisa. Agradeço às considerações, críticas e sugestões levantadas pela banca de defesa (Lívia Lopes Neves, Douglas Pavoni Arienti, Clarice Caldini Lemos) que enriqueceram este trabalho e me motivaram a continuar com a pesquisa. Toda a responsabilidade por erros neste trabalho são meus.

Agradeço aos amigos e amigas da minha turma original 2008/2, veteranos e tantos outros amigos e amigas com os quais estive mais próximo durante a graduação ou no andamento da pesquisa e que estiveram ou estão próximos e me auxiliaram e apoiaram durante a graduação, irei seguir a ordem alfabética a fim de cometer menos injustiças. Sei que posso contar com cada um de vocês para eventuais conversas e discussões sobre história ou outros assuntos: Beatriz Mendes, Bruno Mützenberg, Cássila Pessoa de Mello, Claudionor Pirola, Carlos Eduardo Oliveira, Fabiano Garcia, Isabella Cristina, Isonete Vilvert, Tamy Amorim, Thiago Weber, Vinícius Gomes.

Agradeço aos vários membros do PET-História com quais tive a oportunidade de trabalhar em conjunto. Certamente, o tempo que estive

na UFSC e participando desta bolsa foram fundamentais para minha formação: Abel Borges, André Luiz, André Mello, Clarissa Grahl, Dandara de Oliveira, Felipe Wegner, Flávia Darossi, Gabriel Kanaan, Giovanna Santana, Lucas Albuquerque, Luiz Zimmermann, Thiago Santini, Rodrigo Prates, Roni Pereira, Zaina Debouch. Apesar das dificuldades desta bolsa com relação ao seu apoio por parte do Estado, as reuniões e discussões foram decisivas na minha formação enquanto historiador e pessoa. Desejo sucesso aos atuais e futuros membros.

Agradeço aos funcionários do Arquivo Estadual de Santa Catarina, Casa da Memória, Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e especialmente aos da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina pelo ótimo atendimento, auxílio na busca de documentos e eventuais conversas sobre a pesquisa.

O problema da utilidade da história, no sentido estrito, no sentido “pragmática” da palavra útil, não se confunde com o de sua legitimidade, propriamente intelectual. Este, a propósito, só pode vir em segundo lugar: para agir sensatamente, não será preciso compreender em primeiro lugar? (Marc Bloch, 1944)



## **Resumo**

O objetivo deste estudo é compreender aspectos referentes à atuação e presença integralista em Florianópolis. A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi um movimento autoritário e nacionalista de direita que surgiu na década de 30 em São Paulo e rapidamente se expandiu pelo Brasil. Santa Catarina destaca-se enquanto um dos locais de maior expansão deste movimento. Neste trabalho buscamos entender qual foi a participação intelectual na AIB em Florianópolis, levantar fatores que possam ter contribuído para sua adesão e suas atuações nas atividades deste Partido. Também analisaremos o periódico integralista editado em Florianópolis – “Flamma Verde” – e buscaremos compreender este jornal dentro da estrutura maior da Imprensa Integralista e o seu papel enquanto difusor das notícias.

**Palavras-chave:** Integralismo; Florianópolis; Participação Intelectual; “Flamma Verde”;



## SUMÁRIO

|   |       |
|---|-------|
| INTRODUÇÃO.....   | p.13  |
| 1 O surgimento da AIB: questões nacionais, regionais e locais.....            | p.23  |
| 1.1 Contexto de surgimento da AIB e os estudos nacionais.....                 | p.23  |
| 1.2 Sobre o líder fundador da AIB, Plínio Salgado.....                        | p.32  |
| 1.3 AIB: a organização em âmbito nacional.....                                | p.36  |
| 1.4 A AIB em Santa Catarina e os Estudos Regionais.....                       | p.38  |
| 1.5 Contexto sócio-cultural de Florianópolis na Primeira República.....       | p.52  |
| 2. Estudo sobre a Imprensa Integralista e o periódico “Flamma Verde”<br>..... | p.59  |
| 2.1. A imprensa Integralista em âmbito Nacional.....                          | p.59  |
| 2.2 A imprensa integralista em SC.....  | p.63  |
| 2.3 Periódico “Flamma Verde”.....   | p.66  |
| 3. Integralistas e Integralismo em Florianópolis .....                        | p.89  |
| 3.1. Estudo Prosopográfico.....   | p.89  |
| 3.2 Mulheres Integralistas.....   | p.105 |
| 3.3. Organização e atividades Integralistas em Florianópolis.....             | p.109 |
| 3.4. Perseguições aos Integralistas em Florianópolis.....                     | p.119 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS.....   | p.125 |
| ANEXO I .....   | p.127 |
| ANEXO II .....  | p.131 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....   | p.136 |
| FONTES.....   | p.142 |
| LISTA DE IMAGENS.....   | p.143 |



## INTRODUÇÃO

O objetivo deste TCC é entender qual foi a participação dos intelectuais, que compõem o campo intelectual catarinense, na Ação Integralista Brasileira (AIB) na cidade de Florianópolis. Para isso, nessa pesquisa pretendemos: investigar e problematizar aspectos referentes à organização da AIB em Florianópolis; compreender e estudar os intelectuais participantes da AIB e os responsáveis na produção do periódico integralista editado Florianópolis “Flamma Verde” (1936-1938); questionar se houve a formação de uma rede de sociabilidade através do mesmo e se de outras redes de sociabilidade intelectual formadas a partir de instâncias de consagração, como a Academia Catarinense de Letras (ACL) Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina (IHGSC) ajudaram em sua produção.

O interesse por este tema surgiu a partir de um desejo de se estudar o anticomunismo ou outro assunto referente ao campo da direita, como regimes autoritários ou totalitários, partidos ou organizações políticas, entre outros. A partir deste interesse surgiu o tema do Integralismo e o jornal “Flamma Verde”. A leitura desse periódico e as questões que o permeiam instigaram-me a conhecer cada vez mais a AIB, quem eram seus adeptos, compreender o papel do periódico enquanto difusor de ideias e por que pessoas naquele momento escreviam com tanta convicção defendendo seus ideais políticos quanto atacando seus adversários. Além disso, por tratar-se de um estudo que envolve a cidade na qual resido há quase 20 anos, este tema desperta maior interesse a fim de conhecer determinada faceta da história e da sociedade de Florianópolis sobre a qual não possuía conhecimento.

Tendo em vista a problemática apresentada, sobre o “Flamma Verde” pretende-se discutir a sua materialidade, como: formato, periodicidade, ilustrações e fotografias, editoração, artigos, resenhas, *fait-divers*, circulação, colaboradores e o seu papel enquanto difusor de ideias do partido integralista. O jornal em questão serve tanto como objeto de análise quanto fonte a fim de esclarecer acontecimentos ou eventos locais e outras informações relevantes sobre a sociabilidade dos membros da Ação Integralista Brasileira (AIB), sobretudo em Florianópolis<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Pode-se dividir os trabalhos que utilizam o jornal como instrumento de análise sob duas vertentes básicas: 1) história através da imprensa: jornal serve de fonte de informações para a reconstrução de um determinado elemento constitutivo de uma dada sociedade. 2) historiador estuda o jornal em si mesmo, sua evolução, suas manifestações e as formas pelas quais ele

Posteriormente à análise do periódico “Flamma Verde”, apresentaremos um estudo relativo aos intelectuais atuantes na AIB em Florianópolis. Também serão discutidas as atividades realizadas pelo partido, questionar se houve a constituição de uma rede de sociabilidade através de seus membros, compreender a interação dos camisas-verdes<sup>2</sup> com outros ambientes desta cidade e analisar perseguições sofridas pelos integralistas. Pretendemos contribuir para o entendimento da participação intelectual e formação de redes de sociabilidade a partir deste Partido.

A AIB foi um movimento autoritário<sup>3</sup> de direita criado por Plínio Salgado e lançado oficialmente em outubro de 1932 com o Manifesto de Outubro na cidade de São Paulo. O partido inovou ao utilizar a imprensa de forma sistemática e radical. Foi constituída uma extensa rede de jornais e revistas integralistas a fim de difundir sua doutrina, o que contribuiu muito para a inserção social do integralismo no Brasil nos anos 1930<sup>4</sup>. Dentre os muitos jornais editados pelos Núcleos Integralistas em todo o território do Brasil, o “Flamma Verde” foi um semanário editado em Florianópolis entre 12 de setembro de 1936 e 5 de fevereiro de 1938 cuja circulação ocorreu em Florianópolis e outras cidades de Santa Catarina. Nosso acesso ao jornal ocorreu na Biblioteca Pública do Estado Santa Catarina. Das 69 edições<sup>5</sup> da existência do periódico, a biblioteca possui 48. Infelizmente, o acervo não contém as

---

retrata os acontecimentos. ALVES, Francisco das Neves. **O Discurso Político-Partidário Sul-Rio-Grandense, sob o Prisma da Imprensa Rio-Grandina (1868-1895)**. Porto Alegre: PUCRS, 1998. 11. (Tese de Doutorado em História) Apud. ZANELATTO, João Henrique. **De olho no poder: o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na era Vargas**. Criciúma, SC: UNESC, 2012. p.34.

<sup>2</sup> Ao longo deste trabalho os membros do Partido Integralista também serão referidos como “camisas-verdes” ou “adeptos do sigma”. Tais termos também são encontrados na bibliografia relativa ao assunto.

<sup>3</sup> Para este trabalho utilizamos o conceito de “Autoritarismo” exposto por Mario Stopping. Este autor afirma: “(...) são chamados de autoritários os regimes que privilegiam a autoridade governamental e diminuem de forma mais ou menos radical o consenso concentrando o poder político nas mãos de uma só pessoa ou de um só órgão e colocando em posição secundária as instituições representativas.” Além disso, o comando apodítico, isto é, o que não pode ser refutado, e a obediência incondicional caracterizam o Autoritarismo. Cf. STOPPING, Mario. Autoritarismo. In. BOBBIO, Norberto, *et. al.* **Dicionário de Política Vol.1**. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002. p.94-104.

<sup>4</sup> OLIVEIRA, Rodrigo Santos. **Imprensa Integralista, Imprensa Militante (1932-1937)**. 388f. Tese (Doutorado em História) Programa de Pós-Graduação em História, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre RS, março de 2009. p.14

<sup>5</sup> No **Anexo I** está uma tabela com o nº, ano, data dos jornais encontrados, o diretor, os gerentes responsáveis, e quantidade de páginas.

seguintes edições: 2, 8, 10, 13, 18, 19, 20, 28, 29, 31, 33, 34, 36, 37, 44, 45, 46, 52, 53, 62 e 67. É importante destacar o ótimo atendimento lá encontrado e a boa qualidade das edições, cerca de 2 ou 3 ao máximo possuíam alguma página com trechos faltando. Quando, na escrita deste trabalho, nos referirmos a “todas” às edições ou utilizarmos outras expressões similares estaremos nos referindo às edições disponíveis encontradas, o mesmo quando mencionarmos as edições em forma de sequência. Além do periódico em questão, outras fontes utilizadas para debater este assunto são ofícios enviados pela Secretaria de Segurança Pública para o Governador e do Governador para essa Secretaria. Todas as transcrições de documentos utilizados neste trabalho tiveram sua ortografia atualizada.

O ato de escrita ou produção de um jornal é uma atividade cultural, ou seja, é dotada de significados, valores etc.. Nossa abordagem buscará localizar estas atividades culturais em um equilíbrio particular de relações sociais<sup>6</sup>. Neste sentido, conforme Antoine Prost afirma, a cultura é o que permite ao indivíduo pensar a sua experiência, formular sua vivência, suas preocupações cotidianas etc., com efeito, o historiador não pode deixar de estudar a experiência vivida<sup>7</sup>. Assim, será necessário investigar os responsáveis pela elaboração deste periódico e compreender suas ações relacionadas com o conjunto da sociedade. Concordamos com Matos que afirma sobre o periódico ser um empreendimento que abrange muitas pessoas, capaz de reunir indivíduos que o transforma em um projeto coletivo a agregar pessoas em torno de ideias, crenças e valores a serem difundidos com o impresso<sup>8</sup>.

O periódico sempre teve como diretor Othon Gama d’Eça, que também era Chefe Provincial do Integralismo em SC<sup>9</sup>. Entre a edição 1 e 9 o gerente foi Arnaldo Suarez Cuneo (que possuía o cargo de Secretário Provincial de Corporações do Integralismo em SC<sup>10</sup>); a partir

---

<sup>6</sup> Parafrazeando Thompson. Cf. THOMPSON, E.P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.17.

<sup>7</sup> PROST, Antoine. Social e cultural indissociavelmente. In. RIOUX, Jean-Pierra; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p.136

<sup>8</sup> MATOS, Felipe. **Bazar da província: Sociabilidades Intelectuais e Periodismo em Florianópolis**. Tese (doutorado em história). PPGH UFSC. Florianópolis SC, 2012. Texto de qualificação. p.27.

<sup>9</sup> No **Anexo II** está uma tabela com o nome de membros do Integralismo responsáveis pelo jornal e outros do estado de SC que apareceram no jornal e possuíam cargos na burocracia integralista de Florianópolis. De acordo com Falcão, o cargo de Chefe Provincial equivalia ao dirigente máximo em nível estadual. FALCÃO, Luiz Felipe. **Entre o ontem e o amanhã: diferença cultural tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX**. Itajaí: Editora da Univalli, 2000. p.124.

<sup>10</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 28 de novembro de 1936. Ano 1, n.12. p.2.

da 10ª edição o gerente foi Celso Mafra Caldeira (Secretário Provincial de Finanças<sup>11</sup>) que permaneceu nesta posição até o fim do jornal. Os redatores do jornal<sup>12</sup> foram Luiz de Souza (que também foi Chefe Municipal de Florianópolis<sup>13</sup>), Danilo Carneiro Ribeiro e Mário Mafra<sup>14</sup>. O estudo dos responsáveis pela linha editorial do jornal permite acrescentar aspectos nem sempre latentes ao observar somente a materialidade e o conteúdo das matérias. Conforme expõe Matos, a análise dos colaboradores, a atenção aos títulos e textos mais pragmáticas e programáticos, o questionamento sobre as relações do periódico com o mundo cotidiado e com diferentes poderes e interesses – como financiadores e publicitários – são fatores relevantes ao se estudar periódicos<sup>15</sup>.

Outra problemática a ser investigada é se o corpo de responsáveis pelo jornal e os membros do partido em Florianópolis eram formados por militantes integralistas ou por “políticas de amizade” egressa da “geração da Academia”<sup>16</sup>, a qual pertencia Othon Gama D’Eça. Sobre estas “políticas de amizade” vale a pena mencionar o estudo de Ivan Marques sobre revistas modernistas, o autor verifica em seu estudo que “(...) a história das revistas não é movida apenas por afinidades estéticas e ideológicas, mas também pelos imperativos da política e da sociabilidade”<sup>17</sup>. Além disso, buscar-se-á problematizar a existência ou não de um *habitus* comum entre as pessoas responsáveis pelo jornal. Neste sentido, o conceito proposto por Pierre Bourdieu sobre *Habitus* será levado em consideração.

De acordo com Bourdieu, a noção de *habitus* é importante para lembrar que os agentes possuem uma história, isto é, são o produto de uma história individual, de uma educação associada a determinado meio:

além de serem o produto de uma história coletiva, e que em particular as categorias de pensamento,

<sup>11</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 7 de agosto de 1937. Ano 1, n.47. p.5.

<sup>12</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 23 de outubro de 1937. Ano 1, n.º58, p.6

<sup>13</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 26 de novembro de 1936. Ano 1, n.16, p.1. A partir da edição 47 encontramos Emídio Cardoso Júnior como Chefe Municipal de Florianópolis (FLAMMA VERDE, Florianópolis, 7 de agosto de 1937. Ano 1, n.47, p.1.)

<sup>14</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 12 de setembro de 1936. Ano 1, n.º1, p.4

<sup>15</sup> MATOS, op. cit. p. 27.

<sup>16</sup> Este conceito será devidamente problematizado no 1º capítulo deste TCC.

<sup>17</sup> MARQUES, Ivan. **Modernismo em revista. Estética e ideologia nos periódicos dos anos 1920**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013. p.43.

as categorias do juízo, os esquemas de percepção, os sistemas de valores etc. são o produto de incorporação de estruturas sociais<sup>18</sup>.

O *habitus* pode ser entendido como “um sistema aberto de disposições que está submetido constantemente a experiências e, desse modo, transformado por essas experiências”<sup>19</sup>. Sobre estas escolhas dos indivíduos, também concordamos com René Rémond ao afirmar que “as escolhas políticas dos indivíduos não lhes são imperativamente ditadas pelo seu *status* socioprofissional, e que eles tomam muitas vezes partidos que não coincidem com seus interesses materiais”<sup>20</sup>.

Ao investigar os responsáveis pela editoração, redação do jornal e outros membros do partido em Florianópolis, a prosopografia será indispensável. De acordo com Marcela Ferrari, podemos definir a prosopografia como uma técnica específica para fazer biografias coletivas. Parte-se da delimitação de um grupo de indivíduos que integram um ator coletivo (neste caso os responsáveis pelo jornal e integralistas de destaque em Florianópolis, grupos que se misturam) e pesquisa-se suas características: idade, nacionalidade, nível educativo, ocupação, participação em associações etc.. Uma vez realizada a pesquisa sobre este grupo de pessoas, outras questões são necessárias: analisar as relações entre os indivíduos deste grupo com outros de diferentes campos; estudar os laços intelectuais entre os participantes; questionar qual o sentido ou significado de participação neste grupo; qual o reconhecimento social para se participar do mesmo; quais espaços de formação frequentaram seus membros; quais as estratégias utilizadas pelos membros na hora de construir suas trajetórias; estudar as heterogeneidades presentes no grupo, se o mesmo visa passar uma imagem homogênea sobre seus membros, se havia tensões em torno do

---

<sup>18</sup> BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **O sociólogo e o historiador**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. p.58.

<sup>19</sup> BOURDIEU; CHARTIER, op. cit. p.62. O *Habitus* é um “Sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e as representações que podem ser objetivamente ‘regulamentadas’ e ‘reguladas’ sem que por isso sejam o produto de obediência de regras, objetivamente adaptadas a um fim, sem que se tenha necessidade da projeção consciente deste fim ou do domínio das operações para atingi-lo, mas sendo, ao mesmo tempo, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação organizadora de um maestro.” (cf. BOURDIEU, P. **Esquisse d’une théorie de la pratique**. Genève, Lib. Droz, 1972. P.175. Apud ORTIZ, Renato. Introdução: A procura de uma sociologia da prática. In. \_\_\_\_\_ (org). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática 1983. p.15.)

<sup>20</sup> RÉMOND, René. Do político. In. \_\_\_\_\_. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. p.446.

grupo; se existiam diferentes gerações no grupo em discussão<sup>21</sup>. Acredito e é enriquecedor e possível o diálogo das questões prosopográficas com o conceito de *habitus* proposto por Bourdieu.

Este trabalho está alicerçado também nas discussões da História Política. De acordo com René Rémond, os atuais estudos da História Política (chamada também de Nova História Política) divergem dos antigos que privilegiavam os acidentes, crises ministeriais, o particular, ou seja, ficavam na superfície dos acontecimentos sem vinculá-los às suas causas profundas. Hoje, a história política, além de não isolar as questões políticas de outras dimensões da vida coletiva e outros aspectos da existência individual, trabalha na duração, apodera-se de fenômenos mais globais, procura nas profundezas da memória coletiva ou do inconsciente as raízes das convicções e as origens dos comportamentos<sup>22</sup>.

O campo político, apesar de não possuir fronteiras fixas, pode ser definido por sua referência ao poder. Remond afirma: “a política é a atividade que se relaciona com a conquista, o exercício, a prática do poder, assim os partidos são políticos porque têm como finalidade, e seus membros como motivação, chegar ao poder”<sup>23</sup>. O autor refere-se a esta noção de poder como uma relação que incide na sociedade global, isto é, atividades que ocorrem com relação à totalidade dos indivíduos que habitam um espaço delimitado por fronteiras que chamamos precisamente de políticas, a nação, que possui como instrumento e símbolo o Estado. Isto não significa que o campo político se reduza a somente estas relações, ele se estende também a outros setores:

o campo da história política irradia em todas as direções e libera como uma multiplicidade de digitações. Nada seria mais contrário à compreensão do político e de sua natureza que representá-lo como um domínio isolado (...). A história política exige ser inscrita numa perspectiva global em que o político é um ponto de condensação<sup>24</sup>.

---

<sup>21</sup> FERRARI, Marcela. Prosopografía e historia política. Algunas aproximaciones. **Antíteses**, vol.3, n.5, p.529-550, jan.-jun. De 2010.

<sup>22</sup> RÉMOND, René. Uma História Presente. In. \_\_\_\_\_. op. cit., p.13-36.

<sup>23</sup> Ibidem., p.444.

<sup>24</sup> Ibidem., p.444-445,

Os estudos sobre os partidos políticos acompanharam esta renovação. De acordo com Serge Berstein, o partido aparece aos olhos dos historiadores, fundamentalmente, como o lugar onde se opera a “mediação política”. A mediação política é o espaço entre as necessidades, aspirações, isto é, circunstâncias que originaram o partido, e os seus discursos, representações e ideias. A mediação assume o aspecto de uma tradução. Neste sentido, é fundamental o estudo entre a realidade e o discurso. Berstein afirma que um partido não nasce fortuitamente, isto é, somente como fruto da decisão de seus criadores. Os partidos só possuem chance de sobreviver se responderem de alguma maneira a um problema colocado para a sociedade contemporânea.

Berstein também expõe alguns aspectos sobre a atuação dos partidos políticos, estes são: sua duração no tempo - que garante ao partido uma vida que pode extrapolar a de seus fundadores, isto implica que o partido responda a uma tendência profunda da opinião pública; sua extensão no espaço - o que supõe uma organização hierarquizada e uma rede permanente de relações entre a direção nacional e estruturas locais; a aspiração ao exercício do poder - há a necessidade de um projeto capaz de convir à nação em seu conjunto; a vontade de buscar o apoio da população - na arregimentação de novos militantes ou atração do voto dos eleitores. O autor conclui que o estudo dos partidos políticos está em condições de fornecer ao historiador uma considerável quantidade de informações sobre os grupos que se esforçaram para reunir pessoas tendo em vista uma ação comum sobre o poder ou a organização da sociedade<sup>25</sup>.

Neste trabalho dialogaremos com o conceito de intelectual proposto por Jean-François Sirinelli. De acordo com esse autor, é preciso uma definição do intelectual com uma geometria variável, mas baseada em invariantes: “Estas podem desembocar em duas acepções do intelectual, uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os ‘mediadores’ culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento”<sup>26</sup>. Tendo em vista que o debate entre estas duas definições em grande medida é um falso problema, “o historiador deve partir da definição ampla, sob a condição de, em determinados momentos, fechar a lente, no sentido fotográfico do termo”<sup>27</sup>.

---

<sup>25</sup> BERSTEIN, Serge. Os partidos. In. REMOND, op. cit., p.57-98.

<sup>26</sup> SIRINELLI, Jean- Francois. Os Intelectuais. In. RÉMOND, op. cit., p.242.

<sup>27</sup> Ibidem. p.243. Destamos dois artigos com balanços historiográficos sobre os estudos da História Intelectual: ZANOTTO, Gizele. História dos intelectuais e história intelectual: contribuições da historiografia francesa. **Biblios**, Rio Grande, vol.22, n.1, 2008; BEIRED,

O atual estudo da História Intelectual, além de levar em consideração a longa exegese dos textos, também aborda outros aspectos relacionados aos intelectuais como: noções de itinerário, geração e sociabilidade. Os estudos dos itinerários políticos, apesar das extensas dificuldades de reconstituição ou balizamento de tempo, permitem visualizar os eixos dos engajamentos dos intelectuais e não limitam-se somente às trajetórias dos “grandes” intelectuais. Os intelectuais de menor notoriedade, apesar de não serem obrigatoriamente conhecidos, também influenciaram as gerações futuras<sup>28</sup>. De acordo com Berstein,

(...) uma geração é formada pelos homens que, vivendo mais ou menos na mesma época, foram submetidos às mesmas determinantes, passaram pelos mesmos acontecimentos, tiveram experiências próximas ou semelhantes, viveram num ambiente cultural comum<sup>29</sup>.

Deve-se analisar também o que Sirinelli chama de “estruturas de sociabilidade” (ou redes de sociabilidade), isto é, a organização dos grupos intelectuais em torno de sensibilidades ideológicas, culturais ou outros tipos de afinidades determinantes e que podem se interpenetrar a fim de fundar uma vontade e um gosto de conviver. Outra questão proposta para o estudo da História Intelectual é a análise das relações entre ideologias produzidas ou veiculadas pelos intelectuais e a cultura política de uma época<sup>30</sup>.

Conforme esclarece Berstein, pode-se entender a “Cultura Política” como uma “espécie de código e de um conjunto de referentes, formalizados no seio de um partido, ou, mais largamente, difundidos no seio de uma família ou de uma tradição política”<sup>31</sup>. A cultura política está conectada à cultura global de uma sociedade sem, no entanto, se confundir totalmente com ela, pois, o seu campo de aplicação incide sobre o político. A cultura política forma-se a partir das respostas dadas pela sociedade em relação aos problemas ou crises de sua história, ou

---

José Luis Bendicho. Vertentes da história intelectual. **Cadernos do Seminário Cultural e Política nas Américas**. Vol.1, 2009.

<sup>28</sup> SIRINILELLI, op. cit., p.231-269.

<sup>29</sup> BERSTEIN, op. cit., p.72.

<sup>30</sup> SIRINELLI, loc. cit.,

<sup>31</sup> SIRINELLI, Jean-François. **Histoire des droites**, t.2. Cultures., Paris: gellimard, 1992. P.III-IV. apud. BERSTEIN, Serge. A cultura política. In. RIOUX; SIRINELLI, op. cit., p.350

seja, a cultura política é dinâmica e capaz de se alimentar de outras culturas políticas. Portanto, a cultura política é resultante de uma série de experiências vividas e é um elemento determinante da ação futura. A cultura política é um fenômeno individual, interiorizado pelo homem, e um fenômeno coletivo partilhado por muitos<sup>32</sup>. Além disso, concordamos com E. P. Thompson ao afirmar que a cultura é uma arena de elementos conflitivos, pois, numa dada sociedade irão haver diferentes perspectivas e projetos de ação para resolução de problemas. Neste sentido, os diferentes recursos culturais inserem-se na dinâmica da sociedade e são engendrados também pelos conflitos que a permeiam<sup>33</sup>.

Nesta pesquisa utilizamos o conceito de redes de sociabilidade proposto por Jacqueline Pluet-Despatin (1992) e evocado por Ângela de Castro Gomes em seu artigo “Essa gente do Rio”. De acordo com a autora, a sociabilidade pode ser tratada como:

um conjunto de formas de conviver com os pares, como um “domínio intermediário” entre a família e a comunidade cívica obrigatória. As redes de sociabilidade são entendidas assim como formando um “grupo permanente ou temporário, qualquer que seja seu grau de institucionalização, no qual se escolha participar”<sup>34</sup>.

O conceito de Ideologia utilizado neste trabalho foi formulado por Terry Eagleton. O autor expõe que termo ‘ideologia’ possui uma série de significados convenientes. Ele questiona a possibilidade de comprimir toda a riqueza de significado de ideologia em uma definição abrangente. Das definições de ideologia apresentadas por Terry Eagleton, selecionamos àquelas que se mostraram mais enriquecedoras para a análise de nossas fontes. Com efeito, entendemos ideologia neste trabalho como: o processo de produção de significados, signos e valores na vida social; um corpo de ideias característico de um determinado grupo ou classe social; o veículo pelo qual atores sociais conscientes entendem o seu mundo; conjunto de crenças orientadas para a ação; o meio pelo qual os indivíduos vivenciam suas relações com uma estrutura social; modos pelos quais o significado (ou a significação)

---

<sup>32</sup> BERSTEIN, A cultura política. op. cit., p.349-363.

<sup>33</sup> Cf. THOMPSON, op. cit., p.13-24.

<sup>34</sup> GOMES, Ângela de Castro. Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.6, n.11, 1993. P. 64.

contribui para manter as relações de dominação<sup>35</sup>. Importante ressaltar que nem todo enunciado é ideológico. Concordamos com Terry Eagleton ao afirmar que “a ideologia tem mais a ver com a questão de quem está falando o quê, com quem e com que finalidade do que com as propriedades linguísticas de um pronunciamento”<sup>36</sup>.

O trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro pretende analisar o surgimento da AIB no contexto nacional e em Santa Catarina. Será apresentada também uma breve revisão historiográfica sobre a presença integralista em Santa Catarina. O capítulo finaliza abordando o contexto sócio-econômico de Florianópolis do início do século XX.

No segundo capítulo será discutida a Imprensa Integralista no âmbito nacional e regional (SC). Depois, serão debatidas as relações entre história e imprensa a fim de se analisar a organização interna do “Flamma Verde”; seu financiamento, circulação, publicidade, materialidade, etc..

No terceiro capítulo será realizado um estudo prosopográfico com relação alguns dos integralistas de Florianópolis que ocupavam cargos relevantes na hierarquia do partido ou que estavam envolvidos na produção do periódico “Flamma Verde”. Também serão problematizadas as atividades dos integralistas e a interação deste grupo com a sociedade local.

---

<sup>35</sup> EAGLETON, Terry. **Ideologia**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Editora Boitempo, 1997. p.15-19.

<sup>36</sup>Ibidem., p.22.

## 1. O surgimento da AIB: questões nacionais, regionais e locais

### 1.1 Contexto de surgimento da AIB e os estudos nacionais

Antes de iniciarmos nossa análise do contexto de surgimento da AIB, apontaremos algumas questões referentes aos estudos sobre o integralismo<sup>37</sup>. Entre os anos 30 e os 60, grosso modo, a produção sobre o integralismo foi escrita pelos próprios militantes do partido (ou de seus herdeiros do Partido de Representação Popular) ou de seus opositores. Tais estudos são parte da bibliografia dos estudiosos do integralismo e, apesar de seu caráter militante, possuem informações relevantes sobre o movimento como: releituras a posteriori sobre os projetos de ação, memórias da participação de membros etc.. Tais estudos ajudam a compreender o momento de existência da AIB e o itinerário político dos participantes.

A partir nos anos 1970, a AIB foi o tema central de uma série de estudos acadêmicos, sobretudo por parte das ciências sociais. A influência ou não do fascismo sobre o integralismo foi um tema de discussão em virtude de este movimento ter tido como um dos elementos centrais de sua pregação política o nacionalismo e sempre ter defendido a originalidade de sua doutrina frente a influências externas. Neste momento também se buscava compreender a AIB a partir da organização nacional e do pensamento das principais lideranças nacionais (como Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale). Alguns dos autores que estudaram o integralismo a partir da década de 1970 foram: Héglio Trindade (que escreveu a primeira grande obra de pesquisa sobre o integralismo), Gilberto Vasconcelos, José Chasin e Marilena Chauí.

A partir dos anos 80, com a entrada de historiadores neste campo de pesquisa sobre o integralismo, houve uma ampliação maciça das pesquisas. Neste momento também houve uma renovação da História Política. Com efeito, foi aberto espaço para estudar o integralismo e superado parte do preconceito de se estudar a direita. Neste sentido, posteriormente aos estudos nacionais sobre a AIB, houve pesquisas que evidenciaram que as questões locais influíam na forma de intervenção do integralismo junto à sociedade, o que suscitou novos

---

<sup>37</sup> Informações relativas à historiografia sobre o integralismo apresentadas a seguir estão presentes em: BERTONHA, João Fábio. Introdução. In. \_\_\_\_\_. **Bibliografia orientativa sobre o integralismo (1932-2007)**. Jaboticabal: Funep, 2010. p.1-11. & OLIVEIRA, op. cit., p.32-42.

questionamentos. A dissertação “Os Teuto-Brasileiros e o Integralismo no Rio Grande do Sul” de René Gertz foi a primeira pesquisa a trazer elementos regionais às discussões sobre o tema. Em Santa Catarina, René Gertz<sup>38</sup>, Luiz Felipe Falcão e João Henrique Zanelatto destacam-se ao estudar o integralismo considerando suas especificidades regionais.

Nos últimos anos, os estudos sobre o integralismo buscam dar conta de diversos temas que possuíram papel marginal nas discussões iniciais. Estes novos estudos permitem compreender de forma mais clara o funcionamento do integralismo, por exemplo: a mulher integralista, o antisemitismo integralista, os discursos e as memórias de e sobre integralistas, o militante de base, os símbolos, os ritos, os mitos e as mitologias políticas, etc..

A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi uma organização de extrema direita que cultuava a figura do Chefe Nacional (Plínio Salgado), o idealizador da AIB. O movimento pregava a centralização política nas mãos de um Estado com plenos poderes e contrário à pluralidade de partidos políticos. O lema deste modelo de Estado forte e centralizado (Estado Integral) era “Deus, Pátria e Família”<sup>39</sup>. O movimento foi fundado oficialmente em 7 de outubro de 1932 com o lançamento do documento “Manifesto de Outubro” e foi o primeiro partido político brasileiro com implantação nacional, distinguindo-se assim dos antigos partidos oligárquicos da República Velha que possuíam expressão regional e pouca inserção popular junto às classes médias urbanas<sup>40</sup>. O partido teve expressiva participação “no debate político dos anos 30 e, apesar de sua breve história, a AIB foi a mais importante organização fascista na história do Brasil. Sua organização também atraiu a participação de inúmeros intelectuais”<sup>41</sup>. A AIB existiu

---

<sup>38</sup> No 4º Capítulo - O Integralismo e os teutos no sul do Brasil- de sua obra, Gertz nos apresenta uma consistente revisão bibliográfica sobre os estudos com relação ao integralismo, sobretudo no que esta bibliografia abordou das relações entre o Integralismo e o Nazismo. GERTZ, René. O Integralismo e os teutos no sul do Brasil. In. \_\_\_\_\_. **O fascismo no sul do Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. p.111-202.

<sup>39</sup> OLIVEIRA, op. cit., P.25.

<sup>40</sup> MAIO, Marcos Chor; CYTRYNOWICS, Roney. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938). In. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs). **O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p.42

<sup>41</sup> DE FELICE, Renzo. **Explicar o fascismo**. Lisboa: edições 70, 1976; LAQUEUR, Walter. **Fascism. A Reader's Guide**. Penguin Books, 1976. Apud MAIO; CYTRYNOWICS, In. *Ibidem*. P.41-42

legalmente até dezembro de 1937, ano em que os partidos políticos são proscritos.

A fim de entender o contexto de surgimento da AIB, é necessário apontar que a formação de Plínio Salgado se dá em um momento de transformações na sociedade brasileira: desenvolvimento da indústria, formação de um proletário urbano, de busca e construção da identidade nacional por parte dos intelectuais, busca de soluções para problemas nacionais, dentre outros aspectos. Discutiremos algumas destas questões a seguir:

Sob o âmbito sócio-econômico, de acordo com Héglio Trindade, entre a Primeira Guerra Mundial e a crise de 1929, no Brasil ocorre uma fase importante de desenvolvimento da indústria. O número de estabelecimentos industriais duplica e a grande indústria começa a ser implantada. A crise de 1929 provocará a decadência do sistema agrário da 1ª República e permitirá o fortalecimento da economia industrial voltada para o mercado interno, dentro do processo de substituição das importações. Ocorre também um rápido processo de urbanização em torno das grandes cidades e a formação de um proletariado urbano<sup>42</sup>.

É necessário retrocedermos nossa análise para questões do final do século XIX a fim de compreender as ideias que influenciaram o pensamento social-brasileiro do início do século XX. Segundo Mônica Pimenta Velloso, na década de 1870 é possível encontrar debates que conformarão a cultura histórica moderna, a autora aponta: o positivismo de Comte, o evolucionismo de Darwin e Herbert Spencer, o intelectualismo de Hippolyte Taine e Renan. Estas idéias influenciarão de modo marcante a conformação do pensamento social-brasileiro até a década de 1930. Os intelectuais brasileiros, lendo estas ideias à luz da realidade brasileira as adotarão como chave interpretativa. Este instrumental científico será configurado como referencial que garantia passagem para a modernidade, assim, a partir de 1870, ideias novas irão irradiar-se por toda a sociedade, apesar do predomínio dos valores ruralistas, patriarcais e hierárquicos. A autora ressalta que, a partir desta renovação de ideias, o povo brasileiro deixava de ser visto de maneira abstrata ou romantizada, este tornava-se um tema de ordem reflexiva e começava a ser identificado na figura do indígena, do africano, do europeu e do mestiço<sup>43</sup>.

---

<sup>42</sup> TRINDADE, Héglio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30**. São Paulo, Rio de Janeiro: Difel, 1979. p.7-12.

<sup>43</sup> VELLOSO, Mônica Pimenta. **História e Modernismo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. P.39-42. Por exemplo, as obras “Os cantos populares do Brasil” (1883) e “Contos

Neste contexto, ainda de acordo com Velloso, desde o final do século XIX existe um esforço por parte de escritores e artistas latino-americanos em prol da renovação nacional dos temas e das formas artísticas, deslançando movimentos literários modernistas. Havia uma demanda de “tornar-se novo”, o que não significava um abandono das tradições, e sim a construção de vínculos de pertencimento com o repertório das tradições populares, unindo aspectos originais e imprevisíveis de uma realidade ainda não desvelada. No entanto, somente a partir de uma leitura crítica das influências é que as tradições poderiam ser assimiladas e traduzidas.

Os intelectuais modernistas brasileiros estavam voltados para a singularidade brasileira buscando entendê-la na articulação do conjunto civilizatório, e também num processo de atualização cultural, um compromisso interpretativo com as tradições. Tendo em vista que movimentos culturais relacionados ao advento de uma sensibilidade modernista ocorriam desde o início do século XX em variados locais, temporalidades e espaços, a experiência foi extremamente rica, complexa e diferenciada, pois, abarcou nos seus vários momentos configurações e espaços, diferentes regiões, cidades e metrópoles<sup>44</sup>.

Sobre o modernismo latino-americano pode-se dizer também, de acordo com Patrícia Funes, que os intelectuais conectados a este movimento condenavam a irrupção das massas no cenário da história. Eles autorepresentavam-se como arautos do novo e das mudanças,

---

populares do Brasil” (1885), nas quais Sílvio Romero elaborava um inventário das tradições populares com base nos critérios etnográficos e geográficos; em “Os sertões” (1902), Euclides da Cunha elegeu o sertanejo como símbolo da nacionalidade e explanava sobre os mesmos estarem afastados três séculos do litoral, ou seja, uma dimensão do Brasil marcado por distintas temporalidades. Estes dois autores alertaram para a inserção do regional (neste caso o Nordeste) na nacionalidade. cf. *Ibidem.*, p. 42-46.)

<sup>44</sup>VELLOSO, op. cit., *Passim*. A autora frisa que a Semana de Arte Moderna (que ocorreu em São Paulo entre os dias 12 e 17 de fevereiro de 1922) muitas vezes é tomada como marco fundador do Modernismo brasileiro. Esta nomenclatura e circunscrição do Modernismo aos limites deste único acontecimento mistifica a pluralidade e riqueza do modernismo, pois, este movimento não se restringiu ao eixo Rio-São Paulo, e sim irradiou-se por vários estados Brasil que não condiziam necessariamente com o perfil urbano e industrial-tecnológico de São Paulo. Esta visão tradicional traz o entendimento do Modernismo enquanto movimento cultural organizado e dirigido exclusivamente por uma vanguarda artístico-intelectual, o que restringe a dinâmica participação de outros indivíduos e grupos sociais. Deste modo, a autora prefere adotar o termo “modernismos”, capaz de enfatizar o caráter complexo da experiência modernista. Cf. *Ibidem*. p.23-29.

sendo os responsáveis pelo destino do conjunto da sociedade. Além disso, sentiam-se incumbidos de uma missão redentora: salvar a nação<sup>45</sup>.

Destacamos a mudança que ocorre na forma de conceber o papel do intelectual neste período: Velloso afirma que os intelectuais brasileiros se auto-elegeram executores da missão de encontrar a identidade nacional, rompendo com um passado de dependência cultural. O intelectual deveria direcionar suas reflexões para os destinos do país, considerando este momento de luta e engajamento da qual não se deve falar de si, mas sim da nação brasileira<sup>46</sup>.

O líder nacional, Plínio Salgado, fará parte de um grupo modernista chamado Verde-Amarelo (junto de Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia e Cândido Motta Filho). Este grupo, inspirado na teoria dos dois Brasis, o legal (litoral) e o real (interior), identificará o interior com a brasilidade e autenticidade, em contraposição com o litoral, visto como cosmopolita e artificial. Em 1927, Plínio Salgado irá publicar na antologia “O curupira e o carão” – junto de Cassiano Ricardo e Menotti Del Picchia-, textos sobre sua concepção estética moderna. Nesta obra, o mesmo irá defender a visão regionalista da brasilidade, entendendo-a como defesa necessária das fronteiras contra a invasão das ideias cosmopolitas<sup>47</sup>.

Velloso destaca que a Primeira Guerra Mundial teve grande impacto e que a crise de valores do cenário europeu teve diversos reflexos no Brasil. Modificado o quadro internacional, alterou-se, conseqüentemente, a configuração da parte do Brasil. Nesta conjuntura, os intelectuais brasileiros passarão a exprimir a idéia da velha e da nova civilização: o Brasil é considerado um organismo jovem e sadio, enquanto a Europa é a nação decadente que deve ceder lugar à América triunfante. Ao encontro desta discussão, a palavra de ordem neste período era “criar a nação”. Neste sentido, surge num lugar de relevo o problema da identidade nacional, acompanhado de um esforço por parte da elite intelectual em encontrar um tipo étnico específico capaz de representar a nacionalidade<sup>48</sup>.

Além disso, conforme João Fábio Bertonha afirma: desde o final do século XIX e início do XX existiram críticas por parte de setores da intelectualidade e da classe política brasileira sobre a subordinação do

---

<sup>45</sup>FUNES, Patrícia. **Salvar la nación intelectuales, cultura y política en los anos veinte latinoamericanos**. Buenos Aires: Prometeo, 2006. Apud. VELLOSO, op. cit., p.30

<sup>46</sup>VELLOSO, Mônica Pimenta. A Brasilidade Verde-Amarela: nacionalismo e regionalismo paulista. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.6, n.11, 1993, p.89-90.

<sup>47</sup>VELLOSO, op. cit., 2010. P. 92-98.

<sup>48</sup>VELLOSO, op. cit., 1993. p.89-90

Brasil ao capitalismo estrangeiro, medo das agitações operárias e a defesa de um Estado forte como alternativa ao precário sistema liberal da Primeira República. Com a eclosão do conflito e, sobretudo, com a participação brasileira, a temática do nacionalismo invadiu a agenda nacional.

Ficou claro o despreparo brasileiro em termos de coesão nacional para participar de um conflito deste tamanho. Neste momento, nos meios civis há a formação de ligas e associações nacionalistas, dentre elas a Liga de Defesa Nacional (fundada em 1916, no Rio de Janeiro, por Olavo Bilac) e a Liga Nacionalista (que surgiu em São Paulo em 1916, liderada por Júlio de Mesquita Filho). Bertonha ressalta que, apesar destas organizações se dissolverem com o fim do conflito, suas ideias influenciaram outros grupos e pensadores na política e cultura brasileira desde os anos vinte até 1945, dentre eles o Integralismo<sup>49</sup>.

Além disso, de acordo com Trindade, sobre o nacionalismo dos anos vinte:

(...) este nacionalismo constitui-se na atmosfera intelectual que vai modelar o pensamento do Chefe integralista. O nacionalismo cívico e econômico tornar-se-á com o integralismo, na década de 1930, mais radical e a revolução modernista lhe acrescentará uma nova dimensão: a exaltação pelo retorno às origens do povo brasileiro<sup>50</sup>.

A questão da organização nacional passa a figurar como tema obrigatório no debate intelectual, com a política adquirindo um papel fundamental nesta reflexão. Um dos principais guias dessa nova geração

---

<sup>49</sup> BERTONHA, João Fábio. **A primeira guerra mundial: o conflito que mudou o mundo (1914-1918)**. Maringá: Eduem, 2011. p.112-115. Neste sentido, de acordo com Velloso: “A visão pessimista do ser nacional, o atraso econômico do Brasil e os problemas racial e climático são repensados em função das modificações determinadas pelo panorama internacional. Verifica-se, então, uma tentativa de reverter a situação. Os fatores negativos atribuídos à nossa civilização não o são, na realidade. Se aparecem assim é porque as elites brasileiras se pensaram e pensaram o seu país de acordo com a mentalidade européia. E se esta demonstra sua falência, sua inaptidão para gerir a comunidade internacional, não há mais sentido em continuar tomando-a como modelo”. VELLOSO, op. cit., 1993. p.91.

<sup>50</sup> TRINDADE, op. cit., p.26

será Alberto Torres<sup>51</sup> (1865-1917), sobretudo pelo tom de urgência de sua obra e pela ênfase conferida à questão nacional<sup>52</sup>. De acordo com Clarice Caldini Lemos, no campo intelectual brasileiro do início do século XX, Alberto Torres mostra-se como uma das figuras fundamentais<sup>53</sup>.

Dentre às ideias de Torres, é possível destacar: o papel do Estado enquanto órgão central de todas as funções sociais; que a nação brasileira deveria ser criada pelo Estado; transformação da crítica ao liberalismo em bases para a construção de um pensamento autoritário<sup>54</sup>. Trindade expõe também que este intelectual é considerado na época o melhor intérprete contra a dominação estrangeira, concitando o governo a varrer do território nacional o capitalismo cosmopolita, considerado o grande problema nacional. Torres será redescoberto pela geração intelectual e política dos anos 30, tornando-se um dos autores mais admirados pelos integralistas<sup>55</sup>.

O Centenário da Independência (1922) foi outro momento de inflexão. De acordo com Lemos, a realização de um balanço dos cem anos de nação livre, vista com seu atraso e marcada por descontentamento, engendrou novas e variadas interpretações para o Brasil. Nos livros, revistas e jornais havia um desejo de compreensão do país, uma busca de pensá-lo e, especialmente, salvá-lo, nos diferentes projetos de nação<sup>56</sup>. A autora ressalta que:

Os anos de 1920 foram decisivos para a formação de uma corrente de pensamento autoritária e nacionalista, uma vez que uma série de eventos reforçou a sensação de que o modelo político instaurado na república, o liberal-oligárquico, era incapaz de gerir propriamente o país<sup>57</sup>.

---

<sup>51</sup> Alberto Torres escreveu sua obra após ter exercido diversos cargos públicos: foi Ministro do Supremo Tribunal Federal, Ministro do Interior e, entre 1896 e 1900, presidente do Rio de Janeiro.

<sup>52</sup> SADECK, Maria Teresa, **Machiavel, machiavéis: a tragédia octaviana**, São Paulo, Símbolo, 1978, p. 85. Apud. VELLOSO, op. cit., 1993. p.90.

<sup>53</sup> LEMOS, Clarice Caldini. **Os Bastiões da Nacionalidade: nação e nacionalismo nas obras de Elysis de Carvalho**. Dissertação (mestrado em história). PPGH UFSC. Florianópolis SC, 2010. P.84-85.

<sup>54</sup> Idem & SOUZA, Ricardo Luiz de. Nacionalismo e autoritarismo em Alberto Torres. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 7, nº13, jan/jun 2005, p.304.

<sup>55</sup> TRINDADE, op. cit., p.20-21.

<sup>56</sup> LEMOS, op. cit., p.77.

<sup>57</sup> Ibidem., p.78.

Trindade também ressalta a influência das ideias fascistas europeias para a ascensão de ideias radicais de direita no Brasil. O autor afirma que existe uma receptividade das ideias autoritárias na década de 1930, isto se comprova também com a publicação de uma série de livros analisando a situação política brasileira numa perspectiva antiliberal e o aparecimento de várias revistas e movimentos ideológicos de orientação política fascista. A força e importância desses grupos é desigual, mais tarde, a maior parte destes grupos políticos ou intelectuais irão se amalgamar na AIB<sup>58</sup>.

Em suma, deve-se levar em consideração tais fatores a fim de compreender o contexto de gênese do Integralismo: o momento de discussões sobre o nacional; o nacionalismo; a difusão de ideias autoritárias; a circulação de ideias fascistas; o engajamento dos intelectuais etc..

É importante destacar que o lançamento da AIB (outubro de 1932) ocorre num momento político marcado por imprevisibilidades. De acordo com alguns autores, de 1930 a 1937 há um terreno de indefinições que favoreceu o surgimento de projetos radicais e mobilizadores que tentaram galvanizar a sociedade com a idéia de mudança. As principais propostas eram a Aliança Nacional Libertadora (ANL) e a Ação Integralista Brasileira (AIB)<sup>59</sup>. Segundo Trindade, posteriormente ao entusiasmo dos tempos que sucederam à vitória da revolução de 1930, há um vazio político devido a ausência de uma definição ideológica por parte do Governo Provisório<sup>60</sup>.

De acordo com Marilena Chauí, os primeiros anos do governo de Vargas (a partir de 1930) foram de indefinição, gerando temores dos mais distintos, especialmente entre os setores médios. Havia entre 1930-32 uma crise conjuntural representada por três riscos: 1) fortalecimento das oligarquias regionais e a luta dos estados pela hegemonia federal, resultando no enfraquecimento do governo central, no aumento do regionalismo dos opressores e o internacionalismo dos oprimidos; 2) volta de um governo central fraco incapaz de conter as lutas econômicas internas e traçar planos para uma política e economia nacionais; 3)

---

<sup>58</sup> TRINDADE, op. cit., p.97.

<sup>59</sup> MAIO; CYTRYNOWICS, op. cit., p.41 Para outro texto que ressalta as diversas disputas, continuidades e rupturas que ocorreram entre 1930 e 1937, cf. PANDOLFI, Dulce Chave. *Os anos 1930: as incertezas do regime*. In. FERREIRA; DELGADO, op. cit., p.15-35.

<sup>60</sup>TRINDADE, op. cit., p.77-78.

retorno da “demagogia parlamentar” ou a “ditadura arbitrária” de alguns<sup>61</sup>.

Neste temor do separatismo das oligarquias e internacionalismo dos trabalhadores, apresentava-se como saída para essa crise conjuntural:

o fortalecimento do Estado nacional considerando-o o único defensor da nação; controle das classes que se organizariam em corporações profissionais; voto corporativo; economia subordinada ao planejamento estatal; limites ao capital estrangeiro; combate ao comunismo; oposição às ideias estrangeiras, fortalecendo a cultura nacional; implementar nas escolas em todos os níveis a brasilidade e o civismo; censura aos meios de comunicação e o disciplinamento da população para o trabalho e aos princípios da moral cristã. O discurso integralista respondia, à sua maneira, às inquietações que amplos setores da sociedade tinham do processo político<sup>62</sup>.

Neste sentido, Héglio Trindade aponta as principais motivações para a adesão ao integralismo: 1) o anticomunismo<sup>63</sup> que imperava na sociedade brasileira – apresentando-se como principal motivo; 2) a simpatia pelo fascismo europeu – mesmo não havendo atração pelos regimes fascistas, os militantes mostravam-se pelo menos sensíveis à luta desencadeada por estes movimentos contra o liberalismo e o comunismo (o que reforça o parentesco ideológico entre o integralismo e o fascismo); 3) o nacionalismo latente na sociedade brasileira desde o advento da República – este estaria sempre presente na ideologia, tanto no plano afetivo como no intelectual, o nacionalismo teria também um papel central na radicalização nacionalista dos anos 30; 4) a oposição ao

---

<sup>61</sup> Chauí está abordando neste momento ideias escritas por Miguel Reale. CHAUI, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In. \_\_\_\_\_; FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. **Ideologia e mobilização popular**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Centro de Estudos Contemporâneos, 1978. P. 133-134.

<sup>62</sup> CHAUI, op. cit., p.133-135. Apud. ZANELATTO, op. cit., 2012. p.43.

<sup>63</sup> Muita desta importância atribuída ao anticomunismo ocorre devido a inspiração anticomunista dos movimentos fascistas europeus, pois, a força política do P.C.B. foi muito secundária até 1935, ano do surgimento da Aliança Nacional Liberadora (A.N.L.). TRINDADE, op. cit., p.152.

sistema político – o combate à democracia liberal encarnada nas instituições republicanas era uma das principais preocupações da AIB<sup>64</sup>.

## 1.2 Sobre o líder fundador da AIB, Plínio Salgado:

O fundador e chefe da AIB foi Plínio Salgado. Ele nasceu em 1895 na cidade de São Bento do Sapucaí (São Paulo) e faleceu em 1975. Em sua trajetória, exerceu inúmeras atividades: foi professor, jornalista (foi redator principal do jornal “Correio de São Bento”, fundado em 1916), escritor, exerceu funções no meio político, entre outras. Sua formação ocorreu nesta sociedade em transição dos anos 20.

Sua atividade política iniciou-se na Primeira República em âmbito local, mais tarde desenvolvendo-se no âmbito regional, atuando no Partido Republicano Paulista (P.R.P.). Salgado desenvolve sua formação intelectual de maneira autodidata, lendo muito, especialmente obras filosóficas. Começa a se interessar também pela obra de Farias Brito (1862-1917), o que lhe aproxima da concepção espiritualista do mundo de Jackson de Figueiredo<sup>65</sup>.

É possível destacar alguns elementos do pensamento de Salgado durante a década de 20, dentre eles estão:

aversão ao liberalismo e ao sistema político partidário; antiimperialismo (anti-capitalista naquilo que se refere ao ingresso de capital externo, mas não apresenta críticas ao capitalismo nacional); apelo religioso; anticomunismo e antimaterialismo, e principalmente um nacionalismo ufanista, exacerbado e também xenofóbico, oposição entre ‘sertão’ e ‘litoral’<sup>66</sup>.

<sup>64</sup> TRINDADE, op. cit., p.152-153.

<sup>65</sup> *Ibidem.*, p.35-38. Com o advento da Primeira República, após a separação da Igreja e do Estado e depois da 1ª Guerra Mundial, há um movimento de renovação espiritual que sensibilizou grande parte dos intelectuais. O filósofo Farias Brito (1861-1917) figura como personagem principal, contribuindo com sua crítica filosófica ao pensamento dominante da época. Seus livros possuem grande influência sobre a jovem geração católica, sobretudo Jackson de Figueiredo (ator central desta renovação). Farias Brito manifesta críticas em relação à democracia liberal e ao socialismo, apesar de pouco interessado pela filosofia política. Jackson de Figueiredo, católico ardoroso, é contrarrevolucionário e combatente, defensor da ordem e da autoridade, nacionalista radical, combatente da ameaça protestante, a maçonaria e dos judeus que controlam o capitalismo internacional. cf. *Ibidem.*, p.30-34.

<sup>66</sup> OLIVEIRA, op. cit., p.97-8. Já em 1918, quando Salgado (que na época morava em São Bento do Sapucaí) fazia parte do Partido Municipalista, o mesmo pronunciou conferências nas

Nesse momento, segundo alguns autores, seus pontos de formação política entram em contradição com sua atuação política, pois, o mesmo estava dentro da estrutura liberal do Partido Republicano Paulista e sua produção devia-se a contatos que fez enquanto redator do órgão oficial do PRP. Desta forma, as ideias que defendia eram exatamente opostas àquelas que Salgado, enquanto funcionário do Partido (que chegou a se eleger deputado estadual de 1928 a 1930) era obrigado a aceitar. Segundo Oliveira, esta oposição entre o discurso e a prática é um anacronismo, pelo menos o era nos anos de 1920<sup>67</sup>.

Isto pode parecer contraditório, no entanto, é preciso ter em vista que Salgado estava vinculado por tradição política paterna à Primeira República, pois, seu pai fora chefe político local e que, desde 1918, Plínio já começara a participar de partidos políticos locais. Mais tarde sua ação política irá se desenvolver no âmbito regional no PRP. Tendo em vista esta conexão, o peso do seu passado político deve ter contribuído também para integrar-se com grupos oligárquicos tradicionais. Sua ligação com o PRP permanecerá até 1930.

Com a vitória do movimento de 1930 e o rompimento do sistema político dominante, Salgado optou por um novo engajamento ideológico, também sob o impacto da experiência modernista. Esta tendência irá predominar em Salgado após ter participado de uma tentativa frustrada de renovação do PRP<sup>68</sup>.

Não podemos afirmar que o integralismo já estava gestado apenas na produção literária e jornalística na década de 1920. “Eles são fundamentais, sem os quais a AIB não existiria, mas é o caráter fascista da década seguinte que vai dar uma coesão ao pensamento de Plínio Salgado”<sup>69</sup>. Deste modo, o elemento aglutinador de seu pensamento virá

quais se podia perceber aspectos de seu pensamento como: a exaltação nacionalista e o destaque da luta como fonte de energia das nações. Para outras informações deste período da formação de Salgado cf. TRINDADE, op. cit., p. 37-39.

<sup>67</sup> OLIVEIRA, op. cit., p. 97

<sup>68</sup> TRINDADE, op. cit., p.35.

<sup>69</sup> Sobre o fascismo, de acordo com a obra de Chatelêt *et al*, pode-se apontar algumas características desse movimento: seu componente de massa, isto é, o apoio de uma mobilização popular: a luta por um Estado forte que não seja limitado pelo direito; a presença de um chefe carismático; o uso das corporações para permitir ao Estado estender seu controle sobre a sociedade subordinada; a política objetivando estender sua dominação sobre todas as esferas da vida. CHATELÊT, François; *et al.* **História das ideias políticas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1985. P.236-241.

na década de 30 em viagem que fez à Europa - de abril a outubro de 1930 - onde conheceu a experiência fascista<sup>70</sup>.

Hélgio Trindade afirma:

Não pretendemos afirmar que o integralismo tenha sido exclusivamente fruto de um mimetismo ideológico (a tradição do pensamento político autoritário brasileiro contribuiu também decisivamente para a formação da doutrina), mas a influência do fascismo europeu foi, sem dúvida, crucial na configuração da A.I.B. enquanto movimento político. O fascismo brasileiro teria podido se desenvolver, no Brasil da década de 30, com características diferentes, tanto ao nível do discurso ideológico, como da organização. A realidade, porém, foi outra. Sem excluir a existência de outras formas possíveis do fascismo na América Latina, o estudo da Ação Integralista nos leva a concluir que os aspectos centrais de sua ideologia, a forma de organização altamente hierarquizada, o estilo carismática e autocrático do poder do Chefe e, inclusive, os rituais do movimento não se podem explicar sem a influência do modelo europeu de referência externo<sup>71</sup>.

Quando retornou ao Brasil dessa viagem à Europa, Salgado dedicou-se ao jornalismo político, não considerando oportuno fundar o integralismo. Em meados de 1931, com a fundação do jornal paulista “A Razão”, tornou-se o seu principal redator<sup>72</sup>. Foi este órgão que permitiu a Salgado arregimentar intelectuais para a criação da Sociedade de

---

<sup>70</sup> OLIVEIRA, op. cit., p.97-98.

<sup>71</sup> TRINDADE, op., cit., p.278. Em uma carta escrita por Salgado é comentado sobre sua entrevista com o *Duce*, está escrito: “Contando eu a Mussolini o que tenho feito, ele achou admirável o meu processo, dada a situação diferente de nosso país. Também como eu, ele pensa que, antes da organização de um partido, é necessário um movimento de ideia. (...) Refleti sobre a necessidade que temos de dar ao povo brasileiro um ideal que o conduza a uma finalidade histórica. Essa finalidade, capaz de levantar o povo, é o Nacionalismo impondo ordem e disciplina no interior, impondo a nossa hegemonia na América do Sul.” Ibidem., p.75. Neste sentido, Gertz também aponta que que o Integralismo “pode ter sido (e foi) ideologicamente influenciado pelo nazismo (...)” GERTZ, op. cit., p.132.

<sup>72</sup> TRINDADE, op. cit., p.73.

Estudos Políticos (SEP)<sup>73</sup> e, por conseqüência, a AIB. Este jornal foi fundado por Alfredo Egídio de Souza Aranha, que era amigo de longa data de Plínio Salgado e seu antigo patrão.

Nesse periódico, Plínio Salgado era responsável pela principal coluna, chamada “Nota Política”, que possuía a função de editorial. Apesar do jornal não ter chegado a um ano de existência, a coluna de Plínio Salgado foi essencial para serem estabelecidas as bases ideológicas da AIB<sup>74</sup>. Por meio da análise de sua coluna, Rodrigo Santos Oliveira expõe que para Salgado:

a imprensa seria a responsável pela construção de uma concepção nacional e identidade nacionalista, através da formação da população e do controle, por meio do jornalismo, da opinião pública. Em resumo, a imprensa teria um duplo papel, teorizar a ideologia e, a partir daí, doutrinar a população<sup>75</sup>.

Plínio Salgado usou “A Razão” para difundir suas ideias e é através deste periódico que ele estabelece contato com os primeiros adeptos que o auxiliarão a criar a SEP e lançar o “Manifesto de Outubro”, que oficializa a AIB<sup>76</sup>. Segundo Oliveira, neste manifesto não existe nenhum elemento, mesmo que tratado de forma superficial, que não tenha sido trabalhado em um dos trezentos editoriais de Salgado no periódico citado<sup>77</sup>. No “Manifesto de outubro”<sup>78</sup> estão as ideias matrizes do integralismo, de acordo com João Henrique Zanelatto:

a inspiração cristã na concepção de universo e do homem, o nacionalismo (anticapitalista e anticomunista) o princípio da autoridade que envolve hierarquia, confiança e respeito, a crítica à organização dos partidos políticos, a questão social, a família e a nação, vinculados a um

<sup>73</sup> Para mais informações sobre a SEP. cf. TRINDADE, op. cit., p.116-123.

<sup>74</sup> OLIVEIRA, op. cit., p.99-100. De acordo com Trindade, “Redigindo uma ‘nota política’ diária, [Salgado] procura ativar a consciência dos meios políticos e intelectuais, o que conduzirá um grupo a fundar, sob a sua inspiração, em 1932, a Sociedade de Estudos Políticos (S.E.P.), antecâmara do Integralismo.” TRINDADE, op. cit., p.73.

<sup>75</sup> OLIVEIRA, op. cit., p.106

<sup>76</sup> Ibidem., p.134

<sup>77</sup> Ibidem., p.130.

<sup>78</sup> É possível encontrar o manifesto de outubro no seguinte endereço eletrônico: Frente Integralista Brasileira. Disponível em <<http://www.integralismo.org.br/?cont=75>>. Acesso em 12/07/2013.

Estado forte; o município como conjunto das famílias e célula da nação, e finalmente, o Estado Integral. Sintetizando, podemos dizer que o Manifesto de 1932 propõe: o municipalismo, o sindicalismo corporativista, o antifederalismo, o nacionalismo tradicional e espiritualista voltado para a modernização a partir dos instrumentos proporcionados pelo estado ‘revolucionário’, o estado integralista<sup>79</sup>.

### 1.3 AIB: a organização em âmbito nacional

De acordo com o periódico “Monitor Integralista”, no final de 1933 a AIB contava com 20 mil inscritos, em 1934 passou para 180 mil, em 1935 para 380 mil, em 1936 chegou a 918 mil e em 1937 a AIB contava com mais de um milhão de adeptos<sup>80</sup>. Mesmo que esses dados contenham certo grau de exagero e possam ser contestados, não se pode negar o crescimento da AIB em todo o Brasil<sup>81</sup>. Em Santa Catarina, apesar de ser um Estado pequeno, com 1 milhão dos 40 milhões de habitantes do Brasil, havia nele o terceiro maior contingente de filiados à AIB, só perdendo para São Paulo e Bahia<sup>82</sup>.

Com relação ao conjunto da estrutura social da AIB, Trindade sintetiza esta composição através de uma pirâmide formada de três camadas, conforme o grau de participação nacional, regional ou local. A “camada superior” – dirigentes nacionais – é integrada exclusivamente por membros da burguesia e média burguesia, sob a supremacia das elites intelectuais. A “camada média” – dirigentes regionais – possui a predominância da média burguesia intelectual que, com a burguesia e média burguesia dos oficiais, ocupa quase os três quartos dos postos de direção. Neste nível, a participação das camadas populares e da pequena burguesia não ultrapassa um quarto do total. A “camada inferior”, composta pela pequena burguesia e as camadas populares, forma globalmente os três quartos do total dos militantes locais<sup>83</sup>.

A AIB entre outubro de 1932 e o início de 1934 passou por um período de consolidação. Em fevereiro de 1934 foi realizado o

<sup>79</sup> ZANELATTO, op. cit., p.45.

<sup>80</sup> MONITOR INTEGRALISTA, 7 de outubro de 1937, Ano V, n. 22, p.4 Apud. ZANELATTO, op. cit., p.38

<sup>81</sup> Ibidem., p.38.

<sup>82</sup> GERTZ, op. cit., p.172.

<sup>83</sup> TRINDADE, op. cit., p.137.

Congresso de Vitória, no estado do Espírito Santo, no qual os integralistas organizaram a sua estrutura diretiva. Neste Congresso foram aprovados os seus estatutos e estabelecidas as diretrizes básicas dos “camisas-verdes”, a milícia partidária foi criada e a definição da posição integralista sobre a religião. Os seguintes departamentos foram elaborados nesse congresso: Doutrina, de Propaganda, de Milícia, de Cultura Artística, de Finanças e de Organização Política. Também foi definido com maior precisão o estatuto do Chefe Nacional<sup>84</sup>.

O ano de 1936 é considerado como o “Ano Verde” dentro da historiografia relativa ao integralismo, pois marcou grande crescimento físico do partido. É neste momento também que foi abandonada a concepção revolucionária por uma perspectiva de tomada do poder legalmente, através das eleições presidenciais. Houve, portanto, a necessidade muito maior de consenso. Este crescimento também poderá ser observado na imprensa integralista, por exemplo: o periódico “A offensiva” passou a ser diário e foi fundado o periódico “Acção” em São Paulo por Miguel Reale<sup>85</sup>.

A AIB obteve o registro de partido político junto ao Superior Tribunal de Justiça Eleitoral em setembro de 1937. Plínio Salgado foi escolhido candidato do partido à presidência da República por meio de um plebiscito interno para participar das eleições que deveriam ocorrer em 1938, frustradas pelo golpe do Estado Novo. Em dezembro de 1937 a AIB foi extinta como as demais agremiações políticas.

Para continuar na legalidade devido à nova conjuntura estadonovista, organizou-se novamente como uma sociedade civil (como a antiga SEP) que teve a denominação de Associação Brasileira de Cultura (ABC)<sup>86</sup>. A ABC tinha como presidente Plínio Salgado e até maio de 1938 atuou como campanha doutrinária, após este período, a tática educativa foi substituída pela violência para a tomada do poder.

Luiz Felipe Falcão aponta que, com o Golpe de 37, Vargas demonstrou rapidamente que não desejava ou não poderia incorporar a AIB na arquitetura institucional. Restava aos integralistas a escolha entre uma resignação passiva ou uma sublevação temerária. Apesar de muitos terem escolhido a primeira alternativa, outros tantos, inconformados com o que julgavam ser uma traição de Vargas,

---

<sup>84</sup>CALIL, Gilberto Grassi. **O integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p.54. Apud. OLIVEIRA, op. cit., p.27.

<sup>85</sup>OLIVEIRA, op. cit., p.274.

<sup>86</sup>CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**. Bauru: EDUSC, 1999. p. 18.

articularam uma sublevação com o endosso acanhado da direção integralista<sup>87</sup>.

Em maio, um grupo de integralistas realizaram um atentado a Vargas no Palácio Guanabara (conhecido como a “Intentona Integralista”). Este ataque foi totalmente dominado e resultou numa intensa campanha contra o Integralismo, com prisão e exílio de seus líderes (Salgado foi preso e no ano seguinte exilado para Portugal, só retornando ao país em 1945 com o fim do Estado Novo<sup>88</sup>).

Apesar disso, concordamos com Rosa Maria Feiteiro Cavalari: “Fracassada ou não, a A.I.B. configurou-se, em um curto período de tempo, como uma possibilidade histórica de implantação de um tipo determinado de Estado autoritário”<sup>89</sup>. Neste sentido, segundo Thompson:

Nosso conhecimento [histórico] não fica (esperamos) por isto aprisionado nesse passado. Ele nos ajuda a conhecer quem somos, porque estamos aqui, que possibilidades humanas se manifestaram, e tudo quanto podemos saber sobre a lógica e as formas de um processo social<sup>90</sup>.

#### 1.4 A AIB em Santa Catarina e os Estudos Regionais

O integralismo começou a ser organizado em Santa Catarina a partir de 1934. Seu crescimento ocorreu rapidamente, em especial nas zonas de colonização alemã e italiana no Vale do Itajaí e norte do Estado<sup>91</sup>, tornando-se uma das principais alternativas de oposição frente

---

<sup>87</sup> FALCÃO, op. cit., p.166.

<sup>88</sup> CAVALARI, op. cit., p.19-20. Ressaltamos que existem outros debates e questões com relação aos impactos, apoio da direção integralista e recepções sobre este Levante de 38.

<sup>89</sup> *Ibidem.*, p. 35.

<sup>90</sup> THOMPSON, E. P.. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar editores S. A. 1981. p.57-58.

<sup>91</sup> Gertz ressalta que a maior concentração de integralistas encontrava-se nos municípios coloniais. Ele afirma: “Já se evidenciou que o sucesso eleitoral integralista nas eleições municipais de 1936 restringiu-se a estes municípios [nota de roda-pé: Os integralistas venceram em Blumenau, Joinville, São Bento, Rio do Sul, Jaraguá do Sul, Timbó, Hamonia. Numa eleição posterior ainda venceram em rodeio, município recém-criado e desmembrado de Timbó]. Uma estatística integralista deste ano indicava que, de um total de 32.898 inscritos na AIB em 39 municípios do estado, 23.646 (71,8%) residiam em 8 municípios típicos de imigração alemã.” GERTZ, op. cit., p. 172-173. Para os dados, o autor cita: KÜHNE, *O integralismo nazi-fascista em Santa Catarina*. p.142-143.

aos grupos políticos que estavam no comando do poder estadual. No sul do estado, a difusão do integralismo ocorreu não só entre imigrantes e descendentes de italianos e alemães, mas também entre os luso-brasileiros estabelecidos antes da chegada dos italianos e alemães<sup>92</sup>.

Em Florianópolis, apesar desta cidade possuir a sede da Chefia Provincial da AIB em Santa Catarina (tendo como chefe provincial Othon Gama d’Eça) o integralismo não conseguiu grande expressão: nas eleições para prefeito de 1936, dos 4.171 votos totais, em Florianópolis o integralismo recebeu somente 202<sup>93</sup>. Além disso, também não é possível encontrar muitos estudos sobre a experiência integralista nessa cidade.

De acordo com René Gertz, a AIB “começou a estruturar-se em Santa Catarina no início de abril de 1934, quando, por iniciativa de Othon Gama D’Eça, Antonio Portini e Carlos Seabra, constituiu-se o primeiro núcleo em Florianópolis”<sup>94</sup>. Para Luís Felipe Falcão, a partir de janeiro de 1934 começou a ser organizado o integralismo em SC: “um pequeno grupo de homens, reunidos em Itajaí, decidiu fundar um núcleo municipal da Ação Integralista Brasileira (...)”<sup>95</sup>. O autor afirma que as evidências disponíveis fazem crer que o integralismo chegou em Santa Catarina por diferentes caminhos.

Falcão aponta alguns integralistas de destaque em SC: Juventino Linhares (proprietário do jornal “O Farol”, católico fervoroso); Carlos Remor (dirigente da AIB em Laguna); José Vieira da Rosa (general reformado e nomeado em 1937 chefe arquiprovincial da região integralista reunindo Rio Grande do Sul e Santa Catarina); Othon Gama Lobo D’Eça (advogado, Chefe Provincial); Heráclito Carneiro Ribeiro (integrou a “Câmara dos Quatrocentos” – um dos órgãos de direção nacional do integralismo<sup>96</sup>); Salvio de Sá Gonzaga (também integrou a “Câmara dos Quatrocentos”). O autor conclui:

Todos eram muito religiosos e possuíam antecedentes de envolvimento político, o que

---

<sup>92</sup> ZANELATTO, op. cit., p.37-39.

<sup>93</sup> De acordo com tabela elaborada por Zanelatto a partir do jornal República, Florianópolis, em março de 1936.apud. Ibidem., p.252.

<sup>94</sup>BLUMENAUER ZEITUNG, 5.4.1934. apud. GERTZ, op. cit., p.179.

<sup>95</sup> FALCÃO, op. cit., p.123

<sup>96</sup> De acordo com Trindade, a Câmara dos Quatrocentos faz parte de um conjunto de órgãos de cooperação com a chefia nacional. Esta Câmara foi “formada em julho de 1937 e composta de militantes das diversas ‘provincias integralistas’, poderia transformar-se na Câmara Corporativa do período transitório, antes da implantação do sistema de corporações”. TRINDADE, op. cit., p.175-176.

sugere terem sido inspirados por autores como Jackson de Figueiredo e Alceu de Amoroso Lima (Tristão de Ataíde), que buscaram instituir nas décadas de 1920 e 1930 um nacionalismo de orientação católica, visando estabelecer o que seriam as autênticas tradições brasileiras e visceralmente anticomunista<sup>97</sup>.

Outra perspectiva sobre o início da AIB encontra-se no livro “Os comunas” – tal livro é resultado de conversas com membros do Partido Comunista Brasileiro (PCB), sobretudo com o veterano comunista Manoel Alves Ribeiro, o “Mimo”. É dito que a AIB foi fundada em Santa Catarina em março de 1934, com o chefe do Estado-maior da milícia da AIB (Capitão Olímpio Mourão) e com a presença de um “triumvirato dirigente”: Othon Gama d’Eça, Antônio Bottini e Carlos Sada. A organização nasceu em uma reunião realizada às onze horas da manhã no prédio número cinco da praça XV de Novembro. “Essa organização, que nasceu pequena, em dois anos conseguiria eleger 72 vereadores em praticamente todas as cidades do estado, além de oito prefeitos, entre os quais os de Joinville e Blumenau, já importantes centros industriais. O autor afirma que Othon Gama d’Eça foi escolhido por Plínio Salgado para chefiar o movimento no estado<sup>98</sup>.”

Com relação aos estudos sobre o Integralismo em Santa Catarina, destaca-se o de René Gertz que divergiu das análises anteriores que colocavam a variável étnica como principal explicação para o crescimento da AIB entre os imigrantes e seus descendentes.

De acordo com o autor:

todos os estudos citados [anteriormente], explicitamente ou não, colocam a variável étnica como determinante quase exclusiva para explicar tudo o que aconteceu nas regiões de colonização alemã no sul do Brasil. (...) Ninguém se lembra de que a sociedade nestas regiões também possuía uma estratificação social e que ela se inseria num contexto político regional e nacional<sup>99</sup>.

---

<sup>97</sup> FALCÃO, op. cit., p.123-125.

<sup>98</sup> MARTINS, Celso. **Os comunas: Álvaro Ventura e o PCB Catarinense**. Florianópolis: Paralelo 27; Fundação Franklin Cascaes, 1995. p. 110.

<sup>99</sup> GERTZ, op. cit., p.132.

Gertz divergiu dos autores que sustentavam uma suposta ideia de “quisto étnico”, isto é, a resistência à assimilação e a indiferença das populações das regiões de colonização em relação à realidade brasileira. O autor escreve “(...) o problema das relações entre integralismo e nazismo e por consequência das explicações sobre a penetração do integralismo nas regiões de colonização alemã no sul do Brasil não receberam ainda um tratamento adequado”<sup>100</sup>.

Gertz frisou como especificidade para a popularidade integralista em Santa Catarina as questões da política regional e a ascensão econômica dos descendentes de imigrantes europeus, em especial os alemães situados no Vale do Itajaí e norte do estado. Sobre as relações entre o integralismo e o nazismo, Gertz demonstra que não houve uma orientação oficial do partido nazista para as relações com o integralismo. O autor apontou que, apesar de alguns integralistas terem se filiado ao nazismo, em geral, existiam mais atritos do que colaboração entre nazistas e integralistas<sup>101</sup>. Além disso, houve colaborações entre integralistas e nazistas de Santa Catarina, no entanto, “deve-se levar em conta que a decisão de colaborar com o integralismo era tomada a nível local, tornando-se assim uma questão quase pessoal de determinados ‘partidários’”<sup>102</sup>.

O autor ressalta que “quando a AIB notou que estava tendo boa aceitação nas ‘colônias alemãs’, fez esforços para parecer ‘germanófila’”: Plínio Salgado lembrou-se “repentinamente que seu bisavô viera em 1816, aos 24 anos, da Alemanha para o Brasil, como médico, casando aqui com uma cabolca e ‘deixando uma geração de caboclos como eu.’”<sup>103</sup>. Sobre este ponto, Falcão também apontou que existem muitas evidências acerca das tensões no convívio entre partidários da AIB e do NSDAP em Santa Catarina. Sobre a inserção dos descendentes de imigrantes à sociedade que estava na base dessas tensões, Falcão afirma que:

inserção esta que as lideranças integralistas catarinenses acreditavam poder realizar mediante um processo não traumático que preservasse a língua materna e outras tradições peculiares

---

<sup>100</sup> GERTZ, op. cit., p.131.

<sup>101</sup> Ibidem., passim.

<sup>102</sup> Ibidem., p.193.

<sup>103</sup> Ibidem., p.184. Para a citação de Plínio Salgado: **Blumenauer Zeitung**, 6.10.1934. apud. Ibidem., p.184.

àquelas populações, lado a lado com o aprendizado do português, da história e da geografia do Brasil, e sobretudo com a participação ativa nos debates acerca dos destinos do país<sup>104</sup>.

Falcão enfatizou que a difusão de certa concepção nacionalista proporcionou singularidade notável do integralismo em Santa Catarina. O autor, através da análise dos discursos dos jornais, argumenta:

(...) que o integralismo teria surgido como uma alternativa para que elas [populações de origem germânica] se integrassem ativamente na construção da nacionalidade brasileira (e não, portanto, para que se integrassem a uma nacionalidade brasileira já construída), por mais vago que fosse o esboço de nação traçado pela AIB<sup>105</sup>.

Neste sentido, como afirma Zanelatto, o integralismo representou para os descendentes de imigrantes provenientes dos setores médios e operários do Vale do Itajaí e norte do estado um espaço na política para se expressarem, como também uma via para alcançarem a nacionalidade brasileira<sup>106</sup>.

Com relação aos aderentes da AIB, Falcão levantou alguns perfis semelhantes para explicar motivações de adesão, é possível dividir três grupos: 1) funcionários públicos militares ou civis, profissionais liberais que provinham de famílias conhecidas, gozavam de estabilidade financeira, estando entre a meia-idade e a velhice e se achavam desiludidos com os destinos do país no pós-30, estes tendiam a ocupar os principais postos de comando na estrutura estadual da AIB; 2) pequenos proprietários ou funcionários públicos com ocupações pouco remuneradas, descendentes de imigrantes sem qualquer projeção anterior, a idade variava entre vinte e trinta anos, os mesmos eram “motivados para a ação política devido aos impasses do regime instaurado em 1930 ou às influências dos acontecimentos europeus, onde se destacava a ascensão dos fascismos”, por exemplo: Aristides

---

<sup>104</sup> FALCÃO, op. cit., p.164-165.

<sup>105</sup> Ibidem., p.150.

<sup>106</sup> ZANELATTO, op. cit., p.102.

Largura (descendente de italianos, foi prefeito de Joinville nas eleições de 1936 e inspetor de ensino do governo estadual), Carlos Brandes (descendente de alemães, foi prefeito de Timbó e dono de farmácia), Ricardo Grünenwaldt (descendente de alemães, foi vereador, presidente da Câmara Municipal de Jaraguá do Sul em 1936 e também dono de farmácia); 3) O grupo mais numeroso: pequenos proprietários urbanos e rurais, descendentes de imigrantes alemães, italianos, poloneses ou de outras procedências, estabelecidos em todo o interior, mas com zonas de concentração importantes como o Vale do Itajaí (Blumenau, Brusque e arredores) e no nordeste (Joinville, Jaraguá do Sul e imediações) e sul do estado (Araranguá e Criciúma)<sup>107</sup>.

Para Gertz, o integralista típico de Santa Catarina era uma pessoa jovem em processo de ascendência social<sup>108</sup>. Ele se fundamenta ao analisar o processo de crescimento industrial do estado, especialmente nas zonas de colonização alemã. Gertz aponta uma assimetria socioeconômica entre integralistas e seus adversários – quanto às eleições municipais de 1936. Para ele, “o cerne do integralismo era constituído de elementos de classes médias e operárias, enquanto a liderança dos seus opositores era exercida pelos elementos economicamente dominantes”<sup>109</sup>.

A partir da criação dos primeiros núcleos (Florianópolis, Itajaí, Blumenau, Joinville e Lages) configurou-se a estruturação do sigma em Santa Catarina. Posteriormente, a chefia integralista dividiu o estado em várias regiões tendo cada uma delas um governador regional. Nas regiões encontravam-se os núcleos ou municípios em que sigma estava organizado<sup>110</sup>. Em 39 dos 43 municípios catarinenses havia núcleos ou subnúcleos integralistas, ou seja, a AIB estava organizada em praticamente todo o estado.

Havia uma estrutura hierárquica rigidamente formada para o controle dos municípios. As diversas secretarias provinciais (corporações, serviços eleitorais, finanças, estudos, assistência social, propaganda, educação, cultura artística, imprensa, arregimentação

---

<sup>107</sup> FALCÃO, op. cit., p.125-130.

<sup>108</sup> GERTZ, op. cit., p.197.

<sup>109</sup> Ibidem., p.197-8.

<sup>110</sup> KUEHNE, João. **O integralismo nazi-fascista em santa Catarina**. In: RIBAS, Antonio de Lara; KUEHNE, João. **O punhal nazista no coração do Brasil**. Florianópolis: Delegacia de Ordem Política e Social de Santa Catarina / Imprensa Oficial, 1943, p.128. Apud. ZANELATTO, op. cit., p.47. Nesta mesma página existe uma tabela criada por Zanelatto com as regiões e os seus municípios. Florianópolis é considerada uma região especial porque possuía a sede da Chefia Provincial.

feminina e plinianos e chefe de gabinete da chefia provincial) formavam esta estrutura<sup>111</sup>. Sendo que nos municípios também havia esta mesma estrutura, mas formada pelos secretários municipais<sup>112</sup>.

De acordo com Héglio Trindade, a organização integralista supera uma função meramente estrutural. A AIB foi capaz de transformar a organização na pré-figuração do Estado Integral:

O tipo de organização, as relações entre o chefe e os diversos órgãos estabelecem as bases de uma estrutura estatal. Portanto, a organização da AIB é não somente um meio eficaz voltado para a ação política, mas um instrumento da elaboração e experimentação, em escala reduzida, do Estado Integralista<sup>113</sup>.

O crescimento do integralismo ocorreu dentro de um cenário de disputas e tramas pelo espaço de poder no pós-30 na política, tanto no âmbito regional quanto local<sup>114</sup>. Devemos retroceder para antes de 1930 a fim de compreender melhor o desenvolvimento da AIB em SC. De acordo com Zanelatto, durante praticamente toda a Primeira República, a política catarinense girou em torno dos nomes de Lauro Severiano Müller e Hercílio Pedro da Luz. O primeiro, Lauro Müller (chefe supremo do Partido Republicano), controlava o poder na esfera federal e Hercílio Luz no âmbito estadual. Eles ditavam os rumos, indicavam e definiam os candidatos aos cargos públicos da União e do Estado, respectivamente. Em 1924 e em 1926 com as mortes de Hercílio Luz e Lauro Müller, respectivamente, abriu-se um espaço para novas lideranças que já vinham se configurando havia algum tempo. A família Konder (do Vale do Itajaí) e os Ramos (da região serrana)<sup>115</sup>.

Juntamente com Henrique Rupp Junior, os Ramos fundaram em 1929 a Aliança Liberal, ligada ao grupo gaúcho de Vargas, o que deflagrou um conflito entre as famílias Ramos e Konder. Em 1930, foi eleito Fúlvio Aducci, sucessor de Adolpho Konder, cujo governo durou

---

<sup>111</sup> KUEHNE, João. **O integralismo nazi-fascista em santa Catarina**. In: RIBAS; KUEHNE, op. cit. apud. ZANELATTO, op. cit., p.48.

<sup>112</sup> ZANELATTO, op. cit., p.48.

<sup>113</sup> TRINDADE, op. cit., p.181. Apud. ZANELATTO, op. cit., p.48.

<sup>114</sup> ZANELATTO, op. cit., p.38-39.

<sup>115</sup> *Ibidem.*, p.52-54.

apenas 27 dias, pois foi deposto pela Revolução de 1930<sup>116</sup>. É importante ressaltar que até 1930, os Konder dominaram o cenário político do norte do estado, o partido Republicano e o Governo de Santa Catarina<sup>117</sup>. No entanto, nas eleições de 1930 a Aliança Liberal conseguiu para o senado Henrique Rupp Junior e Nereu Ramos à Câmara Federal, mas nas eleições presidenciais o candidato Júlio Prestes – apoiado pelos Konder – foi vitorioso<sup>118</sup>.

Em 1930 ocorreu um movimento que se iniciou no Rio Grande do Sul e alçou Vargas ao poder. Em Santa Catarina, este golpe, que teve apoio dos Ramos (articuladores da Aliança Liberal), derrubou o governador Fúlvio Aducci (do Partido Republicano Catarinense e vinculado aos Konder).

Em síntese: quando ocorreu a Revolução de 30, o poder político no Estado estava sendo disputado por duas forças políticas e econômicas distintas e muito bem estruturadas: 1) o grupo sob a liderança da família Ramos - representantes da região serrana catarinense, onde predominava o latifúndio, eram oposição ao governo estadual; 2) o grupo sob a liderança da família Konder – representantes do Vale do Itajaí, predominavam os imigrantes e descendentes de origem alemã e italiana, desenvolviam a agricultura com base na pequena propriedade e na indústria.

Após o golpe de 1930, é nomeado para interventor de SC o general gaúcho Ptolomeu de Assis Brasil. Assis sofreu oposição dos partidos no Estado desde que assumiu, pois, os partidos queriam um catarinense em seu lugar. A renúncia de Assis Brasil ocorreu em outubro de 1932, sendo indicado como substituto o seu irmão, major Rui Zubaran, que ficou seis meses no cargo de interventor. Em março de 1933, Rui Zubaran pediu exoneração e foi substituído por Aristiliano Ramos (abril de 1933). Aristiliano era catarinense e membro da Aliança Liberal.

Durante a interventoria de Rui Zubaran, Santa Catarina experimentou um dos períodos de maior efervescência política. Ao final

---

<sup>116</sup> Ibidem., p.51-55.

<sup>117</sup>BITENCOURT, João Batista. **Estado novo, cidade velha**: o governo ditatorial de Vargas desde Laguna. Porto Alegre, 2002. Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Tese de Doutorado, p.34). Apud. ZANELATTO, op. cit., p.54.

<sup>118</sup>CORREA, Carlos Humberto. **Um estado entre duas repúblicas: a revolução de 30 e a política de Santa Catarina até 35**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1984, p.42. Apud. ZANELATTO, op. cit., p.56. Gertz ressalta que a partir das eleições de 1930 é possível perceber um potencial oposicionista nas “colônias alemãs” de Santa Catarina maior que em outros municípios, antes mesmo do integralismo. Cf. GERTZ, op. cit., p.174-175.

deste período, várias organizações partidárias estavam em pleno funcionamento preparando-se para as eleições marcadas para 3 de maio de 1933. Neste momento, com a constituição desses partidos políticos houve uma abertura política até então desconhecida<sup>119</sup>.

Na Primeira República, o povo e os partidos estavam acostumados à existência de um só partido: o Republicano. A pequena oposição havida a partir de 1921 não teve condições de formar uma agremiação devidamente registrada e estruturada, pelo menos regionalmente e dentro dos moldes da estrutura consolidada do Partido Republicano. A partir de 1930, com o surgimento do Partido Liberal e quase que imediatamente da Legião Republicana Catarinense, novas opções foram oferecidas às ideologias que poderiam ser divulgadas livremente, mesmo num regime de exceção, onde o objetivo era centralizar o governo nas mãos de um chefe nacional<sup>120</sup>.

A eleição para escolher os deputados à Constituinte Federal marcada para 3 de maio foi anulada e remarcada para 3 de dezembro. A disputa ocorreu entre o Partido Liberal, a Coligação “Por Santa Catarina”, o Partido Evolucionista e a Liga Pró-Estado Leigo. O partido vencedor foi o liberal, elegendo assim Nereu Ramos, Arão Rebelo e Carlos Gomes de Oliveira; e a coligação, Adolpho Konder. De acordo com Zanelatto, esta intensa movimentação política, aliada às duas eleições, foi significativa no aprimoramento do exercício político catarinense. Para 14 de outubro de 1934 estavam marcadas novas eleições, desta vez para a escolha aos membros da Câmara Federal e à Assembleia Constituinte Estadual.

É nesse cenário de tensões políticas que a AIB começou a ser organizada em SC. Os camisas-verdes disputaram a eleição de outubro de 1934<sup>121</sup>, apresentando sua nominata de candidatos um dia antes de realização das eleições. Apesar disso, a AIB conseguiu lançar um número significativo de candidatos para as eleições de 1934, o que

---

<sup>119</sup>ZANELATTO, op. cit., p.58-61.

<sup>120</sup>CORREA, op. cit., p.148. apud. ZANELATTO, op. cit., p.61.

<sup>121</sup> Para uma lista com os nomes e profissões dos candidatos da AIB à Assembleia Constituinte Estadual nas Eleições de 1934 cf. ZANELATTO, op. cit., p.64.

demonstra o seu rápido crescimento no Estado. Quanto aos candidatos, Zanelatto expõe que havia variados setores da sociedade catarinense entre os seus nomes, desde operários a empresários, com uma preponderância dos setores médios, mas não possuía nomes com expressão na política regional<sup>122</sup>.

Falcão escreve que nesta eleição houve uma vitória apertada do Partido Liberal sobre a Coligação Republicana - 35.636 à 35.083 votos, respectivamente -, no entanto, apesar da AIB ter recebido somente 2.425 votos, estes foram decisivos, pois, foram obtidos sobretudo em municípios onde os republicanos sempre tiveram muito apoio, como Blumenau e Brusque (cerca de 20% e 30% respectivamente)<sup>123</sup>.

Sobre estas eleições, Gertz afirma que os votos da AIB foram decisivos para a correlação de forças. A apresentação dos candidatos integralistas foi decisiva para a vitória do Partido Liberal Catarinense, pois, “se a AIB não tivesse apresentado candidatos próprios e ao menos parte de seus votos tivessem sido dados à Coligação esta teria obtido a maioria de um representante na consituente estadual”. Ele conclui que: nestas eleições “pela primeira vez se fez notar um terceiro agrupamento político que estava se organizando há apenas poucos meses”<sup>124</sup>.

De acordo com Zanelatto:

A partir dessas eleições, a AIB foi se configurando em uma nova força política no estado e não passou despercebida pelo governo estadual nem pela oposição. (...) tanto os liberais quanto os republicanos estavam preocupados com o crescimento do integralismo. Eleita a Assembleia Constituinte, inicia-se um processo de intensas disputas entre os partidos que elegeram deputados para a escolha do governador. Essas disputas vão ocorrer principalmente no seio do Partido Liberal, entre os dois primos, o interventor Aristiliano e Nereu Ramos. Essa disputa provocou uma cisão dentro do Partido Liberal, e Nereu Ramos acabou sendo eleito governador do estado<sup>125</sup>.

---

<sup>122</sup> ZANELATTO, op. cit., p.62-65.

<sup>123</sup> FALCÃO, op. cit., p.144.

<sup>124</sup> GERTZ, op. cit., p.179.

<sup>125</sup> ZANELATTO, op. cit., p.66.

Neste período, enquanto os partidos estavam se digladiando para escolher o governador e a AIB não tinha conseguido eleger nenhum deputado, o movimento teve a sua maior expansão em SC. No sul catarinense foram constituídos núcleos nas principais cidades (Laguna, Tubarão e Araranguá) entre 1934 e 1935. Eram dezenas de núcleos e centenas de subnúcleos organizados em todo o estado. Também neste momento, as trocas entre os diversos interventores e suas escolhas para prefeitos foram interpretadas de duas maneiras: para as populações de imigrantes e descendentes do Vale do Itajaí e norte do estado foi sentido negativamente, pois, as populações foram duramente castigadas; no sul catarinense estas práticas foram positivas para os imigrantes e seus descendentes, em cidades como Laguna e Jaguaruna –cidades com o predomínio de luso-brasileiros-, os prefeitos nomeados eram descendentes de imigrantes. Já o município de Blumenau foi o mais castigado pela política dos interventores no Vale do Itajaí. Em fevereiro de 1934, Artistiliano Ramos decretou o desmembramento de Blumenau, emancipando os distritos de Hamônia, Gaspar, Indaial e Timbó sob o argumento de nacionalizar a zona colonial alemã<sup>126</sup>.

Nesse sentido, Gertz expõe que com a ascensão dos Ramos ao poder, houve uma série de medidas severas contras as “colônias alemãs”. O primeiro interventor, após a revolução, introduziu impostos que atingiram as indústrias das “colônias alemãs”, com relação ao ensino, houve um decreto obrigando todos os professores a submeter-se, dentro de um prazo muito curto, a exames a fim de comprovar seus conhecimentos da língua portuguesa. A não classificação faria o professor em questão deixar de lecionar imediatamente, o que poderia levar ao fechamento de muitas escolas, pois, na maioria delas só existia um professor e não havia possibilidade de substituí-lo. Além de ter havido também o desmembramento do município de Blumenau<sup>127</sup>.

Em suma, a revolução de 1930 demonstrou o aparecimento de um novo potencial oposicionista no estado, mesmo embrionário. Nestes anos diversos fatores contribuíram para a ampliação deste potencial, dentre eles: a nomeação de interventores inicialmente gaúchos; a ascensão dos Ramos (Aristiliano e Nereu) que representavam a oposição

---

<sup>126</sup> Ibidem., p.66-72. Para uma análise concisa sobre a Campanha de Nacionalização cf. CAMPOS, Cynthia Machado. As intervenções do Estado nas escolas estrangeiras de Santa Catarina na era Vargas. In. BRANCHER, Ana (org.). **História de Santa Catarina: estudos contemporâneos**. Santa Catarina: Letras contemporâneas, 2004. p. 149-168.

<sup>127</sup> GERTZ, op. cit., p.176-177.

na política estadual até 1930; a perda do comando da política catarinense do grupo vinculado ao Partido Republicano Catarinense – representado pelos Konder – que perderam os principais cargos no governo, as prefeituras e cargos municipais; as práticas autoritárias dos interventores e o ataque contra as regiões de imigração. Este potencial foi constituído principalmente “por imigrantes alemães e italianos e seus descendentes, que não viam mais nas tradicionais elites políticas uma possibilidade de representação e, dessa forma, tomaram o integralismo como o canal de sua expressão”<sup>128</sup>.

Segundo Zanelatto, a AIB tornou-se uma referência quanto uma alternativa aos partidos organizados no estado no pós-1930. Enquanto os partidos Republicano Catarinense, Liberal Catarinense e a Legião Republicana, que eram organizados pelas mesmas elites políticas que haviam dominado o cenário político catarinense até a revolução de 30, não possibilitavam a participação de outros setores da sociedade na política estadual, a AIB apresentava-se como genuinamente democrática, com a possibilidade de participação aberta para todos os interessados, não importando sua origem ou *status* socioeconômico de seus adeptos.

Neste sentido, a AIB arregimentava indivíduos provenientes dos setores médios, cujas aspirações políticas não encontravam respostas nem espaço efetivo nos partidos organizados no estado no pós-30. Além disso, “a AIB representava um canal de expressão para um segmento social em franca expansão numérica e econômica, fruto das mudanças que vinham ocorrendo no País e no estado ao longo das décadas de 1920 e 1930”<sup>129</sup>. Zanelatto conclui,

A AIB apresentava-se como uma corrente partidária nova, com propostas e princípios diferenciados que não faziam parte da prática dos antigos partidos. Esse modelo de fazer política deveria ser organizado e fomentado pela participação direta dos seus membros, em consonância com as diretrizes nacionais do partido. Por meio da AIB rompia-se com as práticas associadas aos velhos partidos regionais, abria-se a possibilidade de fazer política de um modo alternativo. O integralismo aparece como uma alternativa de participação política para um

---

<sup>128</sup> ZANELATTO, op. cit., p.75.

<sup>129</sup> Ibidem., p.74-75

segmento social em expansão que se considerava marginalizado e descrente com a política regional e local<sup>130</sup>.

Nesta conjuntura nacional de rápido crescimento da Aliança Nacional Libertadora (em boa parte controlada pelo Partido Comunista do Brasil) e do crescente clima de agitação social marcado por mobilizações de trabalhadores, o fascismo tornou-se um modelo de fascínio. O que não ocorreu somente nas zonas coloniais em Santa Catarina, conforme aponta Falcão. Percebe-se este encantamento também em textos dos principais jornais da capital: “República” (vinculado ao governo do estado); “A Gazeta” (“próximo ao governo e uma espécie de órgão oficioso deste a partir de fins de 1937”) e “Diário da Tarde” (ligado aos antigos republicanos). O jornal “O Estado” possuía uma postura mais distanciada ante o nazi-fascismo<sup>131</sup>. Falcão destaca:

Portanto, pode-se dizer, sem nenhum receio, que a exaltação da Alemanha hitlerista e da Itália de Mussolini era quase que unânime na imprensa de Santa Catarina dos anos trinta, independentemente de sua filiação partidária, da sua área de circulação ou mesmo da língua em que estava sendo redigida<sup>132</sup>.

---

<sup>130</sup> ZANELATTO, op. cit., p.78. Sobre este ponto, Trindade também aponta, ao analisar sob o âmbito nacional: “Ao contrário da Europa, onde as classes médias se sentiam ameaçadas seja pela crise econômica seja pela perda de *status* ou pela agressividade da luta operária, as classes médias no Brasil desta época, encontravam-se geralmente em rápida ascensão social e à procura de uma posição de poder na sociedade. Entretanto, sua vontade de ascender socialmente era bloqueada pela ausência de um projeto político capaz de as libertar do controle das classes dominantes tradicionais. Essa situação objetiva se conjuga com o clima ideológico europeu, colocando-as diante do dilema: fascismo ou comunismo? Neste contexto, as classes médias tendem a se engajar nos movimentos de direita ou de esquerda que parecem representar instrumentos políticos válidos e independentes do sistema estabelecido: a fração que era sensível à ameaça comunista, à reação fascista, aos sistemas nacionalistas, opta pelo integralismo; a outra, atraída pelo socialismo e pela luta antifascista, incorpora-se à Aliança Nacional Libertadora (A.N.L.)” TRINDADE, op. cit., p.140. Ressaltamos não havia somente duas opções de engajamento, pois, a não participação em um desses movimentos também era também uma atitude política possível que certamente ocorreu.

<sup>131</sup> FALCÃO, op. cit., p.131.

<sup>132</sup> *Ibidem.*, p.132.

No entanto, o crescimento da AIB em SC não foi tranquilo, a oposição e o governo a partir de 1935 passaram a atacá-la. No dia 1º de maio de 1935 (após a eleição de Nereu Ramos para governador do Estado) os integralistas de Florianópolis foram obrigados a desocupar sua sede, que se localizava em um prédio público. A sede mudou para o casarão da família D’Eça, na praça XV de Novembro, no centro de Florianópolis. “Em todo o estado, eram editadas portarias proibindo os integralistas de usar seus uniformes e distintivos. Foram proibidos também os desfiles, as reuniões públicas e caravanas”<sup>133</sup>.

Em 1935, ao ser promulgada a constituição, houve um discurso de Marcos Konder atacando o comunismo e o integralismo. De acordo com Gertz,

O comunismo evidentemente era tema obrigatório dos discursos conservadores da época, importante neste contexto, porém, é que o integralismo é colocado no mesmo nível do comunismo, e como este não era uma realidade tão palpável quanto o integralismo o discurso visava sobretudo a este último, o que se comprova também pelo espaço muito maior que lhe é dedicado<sup>134</sup>.

É necessário salientar algumas diferenças em relação ao norte e o vale do itajaí e ao sul no que tange ao seu povoamento e as questões políticas e econômicas presentes na década de 30 ao analisar o crescimento da AIB nestas regiões. No Vale do Itajaí e norte do estado estavam situados os municípios mais ricos do Estado (Blumenau e Joinville), além de outros grandes municípios.

Já no sul catarinense, com relação aos núcleos coloniais, somente Urussanga, Orleans e Criciúma conseguiram sua autonomia político-administrativa na região. Enquanto que no norte do Estado e no Vale do Itajaí desde a Primeira República os imigrantes alemães e italianos e seus descendentes obtiveram um domínio econômico e político em âmbito local e regional<sup>135</sup>, no sul catarinense havia um domínio das elites luso-brasileiras. Apesar de todas as estratégias desta elite para manter o controle dos imigrantes (intermediando o seu excedente produzido, com a indicação de cargos públicos etc.) durante a Primeira

---

<sup>133</sup> ZANELATTO, op. cit., p.90

<sup>134</sup> GERTZ, op. cit., p.179-180.

<sup>135</sup> ZANELATTO, op. cit., p.146-151.

República começa a emergir uma elite de comerciantes constituída em especial por imigrantes europeus e seus descendentes<sup>136</sup>. Vários chefes de núcleos integralistas do sul catarinense eram descendentes de imigrantes<sup>137</sup>. É importante ressaltar que os dados sobre a eleição de 1936 evidenciam a boa estruturação dos camisas-verdes nesta região: “Além de eleger 12 vereadores, [a AIB] lançou candidatos a prefeito em vários municípios e, em Araranguá e Orleans, ocorreu uma acirrada disputa entre os liberais e os integralistas sem a participação dos republicanos”<sup>138</sup>.

Em relação ao norte e vale do Itajaí, vale a pena mencionar que de 7 a 8 de outubro de 1935 ocorreu o I Congresso Integralista das Províncias Meridionais na cidade de Blumenau. Este congresso contou com a participação de delegações de mais de 260 núcleos. Zanelatto, ao expor este assunto, aponta que de acordo com o jornal “Anauê”, ao todo 42.570 pessoas participaram do congresso<sup>139</sup>. Este evento certamente contribuiu para consolidar a difusão e a aceitação da AIB em todo o estado, entre os setores médios e operários tanto imigrantes e seus descendentes quanto entre os luso-brasileiros<sup>140</sup>.

É necessário ter em vista a boa estruturação deste partido em Santa Catarina e a crescente oposição que este recebia de autoridades governamentais e outros adversários, como o comunismo antes de avançarmos em nossa exposição. Levando em consideração os estudos anteriores sobre o Integralismo em Santa Catarina, buscaremos apresentar um panorama sócio-cultural de Florianópolis a fim de compreender a inserção deste partido na capital do Estado.

## 1.5 Contexto sócio-cultural de Florianópolis na Primeira República

A população de Florianópolis no início do século XX crescia lentamente. Em 1916 e 1920 a cidade apresentava 20.000 habitantes. Sendo que em 1920 possuía 12.283 alfabetizados. Em relação a todo o município, o censo apresentava 41.338 pessoas, com 16.940

---

<sup>136</sup> *Ibidem.*, p.172.

<sup>137</sup> *Ibidem.*, p.249.

<sup>138</sup> ZANELATTO, op. cit., p.102

<sup>139</sup> ANAUÊ. Joinville, SC, 19 de outubro de 1935, Ano II, nº10. apud. ZANELATTO., p.80.

<sup>140</sup> *Ibidem.*, p.79-80.

consideradas alfabetizadas<sup>141</sup>. Apesar do desenvolvimento econômico também ter sido muito pequeno, neste período houve uma crescente diversificação social, advinda principalmente do comércio, cujo foco era principalmente o abastecimento interno da cidade e das funções desta enquanto sede administrativa.

A cidade beneficiava-se também de sua posição como centro administrativo canalizador dos recursos econômicos do Estado<sup>142</sup>, e da presença dos funcionários do Estado, bacharéis, profissionais, autônomos, comerciantes, pequenos proprietários etc., que buscavam estar próximos das novas elites que estavam sob o controle do aparelho do Estado em Santa Catarina. Estes segmentos buscaram se diferenciar cada vez mais das camadas menos privilegiadas da população<sup>143</sup>.

De acordo com Hermetes Reis de Araújo, neste momento, havia um “anseio das elites locais em promover um amplo reajustamento social de sua população aos imperativos e às territorialidades burguesas de organização social”<sup>144</sup>. Este anseio engendrou a circulação “de uma diversificada série de imagens, discursos, valores e práticas que densificaram todo um campo de variados graus de reformas sociais, políticas, urbanísticas, administrativas, sanitárias etc”<sup>145</sup>.

Neste contexto de limitadas atividades econômicas em Florianópolis, grande parte da força da elite local vinha do controle sobre os cargos públicos, à nível estadual e federal. Joana Maria Pedro

---

<sup>141</sup> ARAÚJO, Hermetes Reis de. **A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República**. Dissertação (Mestrado em História). PUC-SP. São Paulo SP, 1989. p.45.

<sup>142</sup> Ibidem., p.30. Neste sentido, de acordo com Norberto Dallabrida, na 1ª república: “Além de sediar os três poderes estaduais, Florianópolis passou a atrair serviços administrativos, políticos e culturais (...), a coordenação dos partidos políticos e seus jornais, a primeira Escola Normal e os primeiros cursos secundários e superiores, as administrações das congregações religiosas, os centros administrativos de igrejas, as sedes dos consulados italiano e alemão, entre outros. Esta rede de instituições de serviços ligada direta ou indiretamente à administração estadual deu um ar cosmopolita provinciano à cidade de Florianópolis (...).” DALLABRIDA, Norberto. **A fabricação escolar das elites: o ginásio catarinense na primeira república**. Florianópolis: Cidade Futura, 2001. p.58-59.

<sup>143</sup> ARAÚJO, op. cit., p.12. De acordo com Joana Maria Pedro, a atividade do porto continuava em declínio, o comércio restringia-se ao comércio local, a produção industrial era diminuta e a produção agrícola da ilha nem ao mesmo abastecia a população local. “Portanto, as reformas urbanas realizadas em Florianópolis no início do século XX, dependeram, principalmente, da força de sua elite política. Apesar das pressões para remover a capital do Estado para o interior, esta elite não só conseguiu mantê-la em Florianópolis, como também carrou recursos públicos para a remodelação da Capital.” PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe**. Editora da UFSC, 1994. P.81.

<sup>144</sup> ARAÚJO, op. cit., p.11.

<sup>145</sup> Ibidem., p.9

expõe que esta limitação deve ter promovido grande empenho na disputa por cargos públicos, direitos e vantagens proporcionadas pelo governo do Estado. As famílias de Florianópolis tendiam, cada vez mais, a controlar os cargos públicos como forma de manutenção da renda e do prestígio. Deste modo, “Estes grupos tendiam a depender, cada vez mais, do carreamento de recursos alocados a nível estadual e federal, os quais significavam para a cidade, melhoramentos urbanos; para as famílias, rendas, nas formas de cargos e contratos”<sup>146</sup>.

Dentre a série de obras que ocorreram em Florianópolis neste período, encontram-se: a implantação na região central das primeiras redes de água encanada (1909), iluminação pública através de energia elétrica (1910) e a construção de redes de esgotos (1913-1917). Houve áreas de cidades que foram calçadas, praças foram ajardinadas, prédios públicos foram construídos ou reformados. Em 1919, a primeira avenida da capital teve suas obras iniciadas (Avenida Hercílio Luz, cuja denominação prevista inicialmente era Avenida do Saneamento). Segundo Araújo, a conclusão desta avenida representou um momento de inflexão neste já corrente processo de demolição dos ajuntamentos das pequenas casas – cortiços – que existiam na região central da cidade<sup>147</sup>, pois, os segmentos pobres da população eram considerados uma ameaça aos ideais de progresso e modernidade por não se ajustarem às normas que a burguesia local buscava impor ao espaço urbano da cidade. As políticas de saneamento desse período foram um elemento estratégico nessa tentativa de reforma social<sup>148</sup>.

Estes discursos de atraso e incapacidade sobre as populações mais pobres não partiram somente por parte de autoridades (governadores, inspetores de higiene, chefes de polícia ou superintendentes municipais), mas também por parte de médicos e outras personagens da vida e da cidade. Araújo aponta que havia cronistas em jornais que escreviam sobre hábitos ou situações consideradas “carentes de urbanidade” nos jardins, bondes, no teatro, nas ruas etc.; houve moradores denunciando e exigindo a intervenção de autoridades para por fim à presença de animais soltos nas ruas, à sujeira em alguns locais, aos mendigos, aos menores vadios, à displicência de “mulheres de vida decaída”. Araújo pontua que havia nestas falas novas

---

<sup>146</sup> PEDRO, op. cit., p.81-82.

<sup>147</sup> ARAÚJO, op. cit., p.17-18.

<sup>148</sup> *Ibidem.*, p.13.

modos de questionar o saneamento geral da cidade e as formas de promover a sua manutenção<sup>149</sup>.

Destaca-se a imprensa na fixação de imagens, padrões de comportamentos juntos aos altos círculos sociais, isto é, a publicização destas novas práticas decorrentes deste processo de aburguesamento de hábitos das elites de Florianópolis do século XX. Ao jornal era atribuído o papel de modelador de alguns costumes no campo de afirmação social desta burguesia<sup>150</sup>.

Em relação à imprensa e a cultura letrada, é importante ressaltar que, acompanhando este processo da qual a sociedade estava se tornando mais burguesa, ocorre outra revolução: a imersão da cidade na cultura impressa. Conforme asseverou Felipe Matos, se foi durante o século XIX o período de imersão da sociedade de Florianópolis na cultura escrita, “(...) nas primeiras décadas do século XX houve a consolidação da relação da cidade com a comunicação impressa”<sup>151</sup>.

Neste sentido, no início do século XX: “Novos atores sociais adquirem sua distinção, como o professor, o jornalista, os letrados e os não letrados, o poeta da academia e as ‘minorias intelectuais’, o leitor da biblioteca pública, seu bibliotecário, o frequentador de livrarias...”<sup>152</sup>

De acordo com Oswaldo Rodrigues Cabral,

(...) apesar de limitada, a penetração do jornal representou um passo decisivo na constituição e no crescimento de um público identificado ao meio urbano, que no jornal lia os comentários e os assuntos nos quais figurava como tema. Até o início do século XX (1908) não circularam revistas editadas na capital. Era pelos jornais que se comunicavam os nascimentos, as mortes, se publicavam as crônicas, as poesias, os folhetins, os atos oficiais do Governo (não havia Diário Oficial), as reclamações, as denúncias, os escândalos e as manifestações sobre inúmeros aspectos da cidade e dos seus habitantes,

---

<sup>149</sup> ARAÚJO, op. cit., p.16-17.

<sup>150</sup> Ibidem., p.75-80.

<sup>151</sup> MATOS, Felipe. **Uma Ilha de leitura: notas para um história de Florianópolis através de suas livrarias, livreiros e livros (1830-1950)**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008. p. 62.

<sup>152</sup> Idem.

constituindo formas objetivas de relação com o cotidiano da vida urbana de Desterro<sup>153</sup>.

De acordo com Matos, também no período da Primeira República, em Florianópolis ocorre a proliferação de instituições literárias, sociais e científicas – a fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC) data de 1896. Estas instituições culminaram na criação da Academia Catarinense de Letras (ACL) na década de 20. Era notável o esforço de escritores e intelectuais na fundação de grêmios e associações para congregar a elite cultural e outros demais personagens deste campo em agrupamentos que permitissem uma atuação organizada, pois, traria uma maior visibilidade e legitimidade. Apesar da vida efêmera da maioria destas instituições, suas criações demonstravam o desejo de intervir nos destinos da sociedade local, um impulso em colaborar de seus membros e a crença numa preocupação cívica de atuação<sup>154</sup>. De acordo com Araújo, pode-se dizer também que membros da elite letrada da cidade obtiveram uma ascendência intelectual na cidade e que foi formada uma geração de escritores, críticos, poetas, jornalistas etc. que se autodenominaram produtores do saber local e buscavam introduzir um maior cosmopolitismo aos saberes e às letras locais<sup>155</sup>.

Neste momento surge uma geração conhecida como “Geração da Academia”, referindo-se aos intelectuais emergentes no início do século XX em Florianópolis que estavam envolvidos com a fundação da Academia Catarinense de Letras (ACL) ou empossados posteriormente por ela, sendo que não necessariamente todos compartilhavam os mesmos referenciais estéticos e políticos<sup>156</sup>. Matos utiliza este termo para designar a elite cultural do período reunido para a fundação desta instância de consagração, a Academia Catarinense de Letras<sup>157</sup>. Em

---

<sup>153</sup> CABRAL, O. R. “A imprensa, a política e os partidos em Santa Catarina”. Entrevista ao Jornal A Ponte, Florianópolis, primeira semana de maio de 1981. P.4-8. Apud. ARAÚJO, op. cit., p.80-81

<sup>154</sup> MATOS, op. cit., 2012. p.77-81.

<sup>155</sup> ARAÚJO, op. cit., p.14.

<sup>156</sup> MATOS, op. cit., 2012. p.4.

<sup>157</sup> FLORES, Altino. **Goethe, os ‘novos’ e os ‘velhos’**. Florianópolis: Edição do Autor, 1949. p. 53. Apud. MATOS, op. cit., 2012. p.9-10. Conforme Matos aponta, os membros desta elite cultural foram responsáveis pela organização de eventos, publicação de livros, edição de jornais, ocupação de cargos públicos em Florianópolis. Com o advento do grupo modernista do Círculo de Arte Moderna ao fim da década de 1940 esta posição passou a ser contestada. O discurso modernista catarinense assemelha-se a outro discurso de vanguarda, o do grupo paulista modernista, desta forma, buscou e foi vitorioso ao instituir os modernistas enquanto

1920 nasceu a Sociedade Catarinense de Letras (tornando-se Academia Catarinense de Letras em 1924), dentre seus sócios fundadores estavam: Alfredo da Luz, Altino Flores, Antônio Mâncio da Costa, Clementino Brito, Francisco Barreiros Filho, Fulvio Aducci, Gil Costa, Haroldo Callado, Heitor Luz, Henrique Fontes, Horácio de Carvalho, Ivo d'Aquino, João Crespo, José Boiteux, Laércio Caldeira, Lucas Boiteux e Othon d'Eça<sup>158</sup>.

A Academia não era um espaço para revolução, e sim uma consagração, um coroamento, uma insígnia de distinção. Esta era um palco de vanguarda e reconhecimento de pares, não cabia aos membros gestar movimentos estéticos ou literários. Antes da fundação desta, os intelectuais escolhidos para abraçar a 'imortalidade' já possuíam, ou estavam tecendo, suas redes de sociabilidade e suas filiações estéticas. Matos conclui que a academia, portanto, selecionava seus confrades e não os formava<sup>159</sup>.

Destacamos também que no início do século XX projetos pedagógicos e educacionais começaram a ser gestados em Santa Catarina. Neste momento, a prática pedagógica deveria ser tratada como um problema, mas também como uma solução para o progresso. Segundo Matos:

O estímulo à instrução fermentou a ampliação de um público consumidor de cultura letrada, estimulando o crescimento do circuito sociológico onde a produção literária pressupõe o seu consumo e a formação da comunidade de leitores. Assim, bibliotecas, imprensa, escolas, tipografias, associações cívicas e literárias se tornaram instrumentos de construção da civilização, do progresso, da modernidade almejada, alargando o

---

“um grupo de jovens letrados, catalisadores de novas percepções, a empreender uma revolução nas letras locais, retirando seu campo de atuação da estagnação e do atraso, recolocando-o de acordo com o seu tempo”. Este discurso ocultou processos históricos que já ocorriam no fim do século XIX, entre eles: “a proliferação da cultura letrada em Florianópolis, as políticas de alfabetização, a emergência da comunidade dos leitores, a formação da opinião pública, a incipiente profissionalização dentro do campo cultural, o gradual aumento de pontos de comercialização e circulação de cultura impressa, a criação de instituições culturais, a ampliação do seu campo de atuação, as imbricações entre cultura letrada com a vida urbana e demais processos de formação do campo cultural, a despeito de estarem ou não vinculados com a estética e a política de algum movimento literário.” Cf. MATOS, op.cit., 2012. p.10-22.

<sup>158</sup> SACHET, Celestino. **A literatura de Santa Catarina**. Florianópolis: Lunardelli, 1979. P.78.

<sup>159</sup> MATOS, op. cit., 2012. p.57.

universo de atuação dos letrados e fortalecendo a sua imagem de distinção numa sociedade definida por este modelo normativo<sup>160</sup>.

Em suma, Florianópolis no início do século XX atravessava diversas mudanças: a gestação de projetos educacionais; ampliação da circulação de jornais e livros, a formação de uma elite cultural institucionalizada, a ampliação da circulação de livros no mercado local, o crescimento da rede editorial (aumento na produção de jornais, revistas, guias, anuários etc.) e da demanda por consumo desta produção<sup>161</sup>; mudanças com relação ao papel dos intelectuais, proliferação de instituições literárias; reformas urbanas; luta pela conquista e manutenção de cargos políticos entre outros. Deve-se levar em consideração tais aspectos para compreender a inserção do Partido Integralista nesta cidade.

---

<sup>160</sup> MATOS, op. cit., 2012, p.103.

<sup>161</sup> Ibidem., p.106.

## 2. Estudo sobre a Imprensa Integralista e o periódico “Flamma Verde”

O objetivo deste capítulo é discutir aspectos referentes à utilização da imprensa pelo Integralismo; debater sobre a imprensa integralista em Santa Catarina e problematizar algumas questões gerais com relação ao periódico integralista “Flamma Verde” editado em Florianópolis.

### 2.1 A imprensa Integralista em âmbito Nacional

A imprensa foi utilizada pelos Integralistas em grande escala a fim de universalizar a ideologia central a todos os brasileiros e arremeter novos membros. Nesta rede havia mais de cem periódicos para a divulgação desta ideologia<sup>162</sup>. Segundo Rosa Maria Feiteiro Cavalari, a imprensa integralista fazia parte de uma rede maior para doutrinar, arremeter novos adeptos, conseguir unificação e consolidação do partido. Além da palavra impressa, a AIB utilizava-se do livro e da palavra falada, por meio das sessões doutrinárias e do rádio e pela ritualização e simbologia<sup>163</sup>.

Tendo em vista que era uma tarefa integralista buscar a “elevação do nível cultural das massas”<sup>164</sup>, pois, o povo é visto “como o inapto, o despreparado, o imaturo, o incapaz, o inconsciente, o mal-educado, o ingênuo. A transformação do *monstro* em cidadão para o *Estado Integral* era tarefa do integralismo”<sup>165</sup>. Entretanto, deve ser ressalvado que desde o século XIX, vários autores nacionais e estrangeiros apontavam que “no Brasil não há um povo”. O que denota que esta ideia não advém do integralismo<sup>166</sup>.

A tese de doutorado de Rodrigo Santos de Oliveira, cuja análise centra-se na Imprensa Integralista, e o estudo de Rosa Maria Feiteiro Cavalari são bibliografias chave para compreender o papel da imprensa integralista. Antes de tudo, é necessário ter em vista que o jornal era o meio de comunicação de massa por excelência nesse período. Nos anos

<sup>162</sup> OLIVEIRA, op. cit., p.14.

<sup>163</sup> CAVALARI, op. cit., p.33.

<sup>164</sup> SALGADO, P. **O país que não lê**. Publicado inicialmente em “A razão”, em dezembro de 1931 e posteriormente na obra **Despertemos a Nação**, p.174. Apud. Ibidem., p.42.

<sup>165</sup> Ibidem., p.42. (Grifos do autor).

<sup>166</sup> SCHWARCZ, Lília Moritz. Estado sem nação: a criação de uma Memória oficial no Brasil do Segundo Reinado. In: NOVAES, Adauto (Org.). **A crise do Estado-Nação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. P. 351-393.

1930, a imprensa no Brasil já estava completamente estruturada, tinha qualidade técnica e de impressão bastante avançada. Esta apresentava elementos próprios desenvolvidos ao longo de sua história, apesar de acompanhar em parte do desenvolvimento da forma de grande imprensa no mundo ocidental.

De acordo com Oliveira, Plínio Salgado tinha plena consciência da força do jornal enquanto meio de comunicação de massa por excelência, tendo em vista sua experiência no periódico “A Razão” (1931). O uso da imprensa revela uma estratégia que permeava a manutenção de tantos jornais e revistas espalhados pelo país. Oliveira afirma que não é ao acaso que uma das primeiras atitudes de cada núcleo regional era a fundação de um jornal, o que permitiria a transmissão ideológica a fim de estimular o crescimento do número de filiados<sup>167</sup>.

Um mês após o lançamento do “Manifesto de Outubro” foi editado o primeiro jornal integralista. O crescimento dos jornais acompanhou a expansão do movimento nos Estados. O primeiro periódico de circulação nacional seria veiculado em pouco mais de um ano após e já em maio de 1934, seis meses depois, o segundo jornal de circulação nacional já havia sido editado. Todos os estados da região sul, sudeste, centro-oeste e parte do nordeste ainda em 1934 já possuíam núcleos regionais organizados e editavam os próprios jornais. Havia oitenta e oito jornais circulando oficialmente vinculados à Secretaria Nacional de Imprensa da AIB em 1935. “Na base de tudo isto estava Plínio Salgado cujo pensamento arquitetava como deveria ser a imprensa do movimento integralista”<sup>168</sup>.

Ao longo do período de existência legal do integralismo, foram editados 138 jornais: 2 possuíam circulação nacional (“Monitor Integralista” e “A ofensiva”), 30 de circulação regional e 106 de circulação local ou nuclear. Oliveira afirma que era uma preocupação que todos os núcleos estivessem sob a esfera de influência dos jornais do movimento, assim, estes recebiam os jornais de circulação nacional, regional e da sua própria localidade (ou de outra próxima). Isto contribuía para que os militantes estivessem à par das ordens, da doutrina e da ideologia integralista, tanto da Chefia Nacional (Plínio Salgado) quanto Provincial (lideranças regionais) e Nucleares (lideranças locais). A principal zona de influência dos jornais com

---

<sup>167</sup> OLIVEIRA, op. cit., p.15.

<sup>168</sup> Ibidem., p.134-5.

relação ao integralismo é do Rio Grande do Sul até a Bahia. É possível notar que geralmente os Estados com o maior número de núcleos eram os que possuíam o maior número de periódicos<sup>169</sup>.

Importante destacar que, dentre estes inúmeros jornais integralistas, o único jornal oficial do movimento era o “Monitor Integralista”. De acordo com a orientação integralista:

O Chefe Nacional (...) resolveu pôr um termo à imprensa oficial do Integralismo em todas as Províncias, conservando essa qualidade, a um órgão, apenas o “Monitor Integralista”, do Rio de Janeiro, subordinado, diretamente, à Chefia Nacional. Todos os demais órgãos integralistas não envolvem nas suas publicações a responsabilidade da “Ação Integralista Brasileira”, o que entretanto não lhes tira, de maneira nenhuma, o dever de obediência à orientação da Secretaria Nacional de Imprensa e das autoridades Integralistas provinciais ou locais<sup>170</sup>.

Entre 1934 e 1936, a produção de jornais e revistas era responsabilidade da Secretaria Nacional de Doutrina e Propaganda. Já no decorrer deste período a imprensa conquistará o espaço de Secretaria, no mesmo nível da Secretaria de Doutrina, Finanças, Educação etc.. No 1º congresso integralista em Vitória (fevereiro de 1934) a imprensa estava sob responsabilidade do Departamento de Propaganda<sup>171</sup>. Em 1935 houve a junção do departamento de Doutrina e Propaganda, tendo como sua atribuição também a imprensa. Neste momento, a imprensa ganha um caráter organizacional. Além da confecção de periódicos, sua estrutura aponta para a fiscalização de textos publicados sobre o movimento em outras folhas – ou seja, as preocupações com a imprensa

---

<sup>169</sup> OLIVEIRA, op. cit., p.138-40

<sup>170</sup> **Protocolos e rituais da A.I.B.**, Capítulo XVII, Artigo 219, In: Enciclopédia do Integralismo. p.135. apud. CAVALARI, op. cit., p.88.

<sup>171</sup> Nas atribuições para a imprensa deste congresso encontram-se: manter ligação entre os órgãos de imprensa e a chefia nacional; organizar um cadastro da imprensa brasileira entre integralistas, simpatizantes e indiferentes – o que demonstra que os integralistas concebiam sua imprensa através de uma relação conflituosa e combativa entre aliados e inimigos-; também se encontra a função de que se produzam materiais para a distribuição nos jornais – ou seja, havia uma preocupação para a produção de materiais que passassem por um controle central antes de difundidos nos jornais. OLIVEIRA, op. cit., p.271.

não ficavam restritas apenas aos periódicos da AIB. Havia também um setor de censura a fim de controlar os jornais do movimento<sup>172</sup>.

De acordo com Cavalari, funcionava junto ao Gabinete das Chefias Provinciais uma “Comissão de Imprensa” encarregada de censurar e selecionar toda matéria de caráter doutrinário ou partidário destinado a publicação<sup>173</sup>. Havia a obrigação de enviar à Secretaria Nacional de Imprensa, um exemplar de cada edição e outro ao Chefe Nacional. De acordo com os Protocolos e rituais da A.I.B., “Esses jornais (...) estarão sujeitos, sempre que necessário, à observação direta da Secretaria Nacional de Imprensa que poderá cassar-lhes a qualidade de órgãos integralistas”<sup>174</sup>.

A imprensa recebeu o caráter de Secretaria em 1936. Dentre os artigos do regulamento da Secretaria Nacional de Imprensa nota-se: a orientação para a produção de jornais; a preparação de materiais para a imprensa do movimento; o auxílio aos jornais integralistas e simpatizantes do ponto de vista doutrinário e a garantia da difusão da ideologia de forma linear. São também sistematizados os órgãos internos vinculados à imprensa (Secretaria Nacional, Provincial e Municipais). Neste mesmo ano, a imprensa idealizada por Plínio Salgado chegou ao seu auge de êxito. Havia mais de oitenta periódicos circulando em todas as regiões do país. Através desta rede, o integralismo, primeiro movimento de massas organizado nacionalmente no Brasil, atingiu um número de adeptos superior a 500mil militantes – não pela coerção física, mas pela construção de um consenso<sup>175</sup>.

Oliveira aponta que o uso de jornais e revistas garantia a difusão de uma mensagem a um custo relativamente baixo. Era possível que o filiado comprasse a um custo baixo ou recebesse em sua casa o jornal ou a revista e aderir ao movimento, desta forma, não haveria a necessidade de ir a um núcleo para receber a sua carga doutrinária. Era possível que mesmo não membros da AIB lessem um jornal ou revista e aderissem ao movimento, além disso, um único exemplar poderia ser lido por mais de um indivíduo<sup>176</sup>.

---

<sup>172</sup> OLIVEIRA, op. cit., p.271-277.

<sup>173</sup> Monitor Integralista, n.22, 7 de outubro de 1937, p.7. In. CAVALARI, op. cit., p.85.

<sup>174</sup> **Protocolos e rituais da A.I.B.**, Capítulo XVII (Da imprensa integralista). Artigos 222 e 223. In: **Enciclopédia do Integralismo**. Vol. XI, p.146. Apud. CAVALARI, op. cit., p.84.

<sup>175</sup> OLIVEIRA, loc. cit.

<sup>176</sup> *Ibidem.*, p.15.

Além da divulgação da ideologia integralista, doutrinação e buscar arregimentar novos membros<sup>177</sup>, o jornal tinha o papel de garantir a imagem de uma unidade ideológica do movimento, pois, qualquer discordância de cunho ideológico ou doutrinário poderia colocar em risco a própria existência do grupo. Portanto, conforme Oliveira expõe, uma das principais faces da imprensa camisa-verde era a contensão de dissensões internas: as divergências ideológicas e de pensamento eram suprimidas. Para o militante chegava a imagem de um organismo perfeito. O elemento mais publicado nos jornais foi o anticomunismo (só perdendo para o próprio integralismo), neste sentido, a partir deste elemento central, as diferenças teóricas existentes entre os pensadores do partido perdiam importância aos olhos dos militantes. Oliveira destaca que o jornal

servia como um elemento de padronização de pensamento integralista mesmo que os teóricos tivessem pontos de vista diferenciados. Ao leitor era selecionado, dentro do conjunto teórico, aquilo que ele deveria ler. Por isto, afirmamos que não havia uma relação direta entre a teoria (livros) e a doutrinação (jornais e revistas). Isto não significa que não havia um elo entre estes dois elementos na transmissão da ideologia integralista<sup>178</sup>.

## 2.2 A imprensa integralista em SC

A doutrina integralista era difundida em periódicos publicados em vários municípios do Estado. De acordo com Falcão, por todos os recantos do Estado de Santa Catarina, a AIB não somente empreendeu excursões de propaganda, mas também produziu panfletos, circulares e livretos contendo as ideias que nortearam sua fundação. No entanto, os periódicos são um dos melhores indicadores da atuação integralista<sup>179</sup>.

---

<sup>177</sup> De acordo com o “Código de Ética Jornalística” elaborado por Plínio Salgado: “Faze do jornal um órgão de educação e criação, e jamais um órgão passivo, escravizado às massas (...)” **Código de Ética Jornalística**. In: Monitor Integralista, ano V, n.17, 20 de fevereiro de 1937, p.14. Apud. CAVALARI, op. cit., p.85.

<sup>178</sup> OLIVEIRA, op. cit., p.216. Na página 215 do trabalho de Oliveira é possível encontrar uma tabela com como Salgado, Barroso e Reale lidaram com determinados temas, por exemplo: fascismo, judaísmo, liberalismo etc. É frisado que estes teóricos possuíam divergências em suas perspectivas sobre alguns destes temas.

<sup>179</sup> FALCÃO, op. cit., p.135.

Em Joinville havia os jornais integralistas: “Anauê” (semanário em português, 1934-1937), “O Pliniano” (em português, 1935), “*Die zukunft*” (em alemão, 1934-1937). Florianópolis contava com dois jornais integralistas: “Flama” (em Português, 1935), “Flamma Verde” (semanário em português, 1936-1938). Em Blumenau: “O Alvorada” (semanário em Português, (1935-1937). Em Jaraguá do Sul: “Jaraguá” (semanário bilíngue, português e alemão, 1934-1938). Lages: “Mocidade” (em português, 1935). Em Laguna: “A Voz do Sul” (1935). Dos citados, “*Die Zukunft*” está com sua coleção muito precária, Flama, Mocidade, Pliniano e A Voz do Sul não foram localizados. Sabe-se da existência dos mesmos pois estes aparecem citados em outros periódicos não integralistas.

Havia também periódicos simpatizantes do movimento, que difundiam a sua doutrina e teciam críticas aos seus adversários, principalmente os comunistas. Entre eles: “O Farol” (semanário em português, 1934-1936 – Itajaí); “O Progresso” (semanário em português, 1934-1937 – Brusque); “Jornal de Joinville” (diário em português, 1934-1937) e “*Joinvillenser Zeitung*” (bi-semanário em alemão, 1934-1937) – Joinville; “*Blumenauer Zeitung*” (bi-semanário em alemão, 1934-1937) – Blumenau; “O Correio do Sul” e o “Albor” em Laguna<sup>180</sup>. Esses periódicos integralistas e de apoio “foram significativos no processo de expansão do sigma no Estado”<sup>181</sup>.

Durante a Primeira República e na década de 30, em Santa Catarina foram constituídos centenas de jornais, sendo que a maioria teve curtíssima duração. Estes jornais defendiam e difundiam os interesses de grupos e partidos, sobretudo em âmbito local, poucos tinham abrangência regional<sup>182</sup>. De acordo com Zanelatto:

Os indícios dão conta de mais de 90 jornais criados no estado entre 1930 e 1940, a ampla maioria com duração que girava em torno de um a três anos, alguns com duração inferior a poucos meses. Em grande parte, esses jornais foram criados nas principais cidades do estado: Joinville, Blumenau, Lages, Laguna e na Capital<sup>183</sup>.

<sup>180</sup> ZANELATTO, op. cit., p.49-50. & FALCÃO, op. cit., p.136.

<sup>181</sup> ZANELATTO, op. cit., p.49-50.

<sup>182</sup> Ibidem., p.259.

<sup>183</sup> Ibidem., p. 269.

Em relação ao sul catarinense, no momento de organização da AIB no estado, havia jornais somente no município de Laguna. A partir de 1935 é que surgiram publicações referentes aos camisas-verdes nos jornais. É importante mencionar que durante a década de 1930 a produção de jornais ficou praticamente restrita aos municípios de Laguna e Tubarão, o que atesta a importância socioeconômico-político-cultural desses municípios<sup>184</sup>. O único jornal integralista organizado em todo o sul catarinense foi o “A Voz do Sul”, que teve vida efêmera. Este foi fundado em 1935 na cidade de Laguna. Diante disso, “pode-se afirmar que a difusão e a popularidade alcançada pelo integralismo na região não se deveu à imprensa do partido”<sup>185</sup>. No entanto, isto não significa que não havia a circulação de textos ou outros jornais integralistas na região<sup>186</sup>.

Ao analisar os jornais editados no sul catarinense, Zanelatto afirma que é possível perceber que as suas publicações estavam voltadas principalmente às elites e aos setores médios, atingindo também funcionários públicos e trabalhadores rurais, pois, não havia nenhuma seção voltada para os imigrantes, mais de 75% da população desta região era composta de analfabetos. Os redatores e proprietários da imprensa no sul catarinense eram luso-brasileiros, grupo visado para a difusão do integralismo através da palavra impressa. De acordo com Zanelatto, “(...) no sul catarinense o integralismo era formado, sobretudo, por luso-brasileiros, estabelecidos nos centros urbanos e por imigrantes europeus e seus descendentes nas áreas rurais”<sup>187</sup>.

Com relação ao norte e Vale do Itajaí, a imprensa foi decisiva nos embates travados entre as forças políticas no âmbito local e regional. Houve mais de 60 jornais editados nessas duas regiões na década de 1930. Desde os tempos da colonização, a imprensa configurou-se como um importante instrumento para os teuto-brasileiros. Estes jornais foram criados por diversos motivos, não somente para difundir a germanidade. Nestes periódicos encontram-se lutas pelo poder político, tanto por forças locais quanto regionais.

Uma diferença importante em relação ao sul é que na região norte e no Vale do Itajaí:

---

<sup>184</sup> ZANELATTO, op. cit., p. 269-270.

<sup>185</sup> Ibidem., p.275.

<sup>186</sup> Idem.

<sup>187</sup> Ibidem., p.281-282.

Ao longo de toda a Primeira República e durante a década de 1930, no Vale do Itajaí e norte do estado, foi editado um número significativo de jornais em língua alemã, bilíngue e em língua nacional, voltado em especial para os imigrantes alemães e seus descendentes, estabelecidos tanto nos centros urbanos como nas áreas rurais. Somente com a implantação do Estado Novo que ocorrerá uma diminuição da publicação, além da intervenção sofrida por vários jornais<sup>188</sup>.

Nas áreas de colonização alemã em SC, desde muito cedo se observava uma quantidade razoável de jornais, calendários e outros impressos editados na língua desses imigrantes, o que pode ser explicado também pelo alto índice de alfabetização dos mesmos. Tendo em vista o alto índice de alfabetização e uma condição econômica que possibilitava a assinatura de um impresso, principalmente entre os imigrantes alemães e seus descendentes, “os jornais constituíram-se num instrumento considerável nas disputas pelo poder político entre as várias forças políticas que surgiram no pós-30”<sup>189</sup>.

A AIB, portanto, conseguiu montar uma rede de imprensa mais do que razoável para a época em Santa Catarina. Esta rede abrangia boa parte das regiões mais populosas e economicamente mais dinâmicas. Através desses periódicos, o integralismo “reproduzia documentos oficiais do movimento ou textos, artigos e extratos de livros publicados por Plínio Salgado ou por dirigentes como Miguel Reale e Gustavo Barroso e difundia material doutrinário ou informativo de cunho estadual ou local”<sup>190</sup>.

### 2.3 Periódico “Flamma Verde”

Nesta seção pretendemos discutir aspectos gerais do periódico “Flamma Verde”: expor algumas seções; colunas constantes; problematizar sua materialidade; os responsáveis; e aspectos relevantes da ideologia integralista presentes no texto manifesto da primeira edição. Não houve a possibilidade de analisarmos todas as matérias ou todos os colaboradores do periódico. Discutiremos brevemente algumas

---

<sup>188</sup> ZANELATTO, op. cit., p.290.

<sup>189</sup> Ibidem., p.291.

<sup>190</sup> FALCÃO, op. cit., p.137.

questões sobre o estudo de jornais enquanto fonte histórica e as referências a este jornal em estudos anteriores antes de adentrarmos na análise do “Flamma Verde”.

Sobre o estudo de jornais, um dos primeiros aspectos a ser observado tange à materialidade. A materialidade, isto é, diferenças na apresentação física, estruturação do conteúdo, escolha dos títulos etc. apontam para os sentidos assumidos pelos periódicos no momento de sua circulação<sup>191</sup>. De acordo com Roger Chartier, “(...) é fundamental lembrar que nenhum texto existe fora do suporte que lhe confere legibilidade; qualquer compreensão de um texto, não importa de que tipo, depende das formas com as quais ele chega até seu leitor”<sup>192</sup>.

Também é necessário ter em vista que a imprensa registra, comenta e participa da história. Maria Helena Rolim Capelato afirma que, através dela, se trava uma constante batalha pela conquista dos corações e mentes. O jornal não é um transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, tampouco uma fonte desprezível porque permeada pela subjetividade. Neste sentido, é importante sempre ter em mente certas indagações ao estudar a imprensa: quem são os proprietários? A quem se dirige? Com quais objetivos e quais os recursos utilizados?<sup>193</sup> A autora destaca:

(...) sua existência [a imprensa] é fruto de determinadas práticas sociais de uma época. A produção desse documento pressupõe um ato de poder no qual estão implícitas relações a serem desvendadas. A imprensa age no presente e também no futuro, pois seus produtores engendram imagens da sociedade que serão reproduzidas em outras épocas<sup>194</sup>.

São poucas as referências que abordaram o “Flamma Verde”. Zanelatto expõe algumas características sobre este periódico: que este procurava contemplar o integralismo em âmbito estadual - notícias abrangiam as várias regiões do estado e municípios; eram veiculadas

---

<sup>191</sup>Cf. LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In. PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010. P.111-154.

<sup>192</sup> Cf. CHARTIER, Roger. Texto, impressão, leituras. In. HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 211-238.

<sup>193</sup>CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A Imprensa na história do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSp, 1994. P.13-21

<sup>194</sup> Ibidem., p.24-25.

notícias dos núcleos municipais e de suas atividades, administração dos prefeitos, atuações dos vereadores, perseguição a integralistas etc.. De acordo com o autor, isto diferenciava “Flamma Verde” dos demais órgãos da imprensa integralistas deste Estado, que restringiam-se ao município em que foram criados, no máximo divulgavam o Integralismo da sua região e, esporadicamente, traziam alguma notícia de outras regiões. O autor argumenta que “uma explicação para isso talvez seja o fato de o jornal estar na capital, concorrendo com um número muito expressivo de outros jornais que publicavam notícias das várias regiões do estado”<sup>195</sup>.

De acordo com Zanelatto, este periódico destaca-se também por abordar a questão sindical. O autor afirma que esta temática perpassou praticamente todas as suas edições: “Havia uma seção sindical, nela eram publicados artigos destacando a situação do sindicalismo e dos operários. Os comunistas eram combatidos, pois haviam dominado as posições de mando nos sindicatos”. O autor considera que esta grande quantidade de artigos sobre sindicatos e trabalhadores sugere uma preocupação dos dirigentes com o operariado<sup>196</sup>.

Outra referência ao jornal em questão encontra-se em “O Fascismo no Sul do Brasil” (René Gertz). O autor aponta que o cônsul alemão informava que “o jornal local da AIB *A Flamma* (sic) era totalmente “nativista”. O autor escreve, em nota de rodapé, que o nome correto do jornal é “Flamma Verde”<sup>197</sup>. Aparentemente, o correto é “Flamma”, pois, existem menções sobre um periódico chamado “Flamma”<sup>198</sup> editado em Florianópolis neste período (1935), além disso, a primeira edição do Flamma Verde data 1936.

É importante ter em vista o andamento das eleições nesta conjuntura anterior ao Golpe de 1937 para nossa análise, que irá centrar no período de 1936 a 1938 (data de circulação do periódico “Flamma Verde”). Desde 1934 a constituição determinava a realização de eleições para presidente da República em janeiro de 1938, assim, desde 1936

---

<sup>195</sup> ZANELATTO, João Henrique. Anauê, Alvorada e Flamma Verde: a imprensa integralista e as disputas pelo poder político em Santa Catarina. **Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica**. Rio de Janeiro: vol. 5, nº3, setembro-dezembro, 2013. p. 392-393.

<sup>196</sup> ZANELATTO, op. cit., 2013. p.392-393.

<sup>197</sup> Relatório do cônsulo Dittmar de 20.11.1935 (pA, Abt. III, Pol. 29/Brasilien, Bd. In. GERTZ, op. cit., p.157. (grifos e (sic) do autor).

<sup>198</sup> De acordo com Zanelatto, “O Flamma (...) [dentre outros] não foram localizados. Sabemos de sua existência, pois eles aparecem citados em outros periódicos não integralistas.” ZANELATTO, op. cit., 2012. p.49.

tomou conta da cena política a sucessão presidencial, num momento de repressões, censura e restrição da participação política, devido ao Estado de Guerra<sup>199c</sup> decretado em março de 1936.

Em maio de 1937, Plínio Salgado foi lançado candidato às eleições presidencial, no entanto, em 10 de novembro de 1937 ocorreu o golpe do Estado novo. O pretexto de Vargas para golpear a democracia – o Plano Cohen, plano comunista para tomada do poder – era um documento forjado pelo destacado dirigente integralista Olímpio Mourão Filho. Meses antes do Golpe de 37, o governo realizou cerimônias de rememoração das vítimas do Levante Comunista de 1935<sup>200</sup> além do pedido para que o Congresso retornasse com o Estado de Guerra, momentaneamente suspenso. Apesar disso, em dezembro de 1937 ocorreu o fechamento da AIB, junto com todas as demais organizações partidárias do país<sup>201</sup>.

No **Anexo 1**, conforme já mencionado, estão apresentadas as edições encontradas, ano, data de publicação, diretor, gerente e o número de páginas do “Flamma Verde”. O jornal era semanário, com 47cm de comprimento e 32cm de largura<sup>202</sup> e teve sua primeira

---

<sup>199c</sup> Situação em que uma nação, com ou sem declaração de guerra, inicia hostilidades contra outra suspendendo todas as garantias constitucionais consideradas direta ou indiretamente prejudiciais à segurança nacional. Em dezembro de 1935, uma emenda constitucional abriu a possibilidade de se equiparar a “comoção intestina grave”, com finalidades subversivas das instituições políticas e sociais, ao estado de guerra. Foi com essas características que o estado de guerra foi decretado no Brasil nos anos de 1936 e 1937.” FGV. CPDOC. Estado de Guerra. Disponível < [http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/glossario/estado\\_de\\_guerra](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/glossario/estado_de_guerra)>. Acesso em 14/10/2013.

<sup>200</sup> Sobre este levante de 1935 cf. FGV. CPDOC. A revolta comunista de 1935. Disponível em < <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/RevoltaComunista>>. Acesso em 14/10/2013.

<sup>201</sup> Para um resumo sobre os fatos políticos destes momentos cf. FGV. CPDOC. Anos de Incerteza (1930 - 1937) > Golpe do Estado Novo. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/GolpeEstadoNovo>> & FGV. CPDOC. Anos de Incerteza (1930 - 1937) > Ação Integralista Brasileira. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/RadicalizacaoPolitica/AIB>>. Acesso em 13/10/2013.

<sup>202</sup> De acordo com Cavalari, apesar de haver uma padronização nas ideias veiculadas nos periódicos integralistas, o mesmo não ocorria com a diagramação. “A variação do tamanho dos jornais integralistas era de tal ordem que fica difícil agrupá-los”. A autora aponta que a diversidade de tamanhos pode ser uma característica da época: “Na década de 30, não havia uma padronização quanto ao tamanho dos jornais. O tamanho variava de acordo com a máquina que o imprimia”-CAVALARI, op. cit., p.89. Outrossim, de acordo com Oliveira, sobre os jornais de circulação regional: “Estes jornais não possuíam um padrão, tanto na formatação quanto na circulação. Encontramos alguns que tinham formato pasquim e outros tablóide. Variavam entre quatro e oito páginas. Eram editados semanal ou quinzenalmente. Encontramos um único diário. Também não havia um padrão tipográfico, ou seja, cada um

publicação no dia 12/09/1936, um sábado. Ao longo de sua existência, nem sempre de uma edição para outra passaram-se exatos sete dias, em alguns momentos mais dias foram necessários para a publicação de uma nova edição, no entanto, isto não parece ter ocorrido devido ao acréscimo de páginas do jornal que ocorreu a partir da edição 47 (sabemos que a edição de nº41 já teve 6 páginas, mas, as de números 42 e 43 retornaram às habituais 4 páginas). Da edição 47 até a 69, a quantidade de páginas do periódico irá variar entre 6 a 8, com o predomínio de 6.

Não encontramos uma coluna fixa editorial<sup>203</sup> no periódico, no entanto, em determinados momentos algumas colunas podem ter assumido este papel<sup>204</sup>. Abaixo: 1) foto da capa primeira edição do jornal; 2) foto da parte superior da 1ª página; 3) foto com a seção interna do jornal (que não estava presente em todas as edições) apresentando dados sobre o preço das assinaturas e outras informações.

---

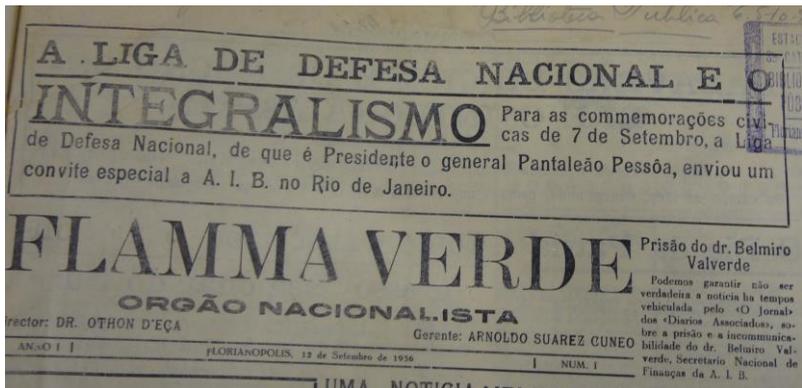
deles tinha liberdade para escolha dos elementos gráficos. Neste ponto eram bastante heterogêneos”. OLIVEIRA, op. cit., p.167.

<sup>203</sup> Conceito de editorial utilizado neste trabalho: “Parente literário do ensaio, o editorial é no jornal, no rádio e na televisão a palavra do editor, a opinião do veículo. Antigamente esta opinião de artigo-de-fundo ou comentário. Artigo-de-fundo ou comentário, era o ponto de vista do editor, a versão do proprietário, o pensamento do jornal. [...] O editorial é, a um só tempo, uma notícia informativa e opinativa. É ainda a notícia interpretativa, se o objetivo é dar à opinião a segurança e o cunho de persuasão. Assim, pode-se compreender o editorial como a notícia mais qualificada do jornal, ou pelo menos aquela que fere frontalmente o foro íntimo do veículo e tem irremediavelmente uma mensagem a transmitir ao leitor.” BAHIA, Juarez. **Jornal História e Técnica**, Santos: Livraria Martins Editora, 1967, pp. 160-16. Apud. OLIVEIRA, op. cit., p.99.

<sup>204</sup> Não tivemos a possibilidade de discutir tais textos. Tal tema está aberto para novas pesquisas.



**Figura 1 - Capa da 1ª edição do “Flamma Verde**  
**Fonte: FLAMMA VERDE, Florianópolis, 12 de setembro de 1936.**  
**Ano 1, nº1, p.1**



**Figura 2 – Parte superior da capa da 1ª edição do “Flamma Verde”**  
**Fonte: FLAMMA VERDE, Florianópolis, 12 de setembro de 1936.**  
**Ano 1, nº1, p.1**



**Figura 3 - Seção com dados do periódico “Flamma Verde”**  
**Fonte: FLAMMA VERDE, Florianópolis, 12 de setembro de 1936.**  
**Ano 1, nº1, p.4**

O periódico apresenta-se enquanto um “Órgão Nacionalista”, subtítulo que irá aparecer abaixo do título na capa do jornal e no boxeo no interior do jornal com outras informações<sup>205</sup>. O preço do periódico irá permanecer constante: assinatura anual (15\$000) e assinatura semestral (8\$000)<sup>206</sup>. Importante destacar que ao longo de sua existência, a capa

<sup>205</sup>De acordo com Oliveira, “Todos os jornais e revistas integralistas apresentavam obrigatoriamente algum tipo de referência direta ao movimento (‘órgão integralista’, ‘folha integralista’, ‘jornal integralista’, etc.). Com a fundação da Sigma Jornaes Reunidos, as folhas passaram a estampar o nome da empresa.”(cf. OLIVEIRA, op. cit., p.178). No jornal em questão, não encontramos referências sobre a *Sigma Jornaes Reunidos*. Sobre este tema, cf. ibidem., p.204-206. & CAVALARI, op. cit., p.83-84. De acordo com Oliveira, são poucas as informações sobre este “conglomerado jornalístico” e não há dados que comprovem sua real e efetiva funcionalidade.

<sup>206</sup> À título de comparação, o diário “O Estado”, cuja oficina e redação encontrava-se à rua João Pinto n.13, possuía o preço de assinatura (na capital) 40\$000 (anual), 22\$000 (semestre),

do jornal não irá permanecer sempre com o mesmo *layout*, além disso, também não haverá um padrão no que tange às seções internas do periódico. Ao longo da análise buscaremos apresentar e problematizar algumas dessas modificações.

Na primeira edição está presente um texto de Plínio Salgado<sup>207</sup>, espécie de manifesto editorial de lançamento do periódico. Tal matéria é intitulada: “Da mensagem aos Catarinenses<sup>208</sup>”. Neste texto, é possível encontrar uma escrita simples contendo diversos aspectos da ideologia integralista. Importante notar que a primeira palavra deste texto é: “Catarinenses!”, portanto, o texto tinha o intuito de atingir os catarinenses, ou seja, buscar expor uma fala “direta” entre Plínio Salgado e os habitantes deste Estado. Ao final do texto é escrito a sua data, “março de 1934”. Alguns trechos que destacamos são:

Catarinenses!

O Integralismo é o maior movimento da História, desde a Independência. Nunca se levantou com tamanho sentido de unidade nacional, tão profundo sentimento e tão elevado nível intelectual uma campanha como a nossa. (...) Sabemos o que queremos e sabemos querer com energia suficiente para desdenharmos de todas as posições pois o Integralismo não é apenas um partido, é um reerguimento da Pátria.

Nós não queremos outra coisa senão educar o povo brasileiro, ensiná-lo a defender-se, a conhecer suas necessidades, a unir-se para que o Brasil seja uma potência respeitada. Pretendemos organizar as corporações, sobre elas fundar a verdadeira opinião nacional; queremos fortalecer a autoridade da Nação; queremos libertar a Pátria da escravidão do supercapitalismo internacional; queremos congraçar (sic) os operários, os estudantes, os intelectuais para a grande campanha nacionalista.

---

12\$000 (trimestre), 4\$000 (mês) e \$200 (avulso). O ESTADO, Florianópolis, 5 de outubro de 1936. Ano XXII, nº6896, p.3.

<sup>207</sup> Segundo Oliveira, “O primeiro jornal de cada chefia provincial costumava publicar na sua edição de estreia o *Manifesto de Outubro* e/ou os *Estatutos da Ação Integralista Brasileira*. Desta forma, universalizavam a ideia primordial do integralismo”. OLIVEIRA, op. cit., p.167-169. Pode-se dizer que tal texto possui uma função semelhante.

<sup>208</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 12 de setembro de 1936. Ano 1, nº1, p.1.

Somos contra o comunismo, o separatismo, a liberaldemocracia, o regionalismo excessivo, o materialismo grosseiro. Não permitiremos jamais que o sangue de brasileiros seja derramada por Brasileiros, para servir a partidos, a políticos. A nação deverá ser una, indivisível, forte, próspera e feliz. As classes trabalhadoras deverão estar organizadas. O governo deverá ter capacidade para intervir na orientação, na fiscalização do estímulo de todas as energias produtoras do país. O homem deve ser intangível, a família deve ser fortalecida, a classe deve ser o órgão da opinião, o governo deve ser a realização suprema.

Através deste texto é possível destacar alguns aspectos da ideologia integralista: a concepção integralista da evolução humana<sup>209</sup>; o nacionalismo<sup>210</sup>; a implantação do Estado Integral; a importância da família; a luta contra inimigos (no texto o Integralismo afirma ser contra o comunismo, o separatismo, a liberaldemocracia<sup>211</sup>, o materialismo grosseiro<sup>212</sup> etc.); a missão histórica do Integralismo<sup>213</sup>.

---

<sup>209</sup> A concepção integralista da evolução humana “inspira-se numa filosofia da história que crê no aperfeiçoamento progressivo da humanidade: ‘a história, segundo Salgado, é a crônica do desenvolvimento e da transformação do Espírito dos Povos numa aspiração de perfectibilidade’.”SALGADO, Plínio. **Psicologia da Revolução**. Rio, Livraria Clássica Brasileira, 1953. P.14. Apud. TRINDADE, op. cit., p.203. Também de acordo com Trindade: “A concepção do homem e da sociedade integra-se através da definição da finalidade histórica do integralismo, que quer modelar o homem, a sociedade, a nação e a humanidade de uma maneira integral”. Ibidem., p.201

<sup>210</sup> Já nos seus textos publicados no periódico “A Razão” Salgado expunha sobre o nacionalismo. Na análise de Trindade deste textos: “Seu nacionalismo enfatiza, sobretudo, três temas básicos do ideário nacionalista: a unidade nacional, o anticossmopolitismo e a consciência nacional”. Ibidem., p.89.

<sup>211</sup> “A posição do integralismo face ao liberalismo está contida na palavra de ordem de seu chefe nacional num de seus primeiros livros doutrinários: ‘Guerra de morte à liberal-democracia!’. A hostilidade do integralismo na primeira fase do movimento é mais dirigida contra o liberalismo do que contra o socialismo. Este paradoxo se explica não somente porque a ideologia liberal é o adversário mais imediato a combater, mas porque, na lógica interna da ideologia, o liberalismo é a causa do socialismo”.SALGADO, Plínio. **O que é o Integralismo**. p.29 Apud TRINDADE, op. cit., p.288

<sup>212</sup> Segundo Trindade, “O confronto permanente entre bem e mal explica-se, segundo Salgado, pela oposição entre duas concepções de vida e de finalidade: o materialismo e o espiritualismo. Quando o espiritualismo predomina, a luta se atenua, porque fatores de apaziguamento (a bondade, a solidariedade humana, o senso estético e religioso) entram em sua composição; quando, porém, reina o materialismo, prevalecem os fatores de desagregação humana (o

Dentre as pessoas principais responsáveis pelo jornal encontramos: Othon Gama d'Eça (diretor do jornal, Chefe Provincial do Integralismo em SC); Antônio Nunes Varella (Secretário Provincial de Imprensa); Arnaldo Suarez Cuneo (gerente do jornal até a edição 11 e Secretário Provincial de Finanças); Celso Mafra Caldeira de Andrada (gerente do jornal e Secretário Provincial de Finanças após Cuneo); Luiz de Souza (Chefe Municipal de Florianópolis e redator); Danilo Carneiro Ribeiro (Governador da 1ª região e redator); Mário Mafra (Secretário Provincial e redator)<sup>214</sup>. Sobre a atuação deles, neste momento, é importante ressaltar que Varella tornou-se Secretário Provincial de Imprensa por ato do Chefe Provincial, sendo divulgado na edição nº38 do “Flamma Verde”<sup>215</sup>. Através dele ocorria um controle dos textos das Secretarias Municipais que viriam a ser publicados, pois, em notícia é explicado que todas as notícias dos Núcleos para publicação no periódico devem ser enviadas para esta secretaria “a fim de receber o necessário visto”<sup>216</sup>. Desta nota é possível perceber que o jornal propunha-se enquanto aglutinador e difusor de informações relativas aos diversos Núcleos Integralistas do Estado.

Em algumas edições, o jornal irá apresentar notícias referentes aos Núcleos Integralistas de Santa Catarina na seção “O Integralismo na Província”. Esta seção irá aglutinar diversas notícias referentes aos Núcleos Integralistas do Estado. Encontramos a mesma nas seguintes edições: 38 (página 3); 47 (página 5); 48<sup>217</sup> (página 3); 49 (página 7); 50 (página 7); 51 (página 7); 55 (página 5); 56 (página 5); 58 (página 3); 59 (página 5); 60 (página 3); 61 (página 3). Destacamos a análise de

orgulho, a vaidade, a rebelião, a indisciplina) que são as causas do desaparecimento das nações das civilizações”. *Ibidem.*, p.202.

<sup>213</sup> Segundo Cavalari, “um tema constantemente repetido em várias obras integralistas era o da visão que os integralistas tinham de si e do papel que atribuíam a si na sociedade. O integralista se via como o ‘eleito’, como o ‘predestinado’. (...) esta visão, propunha-se para o militante uma representação do integralista que funcionava como estratégia de identidade e de unificação do movimento”. CAVALARI, *op. cit.*, p.140

<sup>214</sup> No terceiro capítulo serão referenciados, discutidos e ampliados os dados sobre a formação e atuação destes e outros membros da organização da AIB em Florianópolis.

<sup>215</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 28 de maio de 1937. Ano.1, nº38, P.3.

<sup>216</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 7 de agosto de 1937. Ano 1, nº47, P.4.. Está escrito: “O Secretario Provincial de Imprensa faz ver aos comps. Scrs. Municipais de Imprensa ou quem deles às vezes fizer, que todas as notícias dos Núcleos para publicação na Flamma Verde devem ser enviadas diretamente a esta Secretaria, a fim de receber o necessário visto.” Ao final deste aviso está a data 24/7/1937.

<sup>217</sup> Nesta edição estarão presentes na página 3 notícias sobre diversos núcleos municipais do estado, no entanto, não haverá a denominação de “O Integralismo na Província”. A notícia terá o título: “A magestosa parada telegráfica dos camisas-verdes em continência ao seu Chefe”. FLAMMA VERDE, Florianópolis, 14 de agosto de 1937. Ano 1, nº48, p.3.

Oliveira sobre estas notícias nos periódicos de circulação regional: “(...) é nestes periódicos que são veiculadas as informações locais, e onde o ‘camisa-verde’ consegue ver as suas atividades apresentadas em consonância com as de outros núcleos da sua região”<sup>218</sup>. Pode-se perceber que não houve um padrão para a fixação desta coluna.

Além disso, outra coluna presente em algumas edições é chamada “Chefia Provincial da Ação Integralista Brasileira. Movimento de Gabinete”. Esta apresentará notícias sobre a Chefia Provincial. Tal coluna foi encontrada nas seguintes edições: 1 (página 4); 12 (página 2); 39 (página 2); 40 (página 2); 41 (página 2); 42 (página 2); 47 (página 6); 50 (página 7); 51 (página 7). Neste sentido, Oliveira frisa sobre os jornais de circulação regional: “[Estes jornais] Serviam como instrumento que fazia a ponte entre a Chefia Provincial e os ‘camisas’verdes’ dos diversos núcleos locais”<sup>219</sup>. Não foi possível a fixação de um padrão para a existência dessa coluna. Através da mesma eram expostas atividades deste Gabinete, por exemplo: reuniões; datas de conferências; visitas; resoluções; nomeações dentre outros. Pode-se perceber que um dos intuitos desta coluna era apresentar uma Chefia Provincial dinâmica com grande participação e realização de atividades.

Em outra notícia também podemos inferir a pretensão do periódico de circular em todo o Estado, nesta está escrito:

Aos srs. Chefes Municipais da AIB. Solicitamos a fineza de suas providências no sentido de serem remetidas, até o dia 10 de cada mês, as cotas do ‘Flamma Verde’, na forma do que ficou estabelecido no Conclave Provincial de Janeiro do corrente ano e consta da Resolução da Chefia Provincial sobre o assunto<sup>220</sup>.

É possível perceber a intenção de que cada núcleo municipal receba o periódico constantemente. Em outra edição, no roda-pé da página está escrito: “Divulgar FLAMMA VERDE, o órgão do pensamento integralista da Província de Sta. Catarina é dever precípua de todo o Chefe Municipal”<sup>221</sup>. Além disso, junto às seções de

---

<sup>218</sup> OLIVEIRA, op. cit., p.173.

<sup>219</sup> Ibidem., p.166.

<sup>220</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 7 de novembro de 1936. Ano 1, nº9, p.4.

<sup>221</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 20 de fevereiro de 1937. Ano 1, nº 24, p.3.

publicidade haverá, em algumas edições, um texto com a seguinte mensagem: “Senhores anunciantes: este jornal circula, comprovadamente, em todos os municípios de Santa Catarina e em todos os Estados do Brasil. É o maior jornal de tiragem entre nós”<sup>222</sup>. Pode-se questionar se o periódico circulava em todos os Estados do Brasil - na bibliografia consultada sobre o Integralismo não existem dados que sustentem tal afirmação - no entanto, era conveniente sugerir este fato, pois, o próprio título deixava claro que esta nota era endereçada aos anunciantes do jornal.

Em suma, tais dados vão ao encontro da análise de Zanelatto sobre este periódico procurar contemplar o Integralismo de âmbito estadual. Pode-se destacar a importância e atribuição dos Chefes Municipais enviarem notícias sobre o Integralismo em seus municípios para o periódico, com efeito, tais notícias poderiam servir tanto para divulgação do Integralismo quanto para controle da Chefia Provincial no que se refere às ações que estavam sendo realizadas nos municípios em questão. É possível compreender este periódico enquanto um canal da chefia provincial, portanto, hierarquicamente acima dos outros chefes municipais.

A redação e administração do “Flamma Verde” encontravam-se, no início de sua circulação, na Rua João Pinto nº29 - mesmo local da sede provincial da AIB<sup>223</sup>. Em notícia da edição nº3 é avisado que “Toda a correspondência dirigida ao Chefe Provincial da A.I.B. neste Estado deverá ser endereçada à rua Visconde de Ouro Preto, nº1”<sup>224</sup>. Não temos certeza sobre o que havia neste local, no entanto, em notícia de 3 de julho de 1937 publicada no “Flamma Verde” é comunicado para todos integralistas da província sobre a inauguração da nova sede provincial e municipal na praça XV de novembro, esquina das ruas Visconde de Ouro Preto e Padre Miguelinho<sup>225</sup>. A oficina irá acompanhar a mudança da sede para a esquina das ruas Vinconde de Ouro Preto e Padre Miguelinho (praça XV de novembro) - julho de

---

<sup>222</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 30 de janeiro de 1937. Ano 1, nº 21, p.3.; FLAMMA VERDE, Florianópolis, 12 de novembro de 1936. Ano 1, nº14. p.3

<sup>223</sup> (nome ilegível) Escrivão da Secretaria da Segurança Pública. Certidão. Secretaria de Segurança Pública de Santa Catarina. Ofícios GOV SSP 1936/1939. [1936]. p.53. & FLAMMA VERDE, Florianópolis, 12 de setembro de 1936. Ano 1, nº1, p.4. Na mesma rua que encontrava-se a redação do jornal “O Estado”.

<sup>224</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 26 de setembro de 1936. Ano 1, nº5, p.1.

<sup>225</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 3 de julho de 1937. Ano 1, nº43, p.1. Nesta mesma edição do jornal, na página 4, é dito que nesta nova sede provincial se localizará também as oficinas do “Flamma Verde”.

1937<sup>226</sup>. Pode-se supor que estes são os mesmos locais (lugar de envio de correspondências para a Chefia e Provincial que iria se tornar a nova sede provincial e municipal da AIB). Nesta mesma edição, está escrito:

“Flamma Verde”. Aviso aos anunciantes e leitores. Em virtude da mudança das oficinas deste jornal, para a nova sede Provincial e Municipal, na próxima semana FLAMMA VERDE deixará de circular, fazendo-o tão depressa esteja instalado todo o seu maquinismo<sup>227</sup>.

A partir desta edição (43) haverá um aumento constante do número de páginas do periódico<sup>228</sup>. Algo curioso, é que na notícia sobre a troca da gerência, está escrito sobre outro endereço:

Aviso necessário. A gerência de “Flamma Verde” passou a ser exercida pelo sr. Celso M. Caldeira, sócio da Empresa, ficando o sr. Arnaldo S. Cuneo com a Gerência da referida Empresa Editora Flamma Ltda. Toda a correspondência, portanto, inclusive pagamentos etc., deverá ser dirigida ao novo Gerente da ‘Flamma Verde’, à rua 28 de setembro nº66. Florianópolis<sup>229</sup>.

Não temos certeza sobre o que havia nesta localidade (rua 28 de setembro, nº66), talvez a residência do novo gerente Celso Mafrá Caldeira - não encontramos outras menções sobre este endereço no jornal.

Conforme também está escrito na seção com a descrição do jornal, o mesmo é “Propriedade da Empresa Editora Flamma & Cia. Ltda.” Sobre esta empresa, “Editora Flamma & Cia. Ltda”, ou outras informações acerca da distribuição deste periódico existem alguns indícios. Em uma pequena nota na primeira edição está escrito: “‘Flamma Verde’ Agente em Florianópolis Expeditora Blumenauense. Rua F. Schmidt nº20<sup>230</sup>” (tal nota também estará presente em outras edições). Em outro anúncio:

<sup>226</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 3 de julho de 1937. Ano 1, nº43, p.1.

<sup>227</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 3 de julho de 1937. Ano 1, nº43, p.4.

<sup>228</sup> Cf. **Anexo I**.

<sup>229</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 7 de novembro de 1936. Ano 1, nº9, p.1.

<sup>230</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 12 de setembro de 1936. Ano 1, nº1, p. 4.

Riscos para bordados e pinturas, ampliações de todos os tamanhos e formatos, em qualquer pano e cor, mesmo em oleados, couros e madeiras, atendem-se pedidos de qualquer parte. Expositora Blumenauense. Rua Felipe Schmidt nº20. Caixa Postal n.28. Florianópolis<sup>231</sup>.

Em outro anúncio: “A Offensiva<sup>232</sup>, A Razão<sup>233</sup>, Correio da Manhã, Correio do Povo de Porto Alegre. Revistas: Anauê<sup>234</sup>, Panorama<sup>235</sup>, Algodão e outras publicações. Assinaturas mensais. Mediante entrega a domicílio. Expositora Blumenauense. Rua Felipe Schmidt 28. Caixa posta, 28 – Fpolis.”<sup>236</sup>. Nossa hipótese é que a distribuidora deste periódico (além de outros jornais e demais itens) seria esta “Expositora Blumenauense”, que também seria o local de venda. Tendo em vista que o nome deste local é “Expositora Blumenauense” pode-se sugerir alguma conexão entre algum comerciante ou casa comercial cuja origem é Blumenau (cidade economicamente mais ativa) na distribuição deste e de outros periódicos e na compra de outros produtos.

Na primeira página, acima do título, na maioria das edições haverá um texto em destaque divulgando matérias de dentro do jornal ou outros assuntos<sup>237</sup>. Estas mensagens versaram sobre temas distintos e, obviamente, buscavam atrair a atenção do leitor e/ou algum possível comprador. Além disso, segundo Cavalari, uma característica da

---

<sup>231</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 12 de setembro de 1936. Ano 1, nº1. P.3.

<sup>232</sup> “A Offensiva” foi um periódico integralista de circulação nacional que durou entre 1934-1937. Segundo Oliveira: “Este periódico era o principal portal de transmissão da doutrina integralista. Tinha o caráter de órgão oficial do integralismo e era através dele que a palavra do ‘Chefe Nacional’, Plínio Salgado, chegava aos lares dos militantes. Assim como na *Monitor Integralista*, havia a obrigatoriedade de assinatura por parte dos núcleos. As lideranças nas esferas nacionais, regionais e locais eram obrigadas a ter uma assinatura individual e também era recomendado que todos os militantes assinassem ou comprassem nas bancas.” OLIVEIRA, op. cit., p.151.(grifos do autor).

<sup>233</sup> “A Razão” é um periódico integralista que circulou no Estado do Paraná no ano de 1935. Cf. PEREIRA, Luciana Agostinho; ATHAIDES, Rafael. O Integralismo no Paraná e o jornal “A Razão”, 1935: um exercício de análise do discurso. **Revista Rascunhos Culturais**. V. 1, n.2, p.205-222. Jul/dez. 2010.

<sup>234</sup> “Anauê” foi um semanário produzido em Joinville entre 1934-1937.

<sup>235</sup> Revista Integralista de circulação nacional dirigida por Miguel Reale que buscava atingir a elite intelectual do movimento, foi criada em 1936. OLIVEIRA, op. cit., p.194.

<sup>236</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 12 de setembro de 1936. Ano 1, nº1. P.2.

<sup>237</sup> Seção semelhante será encontrada no jornal “A Offensiva”. Cf. análise em OLIVEIRA, op. cit., p.152.

imprensa integralista era “o uso constante de determinadas estratégias de persuasão do militante e unificação do Movimento, a saber: a repetição, a transcrição, o uso de lembretes, a propaganda comercial aliada à doutrina”<sup>238</sup>. Conseguimos distinguir alguns objetivos sobre o que foi divulgado nesta seção: difundir ações sociais dos integralistas; divulgação da ideologia integralista; atacar inimigos partidários; cultivar o líder nacional; demonstrar a grandeza do movimento. Em alguns momentos esta seção será utilizada para a escrita de matérias extensas. Ao aproximar das eleições e nos momentos próximos e posteriores ao Golpe de 37, Getúlio Vargas também irá aparecer mais de uma vez no cabeçalho do periódico.

Nas páginas internas do jornal, em algumas edições, também é possível encontrar textos em destaque nos cabeçalhos ou rodapés das páginas. Os textos veiculados nestas seções vão ao encontro da análise de Cavalari, neste sentido, pode-se dizer que estes faziam parte de uma estratégia de persuasão. Através destes textos, em sua maioria objetivos, buscava-se reforçar a ideologia integralista, publicizar ações do movimento, arregimentar novos adeptos, garantir uniformidade do partido etc..

Em boa parte das edições haverá ao lado do título do jornal um breve texto ou nota sobre assuntos relacionados ao integralismo, não há um padrão para a presença ou temáticas destes textos. Dentre os assuntos encontrados destacamos: anticomunismo; lembretes para a leitura do periódico, pagamento da taxa do Sigma, participação de campanhas, para o envio da quota da Província; anúncio sobre as eleições integralistas; propaganda do periódico. Também é possível entender esta nota como uma estratégia de persuasão semelhante às encontradas nos cabeçalhos ou rodapés do “Flamma Verde”.

Não conseguimos distinguir um padrão ao longo da existência do jornal com relação às suas colunas, seções e organização interna – tal tarefa está aberta para futuras pesquisas. No entanto, conforme Zanelatto expôs, uma seção frequente é relacionada com notícias sindicais em geral: entre a edição 14 e 30 a terceira página será reservada para notícias sindicais, no canto superior estará escrito em destaque “Sindicalismo”, e em cada lado as seguintes frases: “Trabalhadores do Brasil- Uni-vos contra o Capitalismo e o Comunismo” & “O integralismo dará aos trabalhadores trabalho, Salário Justo e Educação”.

---

<sup>238</sup> CAVALARI, op. cit., p.93.

A página 4 das edições 50 e 51 será reservado para “Notas Sindicais”<sup>239</sup>. A página 4 das edições 54, 55, 56, 58, 59, 60 e 61 será descrita como “Página Sindical”. Estas duas seções terão sua denominação na parte superior da página. Concordamos com Zanelatto sobre esta coluna ser frequente e que visava apoio dos trabalhadores<sup>240</sup>.



**Figura 4 – Título da seção “Sindicalismo”.**  
**Fonte: FLAMMA VERDE, Florianópolis, 12 de novembro de 1936. Ano 1, nº14, p.3.**

Uma coluna que esteve presente em muitas edições do jornal foi a reservada para notícias sociais: aniversários, casamentos, falecimentos, visitas etc.<sup>241</sup> Por exemplo:

Aniversário: D. Hilda Pedreira Gama d’Eça. Transcorreu ontem o aniversário natalício da exma. Sra. D. Hilda Pedreira Gama d’Eça, virtuosíssima esposa do dr. Othon d’Eça, Chefe Provincial. A ilustre aniversariante pode comprovar pelas inúmeras felicitações recebidas o grau de estima que desfruta nos meios integralitas e na nossa alta sociedade. À distinta senhora “Flamma Verde” apresenta felicitações<sup>242</sup>.

Esta coluna não esteve presente em todas as edições (quando esteve presente nem sempre possuía o mesmo título – em algumas edições será chamada de “Sociais”, ou “Vida Social” ou não terá título

<sup>239</sup> Em outras poucas edições haverá uma parte da página com matérias cujo título serão “Notas Sindicais”. No texto incluímos somente aquelas que referem-se à totalidade da página com notícias sindicais.

<sup>240</sup> Em nossa pesquisa não pudemos analisar todos os textos publicados nesta seção.

<sup>241</sup> Colunas com este mesmo intuito estavam presentes em outros jornais da época. Cf. a análise de Pedro no capítulo III da obra: PEDRO, Joana Maria. Consolidação da elite política e outras formas de distinção. In. \_\_\_\_\_. op. cit., p.81-111.

<sup>242</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 19 de junho de 1937. Ano 1, nº 41, p.2.

etc.) e nem sempre encontrava-se na mesma página. Pode-se perceber que quando a notícia referia-se a uma mulher, esta era sempre apontada enquanto esposa de algum integralista ou cidadão de destaque. O teor destas notícias irão variar, no entanto, é possível refletir sobre estas buscarem garantir alguma forma de distinção social para os que possuíam seus nomes publicados. Talvez também, como diversas destas referiam-se à companheiros integralistas, pode-se propor que tais notas buscassem estreitar laços entre os integralistas do estado objetivando engendrar uma maior identidade entre os diversos camisas-verdes de Santa Catarina.

Com relação à publicidade veiculada no “Flamma Verde”, é possível fazer alguns apontamentos: será constante e presente em todas as edições; não haverá uma página fixa para os anúncios; somente na capa é que não encontramos anúncios, com exceção de alguns poucos presentes na parte inferior da mesma; a maioria dos anúncios referiam-se à locais do Centro de Florianópolis, nem todos possuíam endereço - outro endereço de outra cidade encontrado foi de Blumenau; alguns anúncios buscavam associar o seu produto com o partido integralista; havia também a presença de estratégias de persuasão para anunciantes<sup>243</sup>. De acordo com Oliveira, não havia auxílio financeiro por parte da Chefia Nacional para os periódicos, com efeito, cada jornal era responsável pela sua subsistência<sup>244</sup>. Percebe-se que havia um interesse de diversos comerciantes de Florianópolis ao anunciar neste periódico, neste sentido, é possível inferir que a circulação do mesmo ocorreu, principalmente, nesta capital.

Conforme Cavalari aponta, na imprensa Integralista havia muito o uso de lembretes enquanto estratégia de persuasão quando se queria fixar determinadas ideias. Segundo a autora: “esses pequenos lembretes, que obedeciam aos mesmos dispositivos tipográficos, eram publicados em destaque em jornais das mais diferentes localidades”<sup>245</sup>. Alguns destes dispositivos estavam presentes no “Flamma Verde”, alguns exemplos encontrados são: “A taxa do Sigma deve ser aplicada por ordem do Chefe Nacional. Dispensá-la sem autorização é

---

<sup>243</sup> “Senhores anunciantes: este jornal circula, comprovadamente, em todos os municípios de Santa Catarina e em todos os Estados do Brasil. É o jornal de maior tiragem entre nós.” FLAMMA VERDE, Florianópolis, 20 de fevereiro de 1937. Ano 1, nº24, p.3. / “Façam seus anúncios na ‘Flamma Verde’” FLAMMA VERDE, Florianópolis, 7 de agosto de 1937. Ano 1, nº 47, p.4. Ambos destes textos estarão presentes em diversas edições do jornal.

<sup>244</sup> OLIVEIRA, op. cit., p.174.

<sup>245</sup> Cf. CAVALARI, op. cit., p.99-101.

desobedecer”<sup>246</sup>; “Vote em Plínio Salgado”<sup>247</sup>; “Quando acabar de ler este jornal, não o ponha fora. Dê ao seu vizinho, ao seu amigo, para que eles também o leiam”<sup>248</sup>; “A Taxa do Sigma é a viga mestra da economia do Movimento Integralista”<sup>249</sup>; “O Código Eleitoral obriga a todo o cidadão alistar-se eleitor. Deixa de cumprir o seu dever aquele que foge a essa obrigação”<sup>250</sup>; “O bom integralista não é o que somente cumpre os seus deveres para com o movimento, mas, sim aquele que também observa os preceitos da sua religião”<sup>251</sup>; “Exija no seu recibo mensal o selo ‘Anauê’ da taxa do Sigma”<sup>252</sup>; “Secretaria Provincial de Finanças solicita a todos os S. M. F. e S. D. F. O cumprimento dos artigos 9 e 10 da Resolução nº89 de 27 de junho de 1936”<sup>253</sup>. Estes lembretes foram encontrados repetidas vezes nas várias edições do jornal. Dentre os objetivos destas estratégias de persuasão, é possível observar: buscar com que se amplie a difusão do “Flamma Verde”; reforçar obrigações com o partido; reforçar a ideologia.

Com relação às imagens veiculadas no periódico, a primeira está no 21º número. É uma ilustração de pouca qualidade técnica. A próxima imagem será veiculada somente na edição 27 com visível melhora técnica.



<sup>246</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 30 de outubro de 1937. Ano 2, nº 59, p.3.

<sup>247</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 30 de outubro de 1937. Ano 2, nº 59, p.2.

<sup>248</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 5 de junho de 1937. Ano 1, nº39, p.4.Estratégia para aumentar a circulação do periódico.

<sup>249</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 5 de junho de 1937. Ano 1, nº39, p.4.

<sup>250</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 5 de junho de 1937. Ano 1, nº39, p.4.

<sup>251</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 27 de fevereiro de 1937. Ano 1, nº25, p.4.

<sup>252</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 30 de janeiro de 1937. Ano 1, nº21, p.3.

<sup>253</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 30 de janeiro de 1937. Ano 1, nº21, p.3.

**Figura 5 - Agamenon Magalhães – Ministro da Justiça da Câmara dos Deputados**  
**Fonte: FLAMMA VERDE, Florianópolis, 30 de janeiro de 1937. Ano 1, nº21, p.1.**



**Figura 6 - Getúlio Vargas**  
**Fonte: FLAMMA VERDE, Florianópolis, 13 de março de 1937. Ano 1, nº 27, p.1.**

Logo após a edição nº27 as imagens continuarão esporádicas, no entanto, serão frequentes sobretudo nas últimas edições do periódico. A maior parte das ilustrações serão fotografias de grandes personalidades, dentre elas: membros da AIB, como: Alberto Stein (Prefeito de Blumenau), Othon Gama d’Eça, Plínio Salgado, Adolpho Walendowsky (Prefeito de Brusque); grandes personalidades políticas, como: Almirante Gilhen (Ministro da Marinha), Getúlio Vargas, Nereu Ramos; inimigos da AIB, como: Dimitroff (“Chefe do Komintern”), Stalin, Lênin, Luiz Carlos Prestes.

Outro exemplo de ilustração serão imagens com conteúdo político, por exemplo: na edição 55<sup>254</sup> e 59<sup>255</sup> serão veiculadas uma mesma ilustração de uma pixação escrita “Abaixo o integralismo” presente na cidade de Laguna. O texto que acompanha a imagem na edição 55 expõe sobre o jornal ter várias vezes “provado a existência de células marxistas em determinados pontos do Estado” e que eleitores do

<sup>254</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 2 de outubro de 1937. Ano 2, nº55, P.8.

<sup>255</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 30 de outubro de 1937. Ano 2, nº59, p.1.

Partido Liberal também professam estas ideias marxistas. E finaliza: “Mais uma vez chamamos a atenção do Governo do Estado. Sustentamos as acusações, exibiremos as provas. Mas... eles não querem ouvir”. Pode-se perceber que o uso da imagem buscava reforçar a ideologia integralista (anticomunismo e antiliberalismo) e, ao apontar o descaso do governo, colocava o movimento enquanto alternativa de resolução para o “problema” da difusão do marxismo.



**Figura 7 – Pixação em Laguna**

**Fonte: FLAMMA VERDE, Florianópolis, 2 de outubro de 1937. Ano 2, nº55, P.8.**

Na edição 59<sup>256</sup> serão veiculadas 2 imagens, suas legendas são “A velha ponte do Pastor, em Blumenau, que vinha desde a Monarquia, atravessando, assim, todas as administrações municipais, inclusive a do sr. Beduschi, Prefeito que fazia promessas”, a outra: “A atual ponte ‘25 de julho’, construída em substituição à velha ponte do Pastor, pelo sr. Alberto Stein, Prefeito que não faz promessas.” Estas imagens buscam enobrecer a figura de Alberto Stein (prefeito integralista de Blumenau) ao afirmar que não é um prefeito de “promessas”, mas que cumpre suas propostas.

Outro exemplo está na edição de número 69<sup>257</sup>, é a imagem do “Monumento a D. Pedro I” na cidade de Rio de Janeiro. Houve também

<sup>256</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 30 de outubro de 1937. Ano 2, nº59, p.1.

<sup>257</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 5 de fevereiro de 1938. Ano 2, nº 69, P.5.

a veiculação de caricaturas, abaixo um exemplo de caricatura de um ex-candidato para as eleições:



**Figura 8 – José Américo, ex-candidato à Presidência da República**  
**Fonte: FLAMMA VERDE, Florianópolis, 29 de janeiro de 1938.**  
**Ano 2, n° 68, p.1.**

Infelizmente, em nossa análise não conseguimos analisar todos os textos que as acompanhavam. Com relação às personalidades cujas imagens eram veiculadas, o maior número de fotografias pertence à Plínio Salgado. A constante reprodução de imagens do líder nacional ocorria também em outros periódicos integralistas<sup>258</sup>. Pode-se perceber alguns objetivos para a veiculação das imagens: tornar mais atraente a leitura o jornal; ilustrar e reforçar o conteúdo das matérias; reforçar o culto ao líder nacional<sup>259</sup>; desmoralizar inimigos do integralismo; reforçar conhecimento de grandes personalidades políticas, sobretudo dos altos escalões do Integralismo.

Conforme foi exposto, a Imprensa possuía um papel central para a difusão da ideologia integralista e expansão do partido. Havia uma estratégia que buscava garantir uniformidade para os jornais e alcançar

<sup>258</sup> OLIVEIRA, op. cit., p.169.

<sup>259</sup> Concordamos com Oliveira ao afirmar que: “Não esqueçamos que em um movimento de massas de orientação fascista a imagem do líder exerce um papel fundamental para o funcionamento deste grupo. É ele que dá o nexa e reflete uma imagem que representaria o coletivo, e para isto necessita de uma exposição constante para que seu papel de liderança não receba contestações.” OLIVEIRA, op. cit., p.258.

os seus objetivos: arregimentar novos membros, difusão da ideologia etc.. O periódico “Flamma Verde” insere-se neste plano maior para a imprensa integralista. Pode-se pensar este jornal enquanto um canal de difusões de ordens provinciais; atualização de notícias integralistas da província; difusão da ideologia; publicização de notícias cotidianas dentre outras questões. O uso de imagens, diferentes colunas, frases de efeito ou outros tipos de lembretes foram algumas das estratégias utilizadas a fim de concretizar os objetivos deste periódico.



### 3. Integralistas e Integralismo em Florianópolis

#### 3.1 Estudo Prosopográfico

Nesta seção abordaremos especificamente sobre a presença integralista em Florianópolis. Conforme já foi exposto, existem poucos estudos sobre a presença dos camisas-verdes na Capital Catarinense. Isto pode ser explicado talvez devido ao fraco desempenho nas eleições pelos Integralistas de Florianópolis. Os integralistas da cidade não conseguiram eleger nenhum membro nas eleições tanto para prefeito quanto vereador – conforme já exposto no capítulo anterior, nas eleições para prefeito de 1936, em Florianópolis o Integralismo recebeu 202 dos 4.171 votos totais. No entanto, é importante ter em vista que Florianópolis é considerada uma região “especial” neste Estado pelos integralistas, pois, possuía a Chefia Provincial - o Chefe Provincial era o dirigente máximo do integralismo no Estado – e que esta cidade possuía grande importância enquanto centro político-administrativo do Estado.

A partir de agora, faremos um estudo prosopográfico com relação aos integralistas responsáveis pelo “Flamma Verde” e de ocupação com cargos de destaque da AIB em Florianópolis – não pretendemos ou tivemos possibilidade de discutir com propriedade sobre os militantes de base. Debater-se-á sobre a atuação dos mesmos em seus cargos na AIB<sup>260</sup> e a interação do integralismo com atividades da cidade de Florianópolis.

Alguns dos principais nomes encontrados já foram citados na introdução deste trabalho, eles são: Adolpho José dos Reis; Alfredo Barbosa Born; Antônio Nunes Varela; Archimedes Monguilhot; Arnaldo Suarez Cuneo; Celso Mafra Caldeira; Danilo Carneiro Ribeiro; Emídio Cardoso Júnior; Hena de Castro; Jeremias de Paula Oliveira; Laércio Caldeira de Andrada; Luiz de Souza; Maria José de Oliveira;

---

<sup>260</sup> Sobre a estrutura organizacional da AIB, de acordo com Trindade: “A estrutura da A.I.B., desde o Chefe até os militantes de base, forma uma organização burocrática e totalitária. A burocracia da organização manifesta-se através de um complexo de órgãos, funções, papéis, comportamentos previstos minuciosamente pelos estatutos, resoluções do Chefe e rituais; o caráter totalitário, por sua vez, através das relações rígidas entre os órgãos de enquadramento disciplinado dos militantes (a partir das organizações da juventude até a milícia) e da submissão autoritária e fidelidade aos superiores hierárquicos. Neste sentido, o totalitarismo e a burocracia são elementos indissociáveis na organização do integralismo.” TRINDADE, op. cit., p.161-162

Mário Mafra; Max Baier; Oslym Costa; Othon Gama d'Eça; Rodolpho Zimmer Yolanda Carneiro Ribeiro<sup>261</sup>.

Com relação a Adail Gastão, Adolpho José dos Reis e Alfredo Barbosa Born não foram encontradas maiores referências ou informações. Adail Gastão era bancário<sup>262</sup> e foi Chefe do Departamento de Contabilidade. Adolpho José dos Reis é citado enquanto Secretário de Finanças<sup>263</sup>. Já Alfredo Barbosa Born foi Chefe do Gabinete<sup>264</sup> (indicado por Celso Mafra Caldeira) e formou-se em direito em 1938 na Faculdade de Direito de Santa Catarina<sup>265</sup>.

Antônio Nunes Varela, de acordo com Walter Piazza, nasceu em 1911, filho de Boaventura de Haro Varela e D. Maria Nunes Varela. Foi professor e jornalista entre 1935-39, trabalhou nos jornais “A Pátria”, “Dia e noite” e “Diário da Tarde” em Florianópolis. Bacharelou-se em Ciências e letras no Ginásio Catarinense e bacharelou-se em direito pela Faculdade de Direito de Santa Catarina em 1939, sendo orador da turma. Foi também Presidente do Centro Acadêmico “XI de fevereiro” desta faculdade. Em 1940 ingressou no Ministério Público, foi Promotor Público da Comarca de Joaçaba (SC) de 1940 a 1947 e eleito à 1ª legislatura (1947-1950), eleito pelo Partido Social Democrático (PSD)<sup>266</sup>.

<sup>261</sup> Cf. **Anexo II** para um resumo das informações posteriores.

<sup>262</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis. 30 de outubro de 1937. Ano 2, nº59, P.7.

<sup>263</sup> A notícia que cita a definição de seu cargo é ambígua. Na notícia com a nomeação está escrito: “O chefe municipal em resolução baixada a 31 de agosto findo, e tendo em vista a nova estruturação das várias secretarias da Ação Integralista resolveu exonerar, dos cargos de secretários de Organização Política, de Finanças, Propaganda, os companheiros Jeremias de Paula Oliveira, Adolpho José dos Reis, Rodolpho Zimmer e de Chefe do Departamento Feminino a companheira Maria José de Oliveira, respectivamente, tendo nomeado os mesmos para exercerem as funções de secretários: das Corporações e Serviços Eleitorais, Finanças e Propaganda e para a de Arregimentação Feminina e da Juventude a companheira Maria José de Oliveira, tudo por resolução, também daquela data.” FLAMMA VERDE, Florianópolis, 12 de setembro de 1936. Ano.1, nº1, p.3.

<sup>264</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis. 30 de outubro de 1937. Ano 2, nº59, P.7.

<sup>265</sup> Formados da década de 30. Disponível em <[http://www.ccj.ufsc.br/Graduacao/Formados/decada30\\_1.html](http://www.ccj.ufsc.br/Graduacao/Formados/decada30_1.html)>. Acesso em 27/09/2013. Todas às vezes que nos referirmos a algum formando de Direito desta Faculdade nossa fonte com os nomes e ano de formatura será desta lista.

<sup>266</sup> PIAZZA, Walter Fernando (org.). **Dicionário político catarinense**. Florianópolis: edição da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1994. P.790-791. O mesmo atuou também como diretor do periódico integralista da cidade de Laguna “A Voz do Sul”. (informações sobre sua atuação no periódico a “Voz do Sul” em: CORREIO DO SUL, Santa Catarina, 21 de julho de 1935. Ano IV, n.187, p.3. apud. ZANELATTO, op. cit., p.49. De acordo com este autor, o jornal só circulou durante o ano de 1935.

No integralismo, A. Nunes Varella é mencionado atuando como Secretário Provincial de Imprensa<sup>267</sup>; Secretário do Conselho Jurídico<sup>268</sup> (mesmo em notícias posteriores, o mesmo continua sendo referido enquanto Secretário Provincial de Imprensa; subentende-se que ele atuou nestas duas funções ao mesmo tempo) e fez parte da Junta Provincial Eleitoral<sup>269</sup>.

A fim de levantar aspectos que possam explicar a indicação de Varela para ocupar estes cargos e sua adesão ao integralismo existem questões a serem ressaltadas: sua experiência enquanto diretor do periódico “A Voz do Sul”; sua atuação enquanto jornalista; sua filiação paterna, pois, seu pai, Boaventura de Haro Varela<sup>270</sup>, é mencionado como ex. agente postal do município de Lauro Muller (1905-1912)<sup>271</sup> e tenente-secretário do 14º batalhão de infantaria da comarca de Lages<sup>272</sup>. pode-se perceber que teve certa atuação no meio político e experiência militar, de qualquer forma, atividades profissionais capazes de custear um curso de direito para seu filho.

Sabemos que a adesão de A. Nunes Varella ao Integralismo ocorreu antes da circulação do “Flamma Verde” e que a cidade de Laguna destacava-se economicamente no Sul Catarinense com grande presença dos integralistas<sup>273</sup>. Sobre sua atuação em questões do partido temos algumas referências: em notícia de 24/7/1937, Varella conclama aos chefes municipais que enviem para sua secretaria textos a serem publicados no “Flamma Verde” a fim de receberem o “necessário visto” para publicação. Portanto, através do mesmo ocorria um controle de

---

<sup>267</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 28 de maio de 1937. Ano.1, nº38, P.3. Na notícia em questão, está escrito: “Assumi o exercício de seu cargo, na Secretaria Provincial de Imprensa, o comp. Acadêmico Nunes Varella, recentemente nomeado por ato do Chefe Provincial.”

<sup>268</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 28 de agosto de 1937. Ano 1, nº50, p.7.

<sup>269</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 12 de junho de 1937. Ano 1, nº40, p.4. Na nota assinada por Nunes Varella (Da Junta Prov. Eleitoral) está escrito: “De acordo com os termos da circular nº 9, da Junta J. N. E. [Junta Nacional Eleitoral], científico aos Chefes Municipais e Governadores de Região que, todos os pedidos de certidões de idade para fins eleitorais poderão ser feitos, diretamente, às Chefias Municipais ou Provinciais, sem outras formalidades. Fpolis, 12-5-937. V da era Integralista.”

<sup>270</sup> Em determinados locais encontramos o sobrenome como “Varella” e em outros como “Varela”.

<sup>271</sup> Diário Oficial da União (DOU) de 27/05/1937. P.28, seção 1. Disponível em <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2189567/pg-28-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-27-05-1937>>. Acesso em 25/09/2013.

<sup>272</sup> Diário Oficial da União (DOU) de 29/06/1898. P.4, seção1. Disponível em <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/1645544/pg-4-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-29-06-1898/pdfView>>. Acesso em 25/09/2013.

<sup>273</sup> Cf. ZANELATTO, op. cit., passim.

informações sobre o que poderia ser publicado neste periódico<sup>274</sup>. Sobre sua atuação no Cargo de Secretário do Conselho Jurídico, em matéria do “Flamma Verde”<sup>275</sup> é descrito que consultas relativas a processos de qualificação eleitoral indeferidos, expulsões etc. deveriam ir para esta secretaria. Subentende-se de suas atividades: sua importância regional; sua posição hierárquica superior com relação aos questionamentos legais da AIB e em relação às matérias publicadas no jornal; e sua atuação que exigia estar em contato com diversos membros integralistas deste Estado.

Sobre o integralista Archimedes Monguilhot só sabemos de sua atuação enquanto Secretário Municipal de Propaganda<sup>276</sup>. Arnoldo Suarez Cuneo nasceu em 4 de fevereiro de 1909 e faleceu em 1992 (possuía 27 anos em 1936); foi gerente do “Flamma Verde” até a edição de nº 9; Secretário Provincial de Corporações<sup>277</sup>; Secretário Provincial de Finanças<sup>278</sup>; formou-se Cirurgião-Dentista pelo Instituto Polytechnico<sup>279</sup> em 1924 e exerceu sua atividade profissional de 1930 a 1967<sup>280</sup>. De acordo com Claricia Otto, Cuneo foi também diretor do jornal “La Tribuna” - que surgiu em 1932. Este periódico - cujo foco central era a figura do grande *Duce* - foi editado em Florianópolis e

---

<sup>274</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis. 7 de agosto de 1937. Ano 1, nº47, P.4.. Está escrito: “O Secretario Provincial de Imprensa faz ver aos comps. Scrs. Municipais de Imprensa ou quem deles às vezes fizer, que todas as notícias dos Núcleos para publicação na Flamma Verde devem ser enviadas diretamente a esta Secretaria, a fim de receber o necessário visto.” Ao final deste aviso está a data 24/7/1937.

<sup>275</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 28 de agosto de 1937. Ano 1, nº50, P.7. “A Secretaria do Conselho Jurídico Provincial, cientifica aos companheiros Chefes Municipais e Governadores da Região que, toda e qualquer consulta relativa a processos de qualificação eleitoral indeferidos, expulsões, naturalizações, contratos públicos ou particulares, nomeações, etc., devem vir em 5 (cinco) cópias datilografadas, e dirigidas a esta Secretaria para as respectivas autuações.”

<sup>276</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 7 de agosto de 1937. Ano 1, nº47, p.5.

<sup>277</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 28 de novembro de 1936. Ano 1, nº12, P.2.

<sup>278</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 12 de setembro de 1936. Ano 1, nº1, P.3.

<sup>279</sup> Este Instituto foi a primeira instituição de ensino superior de Santa Catarina, fundado em 1917. Reunia os cursos de Farmácia, Odontologia, Comércio e Agrimensura/de Engenharia agrônomo. Em meados dos anos 20 funcionava ao lado da Escola Normal Catarinense, num prédio vistoso na moderna Avenida Hercílio Luz. Funcionou até o início da década de 20. DALLABRIDA, op. cit., p.244. De acordo com o histórico do Centro de Ciências Jurídicas da UFSC, este instituto foi fundado sob a liderança de José Arthur Boiteux e era submetido à fiscalização federal e estadual. (Histórico Centro de Ciências Jurídicas.. Disponível em < <http://www.ccj.ufsc.br/ccj/historico.html>>. Acesso em 9/10/2013.)

<sup>280</sup> Academia Catarinense de Odontologia. Disponível em < [http://www.acodontologia.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=156&Itemid=142](http://www.acodontologia.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=156&Itemid=142)>. Acesso em 2/10/2013.

destinado aos núcleos coloniais italianos. Cuneo é citado enquanto professor, nada mais é informado sobre esta sua atividade. Ainda de acordo com esta autora, o jornal era editado pela “Sociedade Fraternidade Italiana”, localizada em frente à Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, no centro da capital. Ao analisar os discursos publicados nestes jornais destinados aos núcleos coloniais, Otto defende a hipótese destes periódicos favorecerem à recepção das idéias fascistas<sup>281</sup>. Portanto, pode-se inferir que a afinidade com o fascismo italiano deve ter influenciado também em sua adesão ao integralismo. De acordo com Zanelatto, na conjuntura de surgimento da AIB em Santa Catarina houve um enfraquecimento dos canais de difusão do fascismo. Em 1932, por ordem do vice-cônsulo Giacomo Ungarelli foi fechado o *fascio* de Florianópolis que também pressionou o fechamento do semanário “La Tribuna”<sup>282</sup>.

Celso Mafra Caldeira de Andrada formou-se em direito em 1937, atuou no integralismo enquanto Secretário Provincial de Finanças<sup>283</sup>, gerente do periódico “Flamma Verde” a partir da 10ª edição<sup>284</sup> e fez parte da Comissão Especial de Controle e Coordenação dos Serviços e Propaganda Eleitoral<sup>285</sup> (também composta por Arnaldo Suarez Cuneo, Mário Mafra e Luiz de Souza, sob a presidência do Chefe Provincial). Sabemos que Celso Mafra em 1935 possuía 22 anos, era ainda estudante de direito e já membro da AIB em Florianópolis, pois havia participado de uma briga com um membro da Aliança Nacional Libertadora (ANL)<sup>286</sup> em 3 de julho de 1935 no café e restaurante “Estrela”, situado

---

<sup>281</sup> OTTO, Clarícia. Avanti, cari connazionali! Tentativas de construção de italianidade em Santa Catarina. **Esboços**. Florianópolis, v.10, n.10, 2002, p.120.

<sup>282</sup> ZANELATTO, op. cit., 2012. p.223-224.

<sup>283</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis. 7 de agosto de 1937. Ano 1, nº47, p.5.

<sup>284</sup> Em nota publicada na edição nº9 está escrito: “Aviso necessário. A gerência de ‘Flamma Verde’ passou a ser exercida pelo sr. Celso M. Caldeira, sócio da empresa, ficando o sr. Arnaldo S. Cuneo com a Gerência da referida Empresa Editora Flamma Ltda. Toda a correspondência, portanto, inclusive pagamentos etc., deverá ser dirigida ao novo Gerente da “Flamma Verde”, à rua 28 de Setembro n.66. Florianópolis.” FLAMMA VERDE, Florianópolis. 7 de novembro de 1936. Ano 1, nº9, P.1.

<sup>285</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis. 28 de novembro de 1936. Ano 1, nº12. P.2.

<sup>286</sup> A ANL foi fundada em março de 1935 no Rio de Janeiro. Este movimento, que possuía membros de setores das camadas médias urbanas, operariado, membros das classes dominantes, elites políticas e militares de diferentes patentes, mobilizava-se a fim de 4 objetivos principais: luta contra o avanço do integralismo no Brasil, do fascismo no cenário mundial e luta contra dominação imperialista e o latifúndio no Brasil. A atuação da ANL caracterizava-se pela organização de atos públicos, caravanas aos Estados norte-nordeste, participação em lutas de rua contra os integralistas, publicação e distribuição de boletins, volantes e jornais aliancistas. Em 11 de julho de 1935, Getúlio Vargas assinou o decreto que fechou a ANL, acusando-a de ser um instrumento a serviço do “comunismo internacional”.

nos arredores da Praça XV de Novembro<sup>287</sup> (outros integralistas que o acompanhava eram Luiz de Souza e Carlos Caldeira). Aparentemente, o cargo de Gerente estava de alguma forma associado ao de Secretário Provincial de Finanças, pois, com a saída de Arnaldo Suarez Cuneo deste cargo, a primeira referência que temos de alguém neste cargo é de Celso Mafra Caldeira. Conforme escrito, a atuação do gerente englobava o recebimento de correspondências, pagamentos referentes à Taxa do Sigma pagamentos relativos ao jornal e provavelmente cobranças também.

Outra informação encontrada foi a nomeação, por parte de Celso Mafra Caldeira para seus auxiliares dos seguintes integralistas: Alfredo Barbosa Born (chefe do Gabinete); Adail Gastão (chefe do departamento de contabilidade<sup>288</sup>); João Schmidt (Chefe do Departamento de Tesouraria<sup>289</sup>). Sobre a atuação de Celso Mafra Caldeira como Secretário Provincial de Finanças temos uma fonte: em notícia de 27/7/1937 e assinada junto do Chefe Provincial Othon Gama d'Eça há uma resolução (nº106) que resolve: “Todo o Núcleo, seja municipal, distrital ou rural, que possuir saldos em Caixa deverá aplicar trinta por cento desses saldos na obtenção das Promissórias do Sigma. Fpolis, 27/7/37 V da Era Integralista”<sup>290</sup>. Tendo em vista que as eleições presidenciais estavam marcadas para início de 1938, podemos inferir que o incentivo para a compra dessas promissórias ocorra a fim de custear a campanha eleitoral para a presidência da AIB.

Outra informação encontrada com relação à Celso Mafra Caldeira é que o mesmo freqüentava o Clube 12 de agosto de Florianópolis. Celso M. C. foi encontrado em foto do “Bloco do Trem Azul” do clube

---

PRESTES, Anita Leocadia. 70 anos da Aliança Nacional Libertadora (ANL). **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v.XXXI, n.1, junho 2005, p.101-120. Disponível em <[http://www.dhnet.org.br/memoria/1935/a\\_pdf/anita\\_leocadia\\_70\\_anos\\_anl.pdf](http://www.dhnet.org.br/memoria/1935/a_pdf/anita_leocadia_70_anos_anl.pdf)>. Acesso em 13/08/2013.

<sup>287</sup> Cf. ARAÚJO, Thiago Oliva Lima de. **O café amargou: em disputa um horizonte de expectativas entre integralistas e aliancistas na cidade de Florianópolis na década de 1930**. TCC (história). UDESC: Florianópolis, 2012. Durante o início da AIB, os primeiros documentos deste movimento não excluem a possibilidade do recurso a meios violentos de luta. A partir de 1935 esta perspectiva começa a se modificar, a possibilidade de tomar o poder pela via eleitoral começa a frear o radicalismo do movimento. TRINDADE, op. cit., p.207-208.

<sup>288</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis. 30 de outubro de 1937. Ano 2, nº59, P.7.

<sup>289</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis. 23 de outubro de 1937. Ano 2, nº 58, P.3.

<sup>290</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis. 7 de agosto de 1937. Ano 1, nº47, p.5. Pode-se perceber a ambição deste movimento ao utilizar um calendário tendo como início a sua fundação em outubro de 1932.

citado (em 1934)<sup>291</sup>. Pode-se supor que Celso Maфра Caldeira de Andrada era filho ou possuía outro grau de parentesco com Laércio Caldeira de Andrada (já citado enquanto membro da “Geração da Academia”).

Sobre Danilo Carneiro Ribeiro encontramos as seguintes informações: foi o governador da 1ª região de Santa Catarina (que compreendia os municípios de São José, Palhoça e Biguaçu)<sup>292</sup>; foi Secretário Provincial de Assistência Social<sup>293</sup>; redator do “Flamma Verde” e autor da biografia “Ernesto Carneiro Ribeiro: sua vida e sua obra”. O sobrenome indica que Danilo Carneiro Ribeiro era filho ou possuía outro parentesco com Heráclito Carneiro Ribeiro. Não temos informações sobre a atuação profissional de Danilo Carneiro Ribeiro ou sobre sua formação (com a exceção de uma referência ao mesmo enquanto acadêmico, supõe-se que era do curso de direito<sup>294</sup>), no entanto, a partir de sua paternidade, pode-se inferir uma boa condição de vida e uma boa rede de relações sociais capaz de respaldar sua atuação na A.I.B. em Santa Catarina enquanto um Secretário Provincial, Governador de uma região e redator do jornal. Sobre sua atuação enquanto Governador da 1ª Região temos uma nota publicada em 10/10/1936 na qual é exposto:

Foram convocados os chefes e secretários municipais dos municípios da S. José, Palhoça e Biguaçu para em dia que será previamente fixado reunirem-se na sede da A.I.B. de João Pessoa. Tem como objetivo esta convocação o estudo dos municípios acima citados. A todos os chefes municipais convocados e secretários compete trazer um relatório detalhado referente ao município que chefiam<sup>295</sup>.

---

<sup>291</sup> ROSA; Paulo Gonçalves Weber Vieira da; GRISARD, Iza Vieira da Rosa. **O Clube Doze de Agosto e sua história**. Florianópolis: Clube Doze de Agosto, 1991. P.119.

<sup>292</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 10 de outubro de 1936. Ano 1, nº5, p.4. De acordo com Zanelatto, posteriormente à criação dos primeiros núcleos integralistas de SC (Florianópolis, Itajaí, Blumenau, Joinville, Lages) “a chefia integralista dividiu o estado em várias regiões e, em cada uma dessas regiões, havia um ‘governador regional’.” ZANELATTO, op. cit., 2012. P.47.

<sup>293</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 26 de novembro de 1936. Ano 1, nº16, P.4.

<sup>294</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 30 de outubro de 1937. Ano 2, nº59, P.7.

<sup>295</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 10 de outubro de 1936. Ano 1, nº5, p.4

Pode-se perceber sua importância na organização da AIB e sua responsabilidade no que tange aspectos desses três municípios da região metropolitana.

Emídio Cardoso Júnior foi Chefe Municipal de Florianópolis<sup>296</sup> (a referência data de novembro de 1937, portanto, acreditamos que o mesmo substituiu Luiz de Souza que era então Chefe Municipal). Foi eleito Secretário da 67ª eleição para diretoria do Clube 12 de Florianópolis (12/01/1932)<sup>297</sup>. Em outubro de 1937, em nota publicada no “Flamma Verde” é apontado que Emídio Cardoso foi reeleito Presidente do Clube 15 de Outubro, em cerimônia que contou com representantes da imprensa e sociedade. Também aponta que os redatores Luiz de Souza e Danilo Carneiro Ribeiro representaram o periódico “Flamma Verde” neste evento<sup>298</sup>.

Hans Buendgens foi referido enquanto membro da diretoria integralista<sup>299</sup>. Sobre Hena de Castro, em notícia de 9 de outubro de 1937, ao lado de seu nome está escrito “Departamento Municipal de Arregimentação Feminina”<sup>300</sup>, inferimos que a mesma fosse representante deste departamento.

Sobre Heráclito Carneiro Ribeiro sabemos que é baiano de nascimento; publicou na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina “Memória sobre o Município de Joinville”<sup>301</sup>; foi desembargador; é considerado um dos fundadores do curso de direito da Faculdade de Direito de Santa Catarina<sup>302</sup>; em 1932 era Presidente do Superior Tribunal de Santa Catarina<sup>303</sup>; fez parte da “Câmara dos Quatrocentos”, além disso, seu escritório de advocacia encontrava-se no endereço Praça XV, nº19 (Florianópolis)<sup>304</sup>. Sua adesão ao Integralismo

<sup>296</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 13 de novembro de 1937. Ano 2, nº61, P.1.

<sup>297</sup> ROSA; GRISARD, op. cit., p.61.

<sup>298</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 23 de outubro de 1937. Ano 2, nº 58, P.6.

<sup>299</sup> Sobre o mesmo fazer parte da “diretoria” da AIB encontramos esta referência em ofício enviado pelo Secretário de Segurança Pública Clarivalte Galvão para o governador de Santa Catarina Nereu Ramos, datado do dia 5 de outubro de 1936. (GALVÃO, Clarivalte. Estado de Santa Catarina. Secretaria de Estado dos Negócios da Segurança Pública. Ofícios GOV SSP 1936-1939 5 de outubro de 1936. p.52)

<sup>300</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 9 de outubro de 1937. Ano 2, nº56, P.5.

<sup>301</sup> GOMES, Manoel. **Memória Barriga-Verde**. Florianópolis: Lunardelli, 1990, p.94.

<sup>302</sup> Centro de Ciências Jurídicas. Disponível em <<http://www.ccj.ufsc.br/ccj/historico.html>>. Acesso em 2/10/2013.

<sup>303</sup> DREIFUS; Barão Fernando von (org.) **Anuário Catharinense para 1932**: Dedicado á maior vulgarização das cousas catharinense. Tipografia Moderna - R. Rosenstock, Joinville. P.21.

<sup>304</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 7 de agosto de 1937. Ano 1, nº47, P.2.

foi noticiada na capa do “Flamma Verde”. Na matéria, dentre outras palavras, está escrito: “O espírito patriótico, o seu grande amor pelo Brasil, o seu ideal de justiça, a sua elevada cultura foram as causas da adesão plena e convicta ao Integralismo. (...)”<sup>305</sup>.

Com relação a Jeremias de Paula Oliveira sabemos que o mesmo foi Secretário de Corporações e Serviços Eleitorais<sup>306</sup> e Chefe Municipal de São José<sup>307</sup>. João Schmidt foi Chefe do Departamento de Tesouraria<sup>308</sup>.

Laércio Mafra Caldeira foi candidato integralista nas eleições de 1934 para a Assembléia Constituinte Estadual<sup>309</sup>. Nasceu em São José em 1890 e faleceu em 1971. Filho do coronel Felisberto Gomes Caldeira de Andrada e de Henriqueta Ferreira de Melo de Andrada. Fez parte com Othon d’Eça do que se convencionou chamar de geração da Academia, assim, participou da Academia Catarinense de Letras (fundou a cadeira nº 2, cujo patrono é Antero dos Reis Dutra) e do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Bacharel pela Faculdade de Direito de Niterói, foi professor da Escola Normal Catarinense e da Faculdade de Direito de Niterói, engenheiro de telégrafos, membro do Conselho de Educação Religiosa e, dentre outras atividades, também publicou em jornais. De acordo com Sachet, foi um “homem de fé, vinculado à Igreja Protestante, publicou livros e conferências ligadas às suas convicções religiosas”<sup>310</sup>.

Luiz de Souza fez parte da Comissão Especial de Controle e Coordenação dos Serviços e Propaganda Eleitoral; foi Chefe Municipal de Florianópolis<sup>311</sup>; Chefe de Gabinete da Chefia Provincial<sup>312</sup>; formou-se em direito em 1937; foi redator do “Flamma Verde”<sup>313</sup>. De acordo com matéria publicada no “Flamma Verde”, a atuação do Chefe Municipal consistia na resolução de casos que interessam o movimento no Município e na “aplicação dos estatutos e da disciplina da A.I.B.,

<sup>305</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 27 de fevereiro de 1937. Ano 1, nº 25, p.1.

<sup>306</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 12 de setembro de 1936. Ano 1, nº 1, p.3.

<sup>307</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 9 de outubro de 1937. Ano 2, nº 56, P.5.

<sup>308</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 23 de outubro de 1937. Ano 2, nº 58, P.3.

<sup>309</sup> Neste momento, de acordo com Zanelatto, Laércio Caldeira atuava enquanto funcionário público. ZANELATTO, op. cit., p.64. Nesta página está um quadro com os nomes dos candidatos integralistas para esta eleição e suas respectivas profissões.

<sup>310</sup> Sobre Laércio Mafra Caldeira cf. GOMES, op. cit., 1990. p.134. & SACHET, op. cit., p.99.

<sup>311</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis 26, de novembro de 1936. Ano 1, nº 16, p.4.

<sup>312</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis 7, de agosto de 1937. Ano 1, nº 47, P.3. O Oficial de Gabinete era Benjamin Lucas de Oliveira, que atuava enquanto Chefe de Gabinete quando este não o podia. Cf. Notícia “Aviso” de FLAMMA VERDE, Florianópolis 25 de setembro de 1937. Ano 2, nº 54, p.5.

<sup>313</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 23, de outubro de 1937. Ano 2, nº 58, P.6.

devendo os interessados, pelos meios regulares, procurá-lo quando necessário”. Importante destacar o início desta notícia que explica as atribuições “De ordem do Chefe Provincial, aviso a todos os companheiros que compete ao Chefe Municipal de Florianópolis (...)”<sup>314</sup>. É possível perceber a hierarquização do movimento, pois, a legitimidade da ação do Chefe Municipal provinha da “ordem” da Chefia Provincial.

Sobre Maria José de Oliveira somente sabemos que foi Secretária Municipal de Arregimentação Feminina e Plinianos<sup>315</sup>. Mário Mafra formou-se em 1937 em direito; fez parte da Comissão Especial de Controle e Coordenação dos Serviços de Propaganda Eleitoral; foi Secretário Provincial<sup>316</sup> e redator do periódico<sup>317</sup>. Sobre Max Paulo Baier sabemos que formou-se em direito em 1939, o conhecimento de sua atuação no integralismo se deve por ter sido convidado a falar em sessão doutrinária em Florianópolis<sup>318</sup>. Noemia S. Reis fez parte da Secretaria Provincial Arregimentação Feminina e Plinianos<sup>319</sup>. Sobre Oslym Costa sabemos que foi candidato Integralista nas eleições de 1934 para Assembleia Constituinte Estadual<sup>320</sup>, que foi aluno da Faculdade de Direito<sup>321</sup> e Secretário de Estudos de Imprensa<sup>322</sup>.

Othon da Gama Lobo D’Eça nasceu em Florianópolis no ano de 1893, filho de Nuno Gama d’Eça e Maria Luísa Crespo da Gama Lobo d’Eça. Sua família foi alvo de perseguições durante a Revolução Federalista por parte de florianistas, o que culminou com o assassinato do seu avô e tio, respectivamente Barão de Batovi e seu filho, Alfredo. Estudou no Ginásio Catarinense, formou-se em direito pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro (dezembro de 1920).

Othon foi bacharel, professor, escritor (em 1920 havia publicado o livro de prosa poética “Cinza e Bruma”, da qual teve crítica de João

<sup>314</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis 25, de setembro de 1937. Ano 2, nº54, p.5.

<sup>315</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 9 de outubro de 1937. Ano 2, nº56, P.5

<sup>316</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis 19, de novembro de 1936. Ano 1, nº15, P.1.

<sup>317</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 12 de setembro de 1936. Ano 1, nº1, p.4

<sup>318</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 30 de outubro de 1937. Ano 2, nº59, P.7.

<sup>319</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 30 de outubro de 1937. Ano 2, nº59, P.7.

<sup>320</sup> ZANELATTO, op. cit., 2012, p.64.

<sup>321</sup> Sobre a sua presença enquanto estudante cf. Setenta anos da primeira aula de Direito ministrada em Santa Catarina. Disponível em <[http://tjsc25.tjsc.jus.br/academia/arquivos/60anos\\_aula\\_direito\\_sc\\_noberto\\_ungaretti.htm](http://tjsc25.tjsc.jus.br/academia/arquivos/60anos_aula_direito_sc_noberto_ungaretti.htm)>.

Acesso em 9/10/2013. No entanto, seu nome não aparece na lista de formandos. Formados na Década de 30. Disponível em <[http://www.ccej.ufsc.br/Graduacao/Formados/decada30\\_1html.html](http://www.ccej.ufsc.br/Graduacao/Formados/decada30_1html.html)>. Acesso em 27/09/2013.

<sup>322</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 19 de novembro de 1936. Ano 1, nº15, p.1.

Ribeiro no “Jornal do Comércio” da Capital Federal). Já em 1910 iniciava sua colaboração na imprensa e em 1909 participou do recém criado Centro Catarinense de Estudantes. Este ambiente foi importante enquanto centro inicial de sociabilidade de membros da elite cultural florianopolitana. Participou da revista de variedades “Oásis” e dirigiu o mensário de letras e arte “Terra” em 1920 junto de Altino Flores e Ivo d’Aquino, com quem fundou a Sociedade Catarinense de Letras, posteriormente denominada Academia Catarinense de Letras. Presidiu por muitos anos a Academia Catarinense de Letras.

Gama D’Eça em 1935 recebeu o diploma de Docente Livre em Direito Público Internacional da Faculdade de Direito de Santa Catarina<sup>323</sup>. Além disso, em 1927 foi Chefe de Polícia do Estado<sup>324</sup>. Fundou o Integralismo em SC; foi diretor do “Flamma Verde” durante toda a sua existência; foi Chefe Provincial do Integralismo; atuou como professor de Direito Comercial da Faculdade de Direito<sup>325</sup>; colaborou na revista integralista “Panorama”<sup>326</sup>; com o fim da AIB, enquanto esta atuava com o nome de Associação Brasileira de Cultura, Othon d’Eça foi nomeado diretor da sucursal da ABC<sup>327</sup>. Com relação a Rodolpho Zimmer sabe-se que foi Secretário de Propaganda<sup>328</sup> e Yolanda Carneiro Ribeiro Diretora da Divisão de Estudos<sup>329</sup>.

Algo notável é que muitos destes integralistas ingressaram no curso superior de direito na Faculdade de Florianópolis<sup>330</sup>, além de Arnaldo Suarez Cuneo que formou-se em Odontologia. Em síntese: em 1937 os seguintes integralistas se formaram: Celso Mafra Caldeira; Luiz de Souza; Mário Mafra. Em 1938: Alfredo Barbosa Born. Em 1939: Antônio Nunes Varela. Max Baier; Arquimedes Monguilhot. Lembramos que Othon Gama d’Eça também era formado em direito, mas no Rio de Janeiro em 1920 e Laércio Caldeira de Andrada na faculdade de direito de Niterói (não sabemos a data). Além disso, dois

---

<sup>323</sup> Sobre Othon d’Eça cf. as seguintes bibliografias: GOMES, op. cit., 1990. P.157; MATOS, op. cit., 2012. Passim.; SOARES, Iaponan; WOLFF, Joca. **Othon da Gama Lobo d’Eça**. Florianópolis FCC: Fundação Banco do Brasil, 1992; SACHET, op. cit., p.102-103.

<sup>324</sup> FALCÃO, op. cit., p.145.

<sup>325</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 17 de outubro de 1936. Ano 1, nº6, P.4.

<sup>326</sup> A revista integralista “Panorama” era dirigida por Miguel Reale e buscava atingir as principais lideranças do movimento. É possível encontrar nesta um debate com vários autores discorrendo sobre temas diversos. Dentre os colaboradores estavam os principais intelectuais e lideranças de expressão nacional e regional da AIB. Cf. OLIVEIRA, op. cit., 2009. p.194-195.

<sup>327</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 15 de janeiro de 1938. Ano 2, nº66, p.1.

<sup>328</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 12 de setembro de 1936. Ano.1, nº1, p.3.

<sup>329</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 9 de outubro de 1937. Ano 2, nº56, P.5.

<sup>330</sup> Falcão já havia exposto sobre haver um grupo de aderentes ao integralismo composto pelos estudantes de direito em Florianópolis. FALCÃO, op. cit., p.185.

deles (Othon d’Eça e A. Nunes Varela) cursaram o ensino secundário no Ginásio Catarinense. É possível inferir que os outros integralistas (especialmente os que alcançaram ao ensino superior) estudaram neste colégio.

Antes de avançarmos nas conexões entre a trajetória destes integralistas e sua atuação política, abordaremos em poucas linhas o ensino secundário do Ginásio Catarinense e posteriormente sobre a Faculdade de Direito e a profissão ligada ao direito.

Segundo Norberto Dallabrida, o ensino secundário em Santa Catarina durante a 1ª República era considerado um “luxo aristocrático” destinado aos futuros governantes da nação. Pode-se explicar tal concepção devido ao fosso quase intransponível entre os níveis de ensino primário (que, de acordo com os intelectuais e políticos da época, era suficiente para estabelecer a “democracia” republicana) e o secundário. O ensino secundário possuía caráter introdutório, assim, intimamente ligado ao ensino superior.

A conclusão do ensino secundário (que garantia a formação de bacharéis em ciências e letras para o reduzido número de formados) proporcionava grandes chances de entrada no curso superior devido este não possuir vestibular ou limite de matrícula, sendo que o curso mais visado após esta etapa era o Curso de Direito. É possível vislumbrar o ensino secundário e superior enquanto estratégia cultural das elites que visava a sua modernização e reprodução, com efeito, havia um projeto pedagógico direcionado para o cultivo de um capital cultural refinado contribuindo para a produção de um *habitus* específico adequado para as elites dirigentes.

Este colégio jesuíta integrava-se ao projeto da Companhia de Jesus num processo de recuperação do catolicismo com o intuito de formar uma elite católica, laica, masculina e de ascendência europeia, capaz de ocupar posições de liderança em instituições sociais catarinenses e, sobretudo no aparelho estatal<sup>331</sup>. Em suma, de acordo com Dallabrida:

grosso modo, pela sua própria estrutura e natureza, o Ginásio Catarinense era destinado a fornecer escolarização de nível secundário aos filhos das elites e de partes das tímidas classes médias, que alvejavam fazer curso superior e,

---

<sup>331</sup> DALLABRIDA, op. cit., p.219-243.

desta forma, ocupar posições de comando nas instituições catarinenses, mormente no aparelho estatal<sup>332</sup>.

A Faculdade de Direito de Santa Catarina foi fundada em 1932 por José Boiteux, Henrique Fontes e Américo Silveira, os mesmos alugaram uma sala à Rua Felipe Schmidt com as suas próprias economias<sup>333</sup>. Esta faculdade localizava-se na área central da cidade. Sua gênese ocorre numa conjuntura de definhamento do Instituto Politécnico cujos professores-fundadores estavam alguns egressos do Ginásio Catarinense<sup>334</sup>.

O início das atividades desta faculdade contou com uma missa rezada pelo cura da Catedral e contou com a presença dos professores, alunos do Ginásio Catarinense, outros estabelecimentos de ensino, representantes de altas autoridades civis e militares e “cavalheiros e senhoras da nossa mais alta representação social”<sup>335</sup>. No momento da inauguração, no prédio desta Faculdade foi colocada uma grande placa (doada por Othon d’Eça) com a denominação deste local. Em 1934 foi adquirido além do prédio instalado na parte Central da Cidade à Felipe Schmidt na esquina com a Praça XV, um outro imóvel na rua Esteves Júnior<sup>336</sup>.

Abaixo uma fotografia, à título de ilustração, com vistas para a entrada da faculdade de direito<sup>337</sup>.

---

<sup>332</sup> Ibidem., p.230.

<sup>333</sup> BACKES, Glauco de Souza. **O Curso de Direito e o Centro de Ciências Jurídicas da UFSC: Histórias e Percepções 1932 À 1999**. TCC (História). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, dezembro, 2010. P.18-19.

<sup>334</sup> DALLABRIDA, op. cit., p.244-5. Dallabrida refere-se a este momento como “No turbulento início dos anos trinta, no seio agonizante do Instituto Politécnico, foi articulada por um grupo de bacharéis e desembargadores a criação da Faculdade de Direito (...).”

<sup>335</sup> Setenta anos da primeira aula de Direito ministrada em Santa Catarina. Disponível em <[http://tjsc25.tjsc.jus.br/academia/arquivos/60anos\\_aula\\_direito\\_sc\\_noberto\\_ungaretti.htm](http://tjsc25.tjsc.jus.br/academia/arquivos/60anos_aula_direito_sc_noberto_ungaretti.htm)>. Acesso em 09/10/2013.

<sup>336</sup> Histórico Centro de Ciências Jurídicas. Disponível em <<http://www.ccj.ufsc.br/ccj/historico.html>>. Acesso em 09/10/2013.

<sup>337</sup> Foto encontrada em acervo Casa da Memória de Florianópolis. Número 9878, descrição “Rua Felipe Schmidt esquina Praça XV – década 30”.



**Figura 9 – Imagem do prédio da Faculdade de Direito de Santa Catarina em Florianópolis. Fonte: Casa da Memória de Florianópolis. Número 9878, descrição “Rua Felipe Schmidt esquina Praça XV – década 30”.**

O curso de direito era o curso superior mais procurado no Brasil durante a Primeira República. Este era um verdadeiro curso de cultura geral que proporcionava uma formação humanística capaz de abrir as portas para ingresso na burocracia estatal. O bacharel era o burocrata por excelência em qualquer setor do estado: a interpretação das leis, elaboração de normas jurídicas (como portarias, avisos, proclamações etc.) constituíam o principal meio de atuação da burocracia civil. Com efeito, a profissão de advogado neste momento possuía forte vinculação com a vida pública, raramente atuando de forma autônoma. A atuação nos quadros do funcionalismo público ocorria particularmente em Florianópolis. Importante apontar que a partir dos anos trinta houve uma expansão da burocracia estatal, tanto em nível federal como estadual advinda também da crescente intervenção do Estado em diversas áreas

sociais. O funcionalismo público (capaz de receber benefícios significativos) tornou-se uma carreira cobiçada pelas classes médias e parte das elites<sup>338</sup>.

Conforme exposto no primeiro capítulo sobre a bibliografia que estudou os integralistas em Santa Catarina e relacionando com os dados levantados sobre os adeptos do Sigma de Florianópolis que apontamos, nossas considerações vão ao encontro das seguintes análises já elaboradas: concordamos com Falcão ao apontar que este grupo de integralistas catarinenses provinha de famílias conhecidas e gozavam de estabilidade financeira (corroborando com esta visão a possibilidade de vários destes cursarem o ensino superior<sup>339</sup>, algo que somente hoje em dia é possível apontar efetivamente atuações no sentido de democratizar o seu acesso<sup>340</sup>).

Falcão também aponta que em Florianópolis a AIB não contou com um desempenho relevante, ou seja, o integralismo não se afirmou enquanto líder de massas. As funções que os membros ocupavam se devia “tão somente a uma estrutura fortemente verticalizada, onde os cargos de direção eram indicados e não escolhidos pelas bases partidárias”<sup>341</sup>. Com relação à Gertz, ao afirmar que o integralista típico era uma pessoa de ascendência social, na qual o cerne do integralismo era constituído por classes médias e operárias, concordamos sobre o pertencimento dos integralistas analisados às classes médias em ascendência social, no entanto, não encontramos evidências sobre participação de operários na AIB em Florianópolis. Além disso, a análise de Trindade com relação à composição da AIB harmoniza-se com os dados levantados. O mesmo apontou como os dirigentes regionais possuíam a predominância da classe média burguesa intelectual<sup>342</sup>.

---

<sup>338</sup>DALLABRIDA, op. cit., p.245-7. Sobre a profissão de direito neste período, Dallabrida cita: CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade temporã**: o ensino superior da colônia à era Vargas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Edições UFC, 1980. apud. Ibidem. p.245-247.

<sup>339</sup> Sobre este ponto, vale relembrar Bourdieu: “(...) o tempo durante o qual determinado indivíduo pode prolongar seu empreendimento de aquisição [de capital cultural] depende do tempo livre que sua família pode lhe assegurar, ou seja, do tempo liberado da necessidade econômica que é a condição da acumulação inicial (tempo que pode ser avaliado como tempo em que se deixa de ganhar).” BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In. NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.). **Pierre Bourdieu**: escritos de educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p.76.

<sup>340</sup> Haja vista também as Ações Afirmativas para ingresso em cursos superiores.

<sup>341</sup>FALCÃO, op. cit., p.126.

<sup>342</sup> TRINDADE, op. cit., p.144.

Tendo em vista os dados levantados com esta pesquisa, não é possível apontar uma conexão institucional do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC) com o partido Integralista de Florianópolis - com a exceção de Heráclito Carneiro Ribeiro (que publicou nesta instituição) e Laércio Caldeira de Andrada que integrou os quadros desse soldadício. Além disso, no IHGSC não foi possível encontrar vasta documentação sobre a década de 30, pode-se apenas supor que pode ter havido ou não uma relação mais estreita. Com relação à Academia Catarinense de Letras, é possível apontar alguma conexão, com Laércio Caldeira de Andrada e Othon d'Eça, no entanto, não temos fontes para sustentar uma possível relação institucional da Academia com o Integralismo em Florianópolis.

É possível supor alguma influência de Othon d'Eça para conquistar ou arregimentar novos adeptos para o Integralismo devido ser professor do curso de direito em Florianópolis. Obviamente, é necessário levar em consideração toda a conjuntura a fim de entender a participação dos mesmos no integralismo, dentre os pontos já levantados ao longo deste trabalho destacamos: a importância do engajamento intelectual sobâmbito nacional e local; o fascínio dos fascismos europeus; o momento de agitação política brasileiro; a aproximação das eleições presidenciais; o anticomunismo; o crescimento da AIB; a participação neste partido enquanto forma de intervenção na sociedade e distinção social; a AIB enquanto alternativa para fazer frente aos grupos políticos tradicionais; o discurso religioso da AIB. Tendo em vista todos esses fatores é possível compreender o porquê da filiação destes membros ao integralismo. Além disso, é possível notar a existência de um capital social<sup>343</sup> e cultural<sup>344</sup> com grandes similaridades dentre

---

<sup>343</sup> De acordo com Bourdieu: “O capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e inter-reconhecimento ou , em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidos pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis.” Esta rede de relações é produto de um trabalho de instauração e manutenção a fim de produzir e reproduzir relações duráveis e úteis, capazes de proporcionar lucros materiais ou simbólicos, ou seja, a rede de ligações é o produto de estratégias de investimento social consciente ou inconsciente. Cf. BOURDIEU, Pierre. O capital social. In. NOGUEIRA; CATANI, op. cit., p.65-70.

<sup>344</sup> Pode-se pensar o capital cultural enquanto um ter que se tornou ser. Ele pode existir sob três formas: “(...) no estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; no estado objetivado, sob a forma de bens culturais (...); e, enfim, no estado institucionalizado, forma de objetivação que é preciso colocar à parte porque, como se observa em relação ao certificado escolar, ele confere ao capital cultural – de que é, supostamente a

alguns membros do partido analisado – formação ou estudo em curso superior, filiação ou outro tipo de parentesco com alguém de reconhecimento, experiências profissionais ou participação em instituições capazes de trazer importante capital cultural ou social. Tendo em vista estas informações, é possível inferir um *habitus* comum dentre esses membros capaz de influenciar na adesão ao integralismo.

Além disso, levando em consideração o que já foi exposto sobre as atividades políticas deste período, é possível pensar este engajamento ao integralismo enquanto parte de uma cultura política que harmonizou-se com a verticalização, disciplina e ideologia integralista. Isto pode ter levado a pessoas que tiveram e/ou estavam tendo experiências comuns a responderem de maneira similar às questões atuais e projetos de futuro comum ao aderir ao integralismo. E também, é possível sugerir a conjunção de uma rede de sociabilidade institucionalizada, conectada ao curso de direito, com outra rede de sociabilidade do partido integralista.

Consideramos que deveriam haver divergências dentro do curso de direito, pois, nem todos aderiram ao integralismo, no entanto, uma quantidade significativa aderiu. É possível ler as sessões doutrinárias, participações em eventos e outras diversas atividades conectadas ao partido integralista como ações que fortaleciam a conexão desses membros e seu espírito de grupo. Também é possível apontar discrepâncias no que tange às gerações de integralistas – apesar dos poucos dados acerca da idade destes membros. Tendo em vista os dados levantados, pode-se distinguir uma geração de membros mais antigos (Othon d’Eça, Laércio Caldeira e Heráclito Carneiro) envolvidos com atividades de maior destaque (candidatura nas eleições, chefia provincial, câmara dos 400, organização e fundação da AIB em SC). Isto deve ter ocorrido por serem mais experientes, além de possuírem trunfos materiais e simbólicos, como capital social e cultural e estarem vinculados às práticas políticas e associativas.

### 3.2 Mulheres Integralistas

Com relação à atuação das mulheres no integralismo, Cavalari ressalta que as mesmas desempenhavam um papel importante, principalmente nos setores educacionais. A mulher, de acordo com a ótica integralista, “devido a sua *natureza*, tinha grande contribuição a dar na *tarefa de educação da consciência nacional*, desde que essa

---

garantia – propriedades inteiramente originais.” BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In. *Ibidem.*, p.72-79.

contribuição ocorresse de forma ordenada (grifos da autora)”. O integralismo reconhecia atribuições diferentes para os homens e as mulheres:

A mulher encontrará a verdadeira esfera de ação, adequada ao sexo e aos seus deveres cristãos, no desempenho das funções do lar e da família, fundamentais para a educação física e moral da prole; da escola, e de tudo quanto tenha relação com esses alicerces das sociedades moralizadoras e sadias (...)<sup>345</sup>.

A autora demonstra que, para o Integralismo, o lugar da mulher era o lar e a família. Havia uma visão idealizada da mulher: era a santa, a sacrificada, a altruísta, a bondosa, o anjo. As energias femininas utilizadas pela AIB não ocorreram somente com a educação, mas também e, sobretudo, com a formação de uma massa eleitoral integralista. Isto aconteceu principalmente a partir de 1935, quando a AIB torna-se um partido político<sup>346</sup>.

Este espaço de atuação feminino sob a ótica integralista harmoniza-se com ao que já ocorria com as mulheres em Florianópolis. De acordo com Pedro, no início do século XX as mulheres da elite e da classe média “mantiveram-se, em sua maioria, em ocupações de esposas e professoras”. Ela argumenta também ao apontar que não houve movimentos femininos em favor do voto nesta cidade. A autora aponta que uma novidade a ser veiculada em jornais nesse período sobre as atividades femininas se dá com a divulgação de atividades culturais e beneficentes das mulheres da elite de Florianópolis. Segundo Pedro,

(...) no século XX as mulheres da elite passaram a exercer uma “missão irradiadora”. De educadora dos filhos passaram, também, a serem transmissoras de cultura na sociedade. Além de mães carinhosas e dedicadas, passaram a figuras como “beneméritas” e protetoras dos pobres<sup>347</sup>.

---

<sup>345</sup> PENNA, B. A Mulher, a família, o lar e a escola. In: **Enciclopédia do Integralismo**, vol IX, p.43. apud.. CAVALARI, op. cit., p.58.

<sup>346</sup> Ibidem., p.56-62.

<sup>347</sup> PEDRO, op. cit., p.89.

A atuação em associações de caridade ou culturais podem ser entendidas como uma forma de distinção social e familiar<sup>348</sup>. Nesse sentido, de acordo com Araújo, a criação de instituições assistenciais foi uma estratégia das elites para converter sua imagem no que as diferenciava dos segmentos mais pobres<sup>349</sup>. Todavia, apesar destas dificuldades, no século XX é possível encontrar algumas mulheres de classes médias atuando em algumas profissões<sup>350</sup>.

Encontramos as seguintes fontes descrevendo as ações femininas: na primeira edição do “Flamma Verde”<sup>351</sup> é descrito que as atividades do departamento feminino são dignas de elogio. A escola Doméstica e Profissional conta com a matrícula de 60 crianças que estão sendo educadas com todo “esmero e vão em franco progresso”; é comentado também sobre haver aulas de Educação moral e Física à Juventude Pliniana às segundas e quintas-feiras das 18 às 20hrs.

Em notícia assinada por D. Maria J. Oliveira de 3 de outubro de 1936<sup>352</sup> é exposto sobre reunião do departamento feminino do dia 25 de setembro. Diz que foram tratados assuntos relativos à Escola Doméstica Profissional e que no dia 27 ocorreu uma visita a um companheiro que se achava doente em sua residência. Também é solicitado “encarecidamente o comparecimento de todas as companheiras à rua Visconde de Ouro Preto nº1, todas às sextas-feiras.” É possível sugerir que este pedido feito de modo tão “encarecido” possa dar a entender pouca participação das mesmas nas reuniões.

Percebe-se que havia, ou buscava-se ter, cotidianamente, reuniões entre membros do departamento feminino. Em notícia de 9 de outubro de 1937<sup>353</sup> está escrito que estão abertas matrículas para curso de datilografia, sistema Remington, para seis alunos, as aulas serão gratuitas e ocorrerão na sede da AIB à praça XV de novembro, nº19. A nota é assinada por Hena de Castro, Yolanda Carneiro Ribeiro e Maria José de Oliveira. Esta possibilidade de ensino do curso de datilografia podemos ler, à luz das considerações de Pedro já apresentadas, como uma forma de possibilidade de autonomia feminina.

---

<sup>348</sup> PEDRO, op. cit., passim.

<sup>349</sup> ARAÚJO, op. cit., 1989. p.57.

<sup>350</sup> PEDRO, op. cit. Passim.. A autora ressalta que as mulheres das classes populares “nunca haviam se afastado do trabalho dentro e fora dos lares, independente de qualquer discurso da elite intelectual da época”.

<sup>351</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 12 de setembro de 1936. Ano 1, nº1, p.3.

<sup>352</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 3 de outubro de 1936. Ano 1, nº4, P.4.

<sup>353</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 9 de outubro de 1937. Ano 2, nº56, p.5.

Em notícia assinada por Noemia S. Reis, cujo título é “Ambulatório Médico ‘Dr. Frederico Rolla’”<sup>354</sup> é escrito que durante o mês de novembro das 15 às 17hrs trabalharão algumas enfermeiras, dentre elas: Siomara Gama d’Eça, Ayriam Gama d’Eça e Hilda P. Gama d’Eça. Algo digno de ressaltar é que várias destas possuíam sobrenome Gama d’Eça. Em outra notícia, assinada por Frederico Rolla, está escrito que Francisco Bittencourt da Silveira (referido enquanto representante comercial desta praça) doou ao ambulatório médico Frederico Rolla da AIB amostras de medicamentos variados. A notícia termina com:

O gesto nobre do sr. Silveira impressionou magnificamente, não só os integralistas como a todos quantos têm procurado socorro médicos no referido ambulatório. A Chefia Provincial, por nosso intermédio, agradece profundamente sensibilizada a oferta que vem de fazer o sr. Francisco Bittencourt da Silveira.

Nota-se que este ambulatório foi organizado pelo partido em Florianópolis. De acordo a ex-integralista Maria José de Oliveira havia outras atividades beneficentes integralistas, dentre elas: “Natal dos Pobres”, “promovido pela Pia União das Filhas de Maria mediante a distribuição de alimentos, roupas e brinquedos; também houve a criação de uma farmácia no bairro Estreito; criação de um ambulatório com gabinete de dentista; de um lactário; uma escola profissionalizante e doméstica onde meninas pobres aprendiam a costurar a bordar (Escola Doméstica Maria José Leite)<sup>355</sup>”.

Os documentos frisam a importância feminina para o ensino e a caridade na cidade de Florianópolis e buscam publicizar e elogiar estas ações através do “Flamma Verde”. A fim de compreender melhor estas ações é necessário ter em vista que a organização integralista, de acordo com Trindade, “desempenha também o papel de um instrumento de socialização político-ideológico dos militantes e de preparação dos futuros cidadãos do Estado Integralista”. Há na AIB uma série de mecanismos para transmissão de valores, símbolos e estilos de comportamento compatíveis com a concepção de sociedade e Estado

<sup>354</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 30 de outubro de 1937. Ano 2, nº59, P.7.

<sup>355</sup> O depoimento da mesma foi feito para Luiz Felipe Falcão. Cf. FALCÃO, op. cit., p.189.

integralistas. O autor ressalta que havia no partido uma estratégia de atuar “desde o nascimento do futuro integralista até a idade adulta, através de um complexo de rituais e instrumentos de formação intelectual, moral, cívica e física”<sup>356</sup>.

Acreditamos ser possível tomar a atividade de ensino da AIB como um destes mecanismos de socialização político-ideológica da AIB, além de outras atividades caridade. Além disso, era vantajoso mostrar-se enquanto um partido benevolente que oferece aulas gratuitas. Deste modo, e principalmente, estas atividades relacionam-se com ao contexto local da qual já havia associações beneficentes cuja atuação significava uma forma de distinção e consagração familiar. Pode-se compreender o periódico “Flamma Verde” enquanto meio capaz de publicizar estas ações beneméritas, associá-las à Ação Integralista e às famílias destas mulheres.

### 3.3 Organização e atividades integralistas em Florianópolis

É possível levantar algumas questões e documentos sobre a presença dos camisas-verdes em Florianópolis. Dentre os documentos levantados encontramos somente uma fotografia, datada de 1935:



**Figura 10 – Coluna motorizada integralista travessando a ponte Hercílio Luz.**

**Fonte: Acervo IHGSC – nº2097 – 1935.**

<sup>356</sup> TRINDADE, op. cit., p.188.

Em relação a esta fotografia<sup>357</sup> e tendo em vista que deve ser de 1935, nossa hipótese é que esta coluna motorizada de integralistas seria composta dos camisas-verdes participantes do I Congresso Integralista das Províncias Meridionais (que ocorreu em Blumenau nos dias 7 e 8 de outubro). Esta foto busca impor uma imagem de grandiosidade do partido, tanto pela quantidade de carros quanto pelo local de escolha da fotografia (ponte Hercílio Luz).

Em nota publicada no periódico de nº16 (26 de novembro de 1936) assinada pelo Chefe Municipal Luiz de Souza, está escrito, à pedido do gabinete da Chefia do Núcleo Municipal de Florianópolis:

Aos integralistas de Florianópolis: 1) Todo o integralista do Núcleo de Florianópolis tem a obrigação estrita de ler todo exemplar de “Flamma Verde”; 2) Todas as instruções aos nucleados serão transmitida por um local fixo na segunda página; 3) Para que não se alegue ignorância das determinações desta Chefia façam publicar este durante três vezes seguidas na primeira página de ‘Flamma Verde’. Anauê<sup>358</sup>.

Conforme foi exposto, existe uma interação entre as diversas estratégias de doutrinação da AIB, dentre elas o jornal e as convocação para sessões doutrinárias, reuniões etc.. Tendo em vista a “obrigação de ler todo exemplar do Flamma Verde” imposta aos integralistas de Florianópolis, esta fonte é rica para compreender a atuação dos camisas verdes em Florianópolis, pois, conforme já escrito sobre a função dos periódicos integralistas, estes irão expor a ideologia integralista, convocar para as atividades, buscarão exaltar a grandeza do partido etc.

Sobre o local da sede Municipal Integralista em Florianópolis<sup>359</sup> temos as seguintes informações: Segundo Celso Martins, a sede

---

<sup>357</sup> A seguinte descrição foi feita pelo IHGSC para esta fotografia: “Entidade particular que pertencia ao regime da ditadura comandada por facções nazistas. Coluna motorizada Integralista marchando sobre a ponte Hercílio Luz em 1935 na cidade de Florianópolis-SC. Os Integralistas usavam camisas-verdes, bonê bibi e o símbolo do governo Hitler.” Está escrito que esta veio da Família Boiteux por doação. Pode-se perceber que esta descrição busca manter uma memória deste movimento muito associado ao nazismo – fato já contestado pela historiografia sobre o tema.

<sup>358</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 26 de novembro de 1936. Ano 1, nº16, p.4.

<sup>359</sup> Algumas destas informações já foram abordadas no capítulo anterior.

integralista em 1934 localizava-se na rua General Bittencourt, nº30 no centro de Florianópolis<sup>360</sup>. De acordo com Zanelatto, no ano de 1935, em 1º de maio (após a eleição de Nereu Ramos para governador do Estado) os integralistas de Florianópolis foram obrigados a desocupar sua sede, que se localizava em um prédio público. A sede mudou para o casarão da família D’Eça, na praça XV de Novembro, no centro de Florianópolis<sup>361</sup>. Não sabemos a exata localização tanto desta antiga sede quanto do casarão da família D’Eça.

Em documento de 9 de setembro de 1936, é dito sobre a “Sede Provincial e Municipal da Ação Integralista Brasileira, à rua João Pinto número trinta e dois (...)”<sup>362</sup>. Percebe-se que a sede Integralista em Florianópolis servia tanto como sede Municipal quanto Provincial. Não se sabe se no momento de escrita deste documento a sede continuava a localizar no casarão da família D’Eça. Em notícia de 3 de julho de 1937 publicada no “Flamma Verde” é comunicado para todos integralistas da província sobre a inauguração da nova sede provincial e municipal na praça XV de novembro, esquina das ruas Visconde de Ouro Preto e Padre Miguelinho<sup>363</sup>.

Da mesma forma que exigia-se homogeneidade no uso dos uniformes dos camisas-verdes<sup>364</sup>, na simbologia integralista<sup>365</sup>, ou seja,

<sup>360</sup> MARTINS, op. cit., p.109.

<sup>361</sup> ZANELATTO, op. cit., 2012 p.90.

<sup>362</sup> (nome ilegível) Escrivão da Secretaria da Segurança Pública. Certidão. Secretaria de Segurança Pública de Santa Catarina. Ofícios GOV SSP 1936/1939. [1936]. p.53.

<sup>363</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 3 de julho de 1937. Ano 1, nº43, p.1. Nesta mesma edição do jornal, na página 4, é dito que nesta nova sede provincial se localizarão também as oficinas do “Flamma Verde”.

<sup>364</sup> “Os militantes da A.I.B. devem usar uniformes composto de: camisa verde, gravata preta, calça preta ou branca, casquete verde e sapatos pretos, e o emblema do movimento (a letra grega sigma) colocado sobre o braço direito e no casquete. A obrigatoriedade de usar o uniforme nas manifestações integralistas é tão rigorosa que o artigo 32 dos Protocolos e Rituais declara que ‘todo integralista é obrigado a ter sempre pronta, para ser vestida a qualquer momento, a sua camisa verde’.” (TRINDADE, op. cit., p.180.)

<sup>365</sup> Por exemplo, no momento de se realizar a saudação integralista - “Anauê!”. “Todos os integralistas deveriam se cumprimentar erguendo a mão direita, dizendo em voz alta *Anauê!*, que, pretensamente em Tupi-Guarani, significaria *tu és meu parente*.” (Grifos do autor). No entanto, até mesmo Câmara Cascudo (um dos grandes intelectuais da AIB) possuía dúvidas sobre a origem do vocabulário (revista “Anauê”, nº12, p.29). Outro símbolo é o da letra grega sigma ( $\Sigma$ ), presente em todo o material ligado ao movimento. “É atribuído ao sigma o significado matemática da adição das pequenas partes e, dentre outros, também era o símbolo usado para representar Deus entre os primeiros cristãos”. (AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA, 1937, Capítulo III, artigo 12). Citações presentes em: VIANA, Giovanni Nocetti. **Orientar e disciplinar a liberdade. Um estudo sobre a educação nas milícias juvenis integralistas – 1934/1937**. Dissertação (Mestrado em História). Florianópolis, 2008. p.42.

nos inúmeros símbolos e ritos integralistas<sup>366</sup>, em todos os núcleos também exigia-se um padrão no que tange à organização da sede. Era obrigatório em todas as sedes a presença de um retrato do Chefe Nacional (este deverá ser colocado entre a bandeira integralista e a nacional, cruzada); deverá haver um mapa do Brasil sobre o qual é desenhado um sigma em preto e “uma mesa longa, para que os dirigentes possam assistir às sessões, e disposta de tal forma que o retrato do Chefe lance seu olhar sobre a reunião”<sup>367</sup>.

No momento de início das atividades integralistas em Florianópolis, em setembro de 1934 é possível encontrar uma referência sobre a passagem de Plínio Salgado nesta capital. Tal relato, encontrado no livro “Os Comunas”, descreve que Salgado foi recepcionado pelo tenente Alberto Meyer (ajudante-de-ordens do interventor federal no estado Aristiliano Ramos) e por uma “compacta multidão, desejosa de conhecer e festejar o grande animador do integralismo”. Acompanhado por Othon Gama d’Eça, Salgado dirigiu-se ao La Porta Hotel, onde discursou “entusiasmamente”. “Foram erguidos anauês a Plínio e ao povo catarinense. Depois de tudo terminado, chegou a vez do tenente Alberto apresentar os cumprimentos ao visitante em nome da interventoria”. À noite, Salgado foi recepcionado na sede da AIB no centro de Florianópolis. No salão, que já às oito horas estava “repleto por uma massa de povo que se espalhava pelos corredores e demais salas, derivando-se pelo pátio fronteiro e rua”, discursou Salgado e Miguel Reale (Secretário de doutrina da AIB). No dia seguinte o líder integralista foi embora, mas voltaria outras vezes<sup>368</sup>.

Outro momento com relação à presença integralista em Florianópolis está discutido no Trabalho de Conclusão de Curso de Thiago Oliva Lima de Araújo: “O café amargou: em disputa um horizonte de expectativas entre integralistas e aliancistas na cidade de Florianópolis na década de 1930”. Este TCC aborda um conflito (e briga) entre membros da AIB e aliancistas - membros da Aliança Nacional Libertadora que ocorreu no dia 3 de julho de 1935 no café e restaurante “Estrela”, situado aos arredores da Praça XV de Novembro do centro de Florianópolis. A partir de periódicos e do inquérito policial

---

<sup>366</sup> “Para criar uniformidade e padronização de pensamento e de comportamento, entendidas como essenciais para a consolidação e propagação do Movimento, contava a A.I.B. com os *Protocolos e Rituais*, uma extensa ‘legislação’ criada especialmente para esse fim”. CAVALARI, op. cit., p.164. (grifos do autor)

<sup>367</sup> TRINDADE, op. cit., p.190.

<sup>368</sup> MARTINS, op. cit., p.109.

que resultou desta luta o autor busca compreender a oposição dos projetos políticos destes dois partidos<sup>369</sup>.

A luta corporal foi resultado de uma troca de insultos entre o aliancista Capitão do Exército Renato Tavares de Cunha Mélo (acompanhado de outros) e os integralistas: Segundo Tenente do Exército Ladislau Fischer, Celso Caldeira e Luiz de Souza – Fischer era natural de São Paulo, Araújo sugere que a presença do mesmo em Florianópolis pode ser resultado de uma maior divulgação da bandeira integralista em Florianópolis. Neste momento, Renato Tavares era coordenador da ANL em Florianópolis, sendo o Presidente do Diretório Municipal.

De acordo com o jornal “O Estado”, alguns dias antes deste episódio houve outro desentendimento quando um integralista fez uso da força para buscar retirar das paredes externas de uma casa comercial um “desenho crítico” – uma caricatura de Plínio Salgado -, mas foi impedido bruscamente pelo aliancista Renato Tavares. Importante ressaltar que resultou desta briga a atitude da polícia municipal de retirar os cartazes comunistas das paredes de estabelecimentos comerciais<sup>370</sup>, apesar disso, Renato Tavares ordenou aos aliancistas manter a campanha de ridicularizar o integralismo<sup>371</sup>.

De acordo com Araújo, o editorial do jornal “O Estado” tratou este embate político como uma espécie de fato isolado em Florianópolis, adjetivando a cidade de “pacata”. Este adjetivo pode ser entendido ao remeter-se a bons costumes e comedimento em contraste ao radicalismo experimentado naquele momento da briga. O autor destaca que houve manifestações políticas anteriores a este conflito de 1935, ou seja, a cidade não era tão pacata quanto o jornal apontou<sup>372</sup>. Em 1917, por exemplo, durante a 1ª Guerra Mundial, a Livraria Central (cujos fundadores eram os alemães Alberto Entres e seu irmão Godofredo Entres) foi apedrejada por populares; o Clube Germânia foi destruído e o clube de tiro alemão foi incendiado, entre outros apedrejamentos deste dia<sup>373</sup>.

Com relação às atividades promovidas pelo Núcleo, no “Flamma Verde” é possível encontrar algumas referências. Em matéria de 12 de setembro de 1936, é exposto que no dia 2 de outubro ocorreu uma

---

<sup>369</sup> ARAÚJO, op. cit., 2012. Passim.

<sup>370</sup> Inquérito Policial sem número, de 10 de julho de 1935. Museu do Judiciário Catarinense, caixa sem identificação. Apud. ARAÚJO, op. cit., 2012, p.55.

<sup>371</sup> Ibidem., p.45-55.

<sup>372</sup> O ESTADO. Florianópolis, 04 de julho de 1935. Apud. ARAÚJO, op. cit., 2012. p.45.

<sup>373</sup> MATOS, op. cit., 2008. p.80-91.

sessão doutrinária interna<sup>374</sup> na qual Mário Mafra fez o uso da palavra “e de maneira fácil, compreensível e arrebatadora, empolgou o grande número de companheiros presentes”<sup>375</sup>. Era comum a publicização das convocações de sessões doutrinárias nos jornais integralistas. Estas ocorriam uma ou duas vezes por semana, a frequência era obrigatória para todos os integralistas<sup>376</sup>.

Outra referência data de 23 de outubro de 1937, nesta nota (assinada pelo então Chefe Municipal de Florianópolis, Emídio Cardoso) está escrito uma convocação para uma sessão doutrinária<sup>377</sup>. Em nota da edição da data 30/10/1937 é comentado sobre a última sessão interna de terça-feira na qual compareceram “numerosos camisas verdes desta capital e em trânsito”. Archimedes Monguilhot, Nunes Varella, Capitão Paulo Vieira da Rosa<sup>378</sup> (Câmara dos quatrocentos e candidato à Deputado Federal pelo Integralismo) falaram na abertura. Também houve o juramento de novos integralistas, dentre eles: Antenor Silva Gomes, Deolinda da Silva, sra. Capitão Paulo Vieira da Rosa, Srtas Stella Tolentino de Souza, Maria Tolentino e Iracilda Carneiro Ribeiro. Na notícia é exposto sobre esta ser uma

hora em que a Pátria os conclama ao seu serviço de defesa da honra e dignidade (...). Terminando a magnífica sessão de 26 do corrente, a assistência cantou, contriclamete (sic), o hino nacional e renovou o juramento de fidelidade, [ilegível] da vida e da morte, ao condutor máximo do movimento, que é o Chefe Nacional Plínio Salgado<sup>379</sup>.

---

<sup>374</sup> As sessões doutrinárias poderiam ser internas, isto é, exclusiva para integralistas, ou públicas (ou ordinárias, solenes) isto é, abertas para qualquer pessoa. CAVALARI, op. cit., p.121.

<sup>375</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 12 de setembro de 1936. Ano 1, nº1, p.3.

<sup>376</sup> CAVALARI, op. cit., p.122.

<sup>377</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 23 de outubro de 1937. Ano 2, nº58, p.6. “Ficam Convocados obrigatoriamente todos os integralistas do núcleo da Capital para a sessão doutrinária na terça-feira, dia 26, às 20 horas.”

<sup>378</sup> Não obtivemos novas informações sobre o mesmo, não se sabe se é natural de Florianópolis ou estava de passagem. No entanto, conforme exposto no primeiro capítulo, José Vieira da Rosa (quem sabe irmão ou outro parente de Paulo Vieira da Rosa) fez parte da Câmara dos Quatrocentos e foi Chefe Arquiprovincial.

<sup>379</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 30 de outubro de 1937. Ano 2, nº59, p.1.

Em outra nota, nesta mesma edição, encontra-se uma chamada para “Sessões Doutrinárias de Combate ao Comunismo”, na qual é “obrigatória a presença dos companheiros do Núcleo”. Estas serão realizadas nos dias 9 e 23 de novembro por convocação de Emídio Cardoso Junior. Estão convidados a falar os companheiros Mario Mafra, “Acadêmico Danilo Carneiro Ribeiro”, Max Baier e Adail Gastão (no dia 9) e Nunes Varela, Paulo Vieira da Rosa e Luiz de Souza (dia 23)<sup>380</sup>. Em nota da edição 13/11/1937 é comentado sobre a “imponente sessão doutrinária” que ocorreu na última terça-feira na qual “mais uma vez, os integralistas da capital da Província demonstraram o seu amor à causa do Brasil”. Esta sessão foi presidida pelo Chefe Provincial “na qualidade de autoridade mais elevada”. Também é exposto que:

Nessa noite em que os camisas verdes da capital verificaram em todos os semblantes o entusiasmo cívico dos presentes, juraram fidelidade ao Sigma doze novos companheiros e se inscreveram mais trinta (30) simpatizantes. (...) Encerrando a sessão falou o Chefe Provincial, dr. Othon d’Eça, sendo muito aplaudido em suas belas e oportunas considerações. Após a palavra do Chefe Provincial, cantou-se o Hino Nacional, debaixo de grande entusiasmo<sup>381</sup>.

Em notícia de 26/11/1936 comenta-se sobre uma sessão solene realizada na última terça-feira no Núcleo do Estreito (no bairro João Pessoa, em São José/SC) presidida pelo Chefe Provincial dr. Othon d’Eça e contado com a participação do “chefe do triumvirato local, comp. Jeremias de Paula Oliveira. Em seguida foram introduzidos no recinto o Chefe Municipal de Florianópolis, os Secretários Municipais e o Governador da 1ª Região”. Inúmeros companheiros foram chamados para repetirem de braço erguido o juramento ao Chefe Nacional: “Juro por Deus e pela minha honra trabalhar pela Ação Integralista Brasileira executando sem discutir as determinações do Chefe Nacional e dos meus superiores Hierárquicos”. Na notícia é exposto que a sessão terminou com o canto do “Hino Nacional e o juramento protocolar foi encerrada a sessão”<sup>382</sup>.

---

<sup>380</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 30 de outubro de 1937. Ano 2, nº59, p.8.

<sup>381</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 13 de novembro de 1937. Ano 2, nº61, p.1.

<sup>382</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 26 de novembro de 1936. Ano 1, nº16, p.4.

A partir da leitura destas notícias foi possível perceber alguns aspectos da organização da AIB, dentre eles: utilização do jornal para publicizar e convocar as sessões doutrinárias ou outras atividades; exaltação e exposição de grandeza do movimento; o diálogo e contato dos integralistas de Florianópolis com outros visitantes à Capital; o Chefe Nacional enquanto legitimidade do sistema, a hierarquização do movimento; a disciplina exigida aos membros; doutrinação da ideologia integralista; organização do partido enquanto instrumento de socialização político-ideológica dos aderentes. É possível compreender estas sessões doutrinárias enquanto um mecanismo destinado à transmissão de valores, símbolos e estilos de comportamento com a concepção de sociedade e Estado integralista<sup>383</sup>.

O aproximar das eleições presidenciais também mereceu destaque na imprensa. É publicada uma chamada para um Comício Eleitoral a ser realizado no Núcleo Municipal de Florianópolis (através da Secretaria Provincial de Propaganda) no dia 8/8/1937. Neste comício irão falar o Secretário Provincial de Imprensa, o Chefe Municipal de Florianópolis e o Secretário Municipal de Propaganda. “Ficam convidados todos os integralistas deste Município à comparecerem devidamente uniformizados. Condução à critério dos companheiros”. A matéria é assinada por Archimedes Monguilhott (Secretário Municipal de Propaganda), com visto de Emídio Cardoso Jr. (Chefe Municipal)<sup>384</sup>.

Em notícia de 4/8/1937 é dito que nesta noite de terça houve uma sessão doutrinária do Núcleo da Capital com o comparecimento de muitos companheiros, “elevado número de homens e senhoras estranhas ao movimento”. Usaram da palavra os Companheiros Secretários Municipais de Educação e Propaganda (Juenger Buechler e Archimedes Monguilhott). É dito que o Chefe Municipal comunicou sobre o Núcleo ter adquirido um alto-falante para fazer melhor a propaganda do candidato do Sigma à presidência. Depois, o Chefe Provincial começou sua “alocução dirigindo-se ao povo de Florianópolis, que em grande massa estacionava nas imediações da sede.” O Chefe Provincial

---

<sup>383</sup> Cf. TRINDADE, op. cit., p.160-190. De acordo com Cavalari, as sessões eram encerradas com o juramento de fidelidade ao Chefe Nacional. A autoridade mais graduada levantava-se e deveria dizer: “Companheiros! Pelo Brasil. Pelo Estado Integral. Em fidelidade ao Chefe Nacional, diante da vida e diante da morte. Três anauês. Os presentes responderão: Anauê, Anauê, Anauê.” Pode-se compreender a constante repetição deste juramento, além de uma estratégia de unificação, também como “fator de atualização doutrinária, isto é, mantinha viva e presente para o militante a sua opção pelo Movimento”. CAVALARI, op. cit., p.124.

<sup>384</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 7 de agosto de 1937. Ano 1, nº47, p.5.

terminou seu discurso com “forte salva de palmas”, “não só dos camisas-verdes, como também do povo que o ouviu”. Posteriormente, o companheiro Nunes Varella (Secretário Provincial de Imprensa) fez uma elegante oração e foi muito aplaudido. É escrito também que existe diferença entre os oradores da doutrina do Sigma e os que fazem nesta capital propaganda do candidato contrário. “Os integralistas não tem a preocupação doentia de mentir ao povo, nem ‘achincalhar’ o adversário”<sup>385</sup>.

Apesar desta matéria insinuar grande exaltação do povo em geral à propaganda integralista, obviamente deve-se questionar tal recepção, percebe-se, no entanto, o esforço na propaganda do candidato Plínio Salgado. Tal esforço comprova-se também em um ofício enviado por Leônidas Cabral Herbster (delegado de Polícia de Florianópolis) para Clarivalte V. de Vasconcelos Galvão (Secretário da Segurança Pública), neste documento está escrito:

Senhor secretário. Levo ao conhecimento de V. Excia. Que o alto-falante da Ação Integralista desta cidade, funcionou domingo próximo passado, desobedecendo assim as determinações da portaria nº121, datada de 19 do corrente, de cujo conteúdo levei pessoalmente ao conhecimento do sr. Othon da Gama Lobo d’Eça, Chefe Provincial da referida Ação<sup>386</sup>.

É possível encontrar no periódico “Flamma Verde” também notícias com momentos de interação dos membros da AIB em clubes ou outras atividades não necessariamente político-partidárias na cidades. Dentre os documentos estão: na edição do dia 10 de outubro de 1936<sup>387</sup> é escrito que a Redação do Flamma Verde recebeu “gentil convite” para assistir a entrega da estátua de Hercílio Luz ao Governador da nossa cidade. “Agradecida e penhorada com tal gesto, ‘Flamma Verde’ comparecerá à solenidade”.

Em notícia de 23 de outubro de 1937<sup>388</sup> é exposto sobre a posse da nova diretoria do clube 15 de outubro. É escrito que Emídio Cardoso Júnior foi reeleito presidente, que foi lido relatório do ano decorrido e

<sup>385</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 4 de setembro de 1937. Ano 1, nº51, p.8.

<sup>386</sup> HERBSTER, Leônidas Cabral. Estado de Santa Catarina. Secretaria de Estado dos Negócios da Segurança Pública. Ofícios GOV SSP 1936-1939. Florianópolis, 28 de outubro de 1937 p.163.

<sup>387</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 10 de outubro de 1936. Ano 1, nº5, p.1.

<sup>388</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 23 de outubro de 1937. Ano 2, nº58, p.6.

que o clube desfruta ótima situação. A cerimônia contou com representantes de sociedades que também falaram. Luiz de Souza e Danilo Carneiro Ribeiro foram os representantes do “Flamma Verde”. Em notícia de 30 de janeiro de 1937<sup>389</sup> é exposto que a redação do Flamma recebeu convite para inauguração da nova sede do Clube “Lyra Tennis Club” no dia 30 na rua Tenente Silveira. Ao final, está escrito: “Flamma Verde agradece a atenção do convite, formulando votos de bom sucesso.” Outra notícia, 26 de junho de 1937<sup>390</sup>, de título “Aviso aos integralistas desta capital e da 1ª região” está escrito:

Para a sessão comemorativa ao lançamento da candidatura do Chefe Nacional à Presidência da República, ficam convocados os Secretários Provinciais, Membros do Conselho Jurídico, Chefes Municipais, Distritais e todos os que exerçam cargos na A.I.B., bem como os camisas e blusas verdes, desta capital ou em trânsito, afim (sic) de comparecerem hoje, às 20 hs na sede do ‘Clube 15 de Outubro’, à Praça 15 de Novembro nº21. Uniforme integral. A Chefia Provincial.

Em notícia de 7 de agosto de 1937 encontra-se uma convocação (assinada por Emídio Cardoso Junior – Chefe Municipal de Florianópolis) sobre a realização de missa. Está escrito:

Ficam convocados os integralistas católicos devidamente uniformizados a comparecerem, a missa que as Chefias Provincial e Municipal, mandarão rezar na Catedral, domingo, dia 8 do corrente, às 9 horas em ação de graças por ter saído ileso do atentado comunista de S. Paulo, o nosso eminente Chefe Nacional<sup>391</sup>.

Destas atividades podemos tecer algumas considerações. Em relação ao convites para entrega da estátua, inauguração da nova sede do Lyra e da eleição de Emídio Cardoso consideramos que a convocação dos camisas-verdes pode ter se dado sobretudo devido à publicidade destas atividades no periódico “Flamma Verde” e também devido o

<sup>389</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis, 30 de janeiro de 1937. Ano 1, nº21, p.2.

<sup>390</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis 26 de junho de 1937. Ano 1, nº 42, p. 4.

<sup>391</sup> FLAMMA VERDE, Florianópolis 7 de agosto de 1937. Ano 1, nº47, p.1.

partido contar com diversos membros de famílias da elite da cidade, cujo convite e ida ao evento poderia trazer alguma distinção. Com relação à sessão comemorativa do lançamento da candidatura do Chefe Nacional que iria ocorrer no Clube 15 de Outubro, é possível supor também que a utilização deste espaço poderia trazer uma maior consagração ou legitimidade para a atividade partidária. O fato de Emídio Cardoso ser o presidente deste clube pode ter tido alguma influência para isto ocorrer também. Pode-se compreender a missa na catedral da cidade como uma forma de exposição do partido a fim de difundir sua ideologia e a busca de consagração e distinção ao utilizar-se do espaço da Catedral de Florianópolis.

### **3.4 Perseguições aos Integralistas em Florianópolis**

Além da já referida ação para desocupação da sede integralista em maio de 1935, houve outras perseguições aos integralistas em Florianópolis<sup>392</sup>. Em ofício da Secretaria de Segurança Pública (para o Governador) datado do dia 5/10/1936 comenta-se sobre uma portaria do dia 9 de setembro de 1936 para o fechamento da sede da Ação Integralista Brasileira nesta Capital. É dito que não foi encontrado o Chefe Provincial, e na sua falta foram intimados Luiz Souza, Celso Mafra Caldeira de Andrade e Hans Buendgens. Curioso notar que neste ofício o argumento para a não publicação desta portaria na imprensa é que:

Tratando-se de um assunto que interessava à ordem política e social do país e de fatos a serem apurados em investigações policiais, pareceu-me desnecessário a inserção da referida Portaria na imprensa, por não dever a polícia torná-la pública, visto tratar-se de uma diligência de caráter que altamente interessava à ordem política e social do país.

Sobre o porquê do fechamento desta sede, é dito que em outros governos (Bahia, Alagoas etc.) foi ordenado o fechamento de todas as sedes integralistas baseado no Estado Guerra “como medida preventiva à segurança do regime vigente no país, visto terem apurado que os adeptos do ‘sigma’ planejavam um golpe com o intuito de abalarem os

---

<sup>392</sup> Para outros casos de perseguições aos integralistas no Estado cf. bibliografia já citada específica sobre SC.

alicerces das instituições”. Além disso, que o fechamento da sede provincial é apoiado na Lei de Segurança Nacional, “pois não é de hoje que os integralistas vêm ameaçando as autoridades estaduais e pregando franca e abertamente a mudança de Governo, o que fazem não só em suas sedes como até em plena praça pública”.

O teor desta portaria é confirmado por Othon d’Eça, “pois o mesmo não negou os fatos nela alegados e que determinaram o fechamento”. Outro argumento escrito é de que Plínio Salgado havia publicado que o “Governador deve ser preso e que não se apodera de Florianópolis, à força, porque não quer”. Também sobre Othon d’Eça ter declarado que intencionara “querer perturbar a vida econômica e administrativa do Estado”<sup>393</sup>. O ofício também afirma: “Não pode haver maior perigo para as instituições vigentes de um país, do que ameaças desta natureza, onde se chega ao cúmulo de dizer-se textualmente o seguinte: ‘Não me apodero do Governo, porque não quero’”. É dito que os atos da polícia ao fechar a sede desta cidade não contaram com a apreciação do judiciário, “conforme já foi decidido, por sentença, pelo Juiz Seccional do Estado da Bahia, porque, no caso em apreço, foi baseado no estado de guerra” e contava com notificação dos representantes da AIB neste local. Finaliza com: “A secretaria da Segurança Pública, limitou, por enquanto, a medida tomada a Florianópolis, pois os delegados de polícia dos município são unânimes em afirmar telegraficamente, que nenhuma sede integralista foi fechada no interior do Estado”<sup>394</sup>.

Os seguintes argumentos são levantados para o fechamento da sede: planejamento de um golpe da AIB para “abalar os alicerces das instituições”; que está baseado na Lei de Segurança Nacional; ameaça integralista de mudança do Governo; ameaça de Salgado de que poderia tomar o poder à força; ameaça de Othon d’Eça de estimular integralistas a não pagarem impostos. Importante recordar a expansão integralista em SC e sua atuação de encontro aos grupos políticos tradicionais. Pode-se compreender este documento como uma estratégia de diminuir a influência e crescimento da AIB ao buscar torná-la ilegal.

---

<sup>393</sup> Na certidão de cumprimento desta ofício é explicado que Othon d’Eça estava “ameaçando em público ao Governo do Estado que aconselharia aos integralistas residentes em Santa Catarina a não pagar impostos, para criar por esse meio embaraços à vida administrativa e econômica do Estado.” (nome ilegível) Escrivão da Secretaria da Segurança Pública. Certidão. Secretaria de Segurança Pública de Santa Catarina. Ofícios GOV SSP 1936/1939. [1936]. p.53

<sup>394</sup> GALVÃO, Clarivalte. Estado de Santa Catarina. Secretaria de Estado dos Negócios da Segurança Pública. Florianópolis, Ofícios GOV SSP 1936-1939. 5 de outubro de 1936. p.52.

Esta ação de fechamento resultou em um mandado de segurança impenetrado por Othon d’Eça ao Tribunal Regional de Justiça Eleitoral de SC a fim de prestar informações necessárias. No mandado, Othon Gama d’Eça questiona “quais as provas coligidas pelo Governador, provas plenas e claras, para justificativa da sua atitude?”

Permite o egrégio tribunal que perguntemos: pode um juiz condenar um acusado porque transpareça num depoimento ou numa informação a sua culpa? E o que é transparecer? Ensinam os léxicos: aparecer incompletamente. E as provas incompletas, mesmo as confissões incompletas, autorizam uma condenação? (...) E é legal o ato da autoridade contra quem quer que seja, ou muito menos contra uma sociedade civil que é um Partido Político regular, porque apenas vislumbrou o fato imputado? (grifos do autor)

D’Eça também afirma que nos documentos retirados da sede provincial pelo Secretário da Segurança “nada foi encontrado que viesse demonstrar as atividades subversivas atuais ou remotas do Integralismo em Santa Catarina, usada pelo sr. Presidente da República, qualquer dependência da A.I.B. com organizações internacionais. É argumentado sobre a AIB ser um Partido Político regular e que o ato do governo:

não obedeceu às necessidades de defesa das instituições ameaçadas das instituições ameaçadas (*sic*) por esse Partido nem se firmou ainda, em documentos autênticos, nem, como no caso da Bahia o de que, aliás, não julgaria capaz o sr. Governador em documentos maldosamente atualizados, destacados de outros que os completavam e numa carta que é, no fundo, um libelo contra o Governo Bahiano.

Também comenta sobre o governador ter tido “nobre escrúpulo de não adulterar fatos e datas, de não autorizar a depredação das sedes integralistas, de lançar mão de processos que só encontram símile na técnica bolchevista ou na ação odiosa (...)”. Expõe que, neste momento de Estado de Guerra, em associações para fins lícitos, estas poderão ter suas atividades reguladas, ou reuniões públicas doutrinárias fiscalizadas ou até mesmo suspensas pela polícia, “porém nunca compulsoriamente

dissolvidas ou as suas sedes interdidas, máximo quando contra elas não existem justas suspeitas de que estejam preparando movimento subversivos das instituições políticas e sociais.” Diz que “jamais a A.I.B. em Santa Catarina promoveu desordens, insuflou greves, articulou movimentos insurrecionais”<sup>395</sup>.

Os seguintes argumentos são utilizados contra o fechamento da sede: não haver provas contra a AIB; o partido não ter realizado atividades subversivas; o movimento ser anticomunista; a AIB ser um partido regularmente registrado; que ações contra integralismo de outros estados também são questionáveis. A disputa em torno da legalidade das ações da AIB expõe esta conjuntura de indefinição e acirramento de ânimos marcados pelo Estado de Guerra, medo comunista, aproximação das eleições presidenciais, expansão do integralismo.

Obviamente, também é possível compreender esta ordem de fechamento da sede como uma estratégia de desmoralização da AIB em Santa Catarina. Neste sentido, importante ressaltar que em março de 1936 foram realizadas as eleições municipais, com o integralismo elegendo 8 prefeitos, 72 vereadores e dezenas de juizes de paz, mesmo tendo como adversários sujeitos mais experientes, economicamente mais poderosos que, em muitos casos, usufruíam da máquina governamental<sup>396</sup>. De acordo com Falcão, “o resultado das eleições projetou a AIB como uma poderosa alternativa nos embates políticos travados no Estado”<sup>397</sup>. Ao longo desse momento irão aumentar as represálias ao integralismo, conforme ressalta Falcão:

Os adversários mais poderosos do integralismo situavam-se no seio de um nacionalismo brasileiro extremado, que não aceitava nenhuma forma de contemporização com diferenças ou particularidades culturais, os quais além disto estavam solidamente instalados nos principais postos de decisão, de onde não tinham a menor intenção de afastar-se ou de dividir espaços com a AIB. Assim, a partir do início de 1937, o cerco ao integralismo foi apertando pouco a pouco,

---

<sup>395</sup> D’Eça. Othon Gama. Tribunal Regional de Justiça Eleitoral. Florianópolis, 2 de outubro de 1936. . Ofícios GOV SSP 1936-1939. P.54-65.

<sup>396</sup> FALCÃO, op.cit., p.155.

<sup>397</sup> Idem.

produzindo incidentes de proporções cada vez mais graves<sup>398</sup>.

Em suma, neste capítulo pretendemos debater aspectos referentes à presença integralista em Florianópolis. Destacamos que é possível apontar similaridades com relação à formação e traços comuns referentes à trajetória de membros da AIB em Florianópolis. Sugerimos a existência de um *habitus* comum dentre alguns destes membros da AIB, o que pode ter contribuído a fim da escolha de participar deste Partido. Buscamos ressaltar as diversas atividades realizadas pelos adeptos do Sigma em Florianópolis – sessões doutrinárias, reuniões etc. – e a oposição que os mesmos sofreram com relação às autoridades. Neste sentido, apesar do fraco desempenho nas eleições, é possível sugerir alguma relevância sobre a atuação dos camisas-verdes em Florianópolis, pois, eles atuavam em associações, clubes, realizavam eventos etc., capazes de engendrar ações de autoridades objetivando cercear suas ações.

---

<sup>398</sup> Ibidem., p.160.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Ação Integralista Brasileira surgiu enquanto uma alternativa autoritária e nacionalista capaz de alcançar grande apoio e participação ao longo de sua breve existência. Ao longo deste trabalho apresentamos estudos anteriores que são imprescindíveis para compreender a inserção da AIB em Santa Catarina. Tais estudos apontam como fatores locais também influenciaram na implantação e atuação da AIB. Neste sentido, buscamos realizar um estudo que levasse em consideração as características da cidade Florianópolis a fim de responder certas questões sobre a presença integralista.

Destacamos a importância atribuída à imprensa na conquista de novos adeptos, universalização e uniformização da ideologia integralista e, neste sentido, o periódico integralista “Flamma Verde” insere-se nesta conjuntura maior da imprensa integralista. Analisamos estratégias de persuasão e mecanismos utilizados pelo jornal na publicização de notícias ou outras notas com relação ao Partido como: a utilização de lembretes, pequenas notas ou figuras. Este periódico pode ser visto enquanto um canal difusor de notícias da Chefia Provincial que circulou em Santa Catarina, além disso, houve a publicação de notas referentes à personalidades de destaque da Capital ou outros visitantes, prática já presente em outros jornais nesta Capital. Desnecessário é dizer o quanto esta fonte é rica e pode engendrar novas pesquisas com relação à difusão da ideologia integralista e a utilização da imprensa em Florianópolis.

Levantamos ao longo da pesquisa sobre os membros da AIB características e aspectos referentes às suas trajetórias e formação que possam ter contribuído à sua inserção neste Partido. Sugerimos a existência de um *habitus* comum entre membros da AIB a fim de explicar sua adesão ao movimento. Assim sendo, fatores locais como: a busca de distinção social, o papel do intelectual enquanto atuante na sociedade e a importância de Florianópolis como centro-administrativo do Estado são alguns dos aspectos locais fundamentais para compreender a adesão à AIB - obviamente há um diálogo entre fatores locais com a conjuntura nacional. Além disso, a verticalização e a rápida expansão do partido (nacionalmente e regionalmente) também são fatores relevantes para o entendimento da adesão ao Partido. Também destacamos neste trabalho as diversas atividades realizadas pelos integralistas em Florianópolis – sessões doutrinárias, reuniões, comícios etc.. e os problematizamos enquanto mecanismos de socialização e difusão da ideologia integralista.

Sugerimos que a adesão ao integralismo em Florianópolis ocorreu, sobretudo por classes com maior poder aquisitivo – isto é, o movimento nesta cidade teve um caráter elitista - e que as práticas das autoridades governamentais visando cercear ações dos integralistas devem ter ocorrido sobretudo devido a cidade de Florianópolis possuir grande destaque ao ser capital de Santa Catarina. Neste sentido, tais práticas contrárias às atuações integralistas podem ser vislumbradas enquanto tentativas de desmoralização do partido, pois, nesta cidade havia a Sede Provincial de SC - local simbólico e estratégico de organização dos adeptos do sigma em SC.

Destacamos também a interação dos integralistas com outras associações da cidade – como clubes – e questionamos sobre associações como o IHGSC, ACL ou Academia de Direito terem tido alguma conexão institucional com o Partido. Apesar de não ser possível sustentar a tese de algum apoio institucional destas instituições com o Partido, houve membros que participaram deste Instituto, Academia e vários que estudaram ou estavam estudando no curso de Direito de Florianópolis.

Em suma, neste trabalho refletimos sobre a presença integralista em Florianópolis e analisamos questões sobre seus membros e organização do Partido. Esperamos com isso motivar novas pesquisas sobre o tema, para compreender outros aspectos sobre a atuação deste Partido nesta Capital. Certamente trata-se de um tema que está aberto a novas discussões e reflexões.

**Anexo 1**

| <b>Número</b>       | <b>Ano</b> | <b>Data</b> | <b>Diretor</b> | <b>Gerente</b>    | <b>Nº Páginas</b> |
|---------------------|------------|-------------|----------------|-------------------|-------------------|
| 1                   | 1          | 12/09/1936  | Othon d'Eça    | A. S. Cuneo       | 4                 |
| 2 (não encontrado)  |            |             |                |                   |                   |
| 3                   | 1          | 26/09/1936  | Othon d'Eça    | A. S. Cuneo       | 4                 |
| 4                   | 1          | 03/10/1936  | Othon d'Eça    | A. S. Cuneo       | 4                 |
| 5                   | 1          | 10/10/1936  | Othon d'Eça    | A. S. Cuneo       | 4                 |
| 6                   | 1          | 17/10/1936  | Othon d'Eça    | A. S. Cuneo       | 4                 |
| 7                   | 1          | 24/10/1936  | Othon d'Eça    | A. S. Cuneo       | 4                 |
| 8 (não encontrado)  |            |             |                |                   |                   |
| 9                   | 1          | 07/11/1936  | Othon d'Eça    | A. S. Cuneo       | 4                 |
| 10 (não encontrado) |            |             |                |                   |                   |
| 11                  | 1          | 21/11/1936  | Othon d'Eça    | Celso M. Caldeira | 4                 |
| 12                  | 1          | 28/11/1936  | Othon d'Eça    | Celso M. Caldeira | 4                 |
| 13 (não encontrado) |            |             |                |                   |                   |
| 14                  | 1          | 12/11/1936  | Othon d'Eça    | Celso M. Caldeira | 4                 |
| 15                  | 1          | 19/11/1936  | Othon d'Eça    | Celso M. Caldeira | 4                 |
| 16                  | 1          | 26/11/1936  | Othon d'Eça    | Celso M. Caldeira | 4                 |
| 17                  | 1          | 02/01/1937  | Othon d'Eça    | Celso M. Caldeira | 4                 |
| 18(não encontrado)  |            |             |                |                   |                   |
| 19(não encontrado)  |            |             |                |                   |                   |
| 20(não encontrado)  |            |             |                |                   |                   |
| 21                  | 1          | 30/01/1937  | Othon d'Eça    | Celso M.          | 4                 |

|                    |   |            |             |                   |   |
|--------------------|---|------------|-------------|-------------------|---|
|                    |   |            |             | Caldeira          |   |
| 22                 | 1 | 06/02/1937 | Othon d'Eça | Celso M. Caldeira | 4 |
| 23                 | 1 | 13/02/1937 | Othon d'Eça | Celso M. Caldeira | 4 |
| 24                 | 1 | 20/02/1937 | Othon d'Eça | Celso M. Caldeira | 4 |
| 25                 | 1 | 27/02/1937 | Othon d'Eça | Celso M. Caldeira | 4 |
| 26                 | 1 | 08/03/1937 | Othon d'Eça | Celso M. Caldeira | 4 |
| 27                 | 1 | 13/03/1937 | Othon d'Eça | Celso M. Caldeira | 4 |
| 28(não encontrado) |   |            |             |                   |   |
| 29(não encontrado) |   |            |             |                   |   |
| 30                 | 1 | 03/04/1937 | Othon d'Eça | Celso M. Caldeira | 4 |
| 31(não encontrado) |   |            |             |                   |   |
| 32                 | 1 | 20/04/1937 | Othon d'Eça | Celso M. Caldeira | 4 |
| 33(não encontrado) |   |            |             |                   |   |
| 34(não encontrado) |   |            |             |                   |   |
| 35                 | 1 | 08/05/1937 | Othon d'Eça | Celso M. Caldeira | 4 |
| 36(não encontrado) |   |            |             |                   |   |
| 37(não encontrado) |   |            |             |                   |   |
| 38                 | 1 | 28/05/1937 | Othon d'Eça | Celso M. Caldeira | 4 |
| 39                 | 1 | 05/06/1937 | Othon d'Eça | Celso M. Caldeira | 4 |
| 40                 | 1 | 12/06/1937 | Othon d'Eça | Celso M. Caldeira | 4 |
| 41                 | 1 | 19/06/1937 | Othon d'Eça | Celso M. Caldeira | 6 |
| 42                 | 1 | 26/06/1937 | Othon d'Eça | Celso M.          | 4 |

|                    |   |            |             |                   |   |
|--------------------|---|------------|-------------|-------------------|---|
|                    |   |            |             | Caldeira          |   |
| 43                 | 1 | 03/07/1937 | Othon d'Eça | Celso M. Caldeira | 4 |
| 44(não encontrado) |   |            |             |                   |   |
| 45(não encontrado) |   |            |             |                   |   |
| 46(não encontrado) |   |            |             |                   |   |
| 47                 | 1 | 07/08/1937 | Othon d'Eça | Celso M. Caldeira | 6 |
| 48                 | 1 | 14/08/1937 | Othon d'Eça | Celso M. Caldeira | 8 |
| 49                 | 1 | 21/09/1937 | Othon d'Eça | Celso M. Caldeira | 8 |
| 50                 | 1 | 28/08/1937 | Othon d'Eça | Celso M. Caldeira | 8 |
| 51                 | 1 | 04/09/1937 | Othon d'Eça | Celso M. Caldeira | 8 |
| 52(não encontrado) |   |            |             |                   |   |
| 53(não encontrado) |   |            |             |                   |   |
| 54                 | 2 | 25/09/1937 | Othon d'Eça | Celso M. Caldeira | 8 |
| 55                 | 2 | 02/10/1937 | Othon d'Eça | Celso M. Caldeira | 8 |
| 56                 | 2 | 09/10/1937 | Othon d'Eça | Celso M. Caldeira | 8 |
| 57                 | 2 | 16/10/1937 | Othon d'Eça | Celso M. Caldeira | 6 |
| 58                 | 2 | 23/10/1937 | Othon d'Eça | Celso M. Caldeira | 6 |
| 59                 | 2 | 30/10/1937 | Othon d'Eça | Celso M. Caldeira | 8 |
| 60                 | 2 | 06/11/1937 | Othon d'Eça | Celso M. Caldeira | 6 |
| 61                 | 2 | 13/11/1937 | Othon d'Eça | Celso M. Caldeira | 6 |
| 62(não encontrado) |   |            |             |                   |   |
| 63                 | 2 | 24/12/1937 | Othon d'Eça | Celso M. Caldeira | 6 |

|                              |           |            |             |                   |   |
|------------------------------|-----------|------------|-------------|-------------------|---|
| 64                           | 2         | 01/01/1938 | Othon d'Eça | Celso M. Caldeira | 6 |
| 65                           | 2         | 08/01/1938 | Othon d'Eça | Celso M. Caldeira | 6 |
| 66                           | 2         | 15/01/1938 | Othon d'Eça | Celso M. Caldeira | 6 |
| 67(não encontrado)           |           |            |             |                   |   |
| 68                           | 2         | 29/01/1938 | Othon d'Eça | Celso M. Caldeira | 6 |
| 69                           | 2         | 05/02/1938 | Othon d'Eça | Celso M. Caldeira | 6 |
| Edições encontradas ao todo: | <b>48</b> |            |             |                   |   |

## ANEXO II

| <b>Nome:</b>          | <b>Idade (1936)<br/>/Formação/profissão:</b>  | <b>Cargos no Partido:</b>   | <b>Ocupação<br/>“Flamma Verde”</b> | <b>Outras informações:</b>   |
|-----------------------|---|---|------------------------------------|--|
| Adail Gastão          | - Bancário  | - Chefe do Departamento de Contabilidade  |                                    |  |
| Adolpho José dos Reis |   | - Secretário de Finanças  |                                    |  |
| Alfredo Barbosa Born  | - Formou-se em direito em 1938  | - Chefe do Gabinete   |                                    |  |
| Antônio Nunes Varela  | - 25 anos<br>- Formado no Ginásio Catarinense<br>- Formado em direito pela Faculdade de Direito de SC em 1939<br>- Foi professor e jornalista | - Secretário Provincial de Imprensa<br>- Secretário do Conselho Jurídico<br>- Fez parte da Junta Provincial Eleitoral |                                    | -Filho ou parente próximo de Boaventura de Haro Varela<br><br>- Experiência com outros periódicos: “A pátria”, “Dia e noite”, “Diário da tarde”, “A voz do Sul”. |
| Archimedes Monguilhot |   | -Secretário Municipal de Propaganda   |                                    |  |
| Arnoldo Suarez Cuneo  | -27 anos<br>- Formou-se Cirurgião-Dentista pelo Instituto Polytechnico em   | - Secretario Provincial de Corporações<br>- Secretário Provincial de  | - Gerente                          | - Foi diretor do jornal La Tribuna (1932), periódico editado e Florianópolis   |

|                                 |   |   |           |   |
|---------------------------------|---|---|-----------|---|
|                                 | 1924<br><br>- Atuou enquanto dentista entre 1930 a 1967                       | Finanças  |           | (na sede da Societ  Frattelanza Italiana) e destinado aos núcleos coloniais italianos.                              |
| Celso Mafra Caldeira de Andrada | - 23 anos<br><br>- Formado em direito pela Faculdade de Direito de SC em 1937 | - Secretário Provincial de Finanças<br><br>- Comissão Especial de Controle e Coordena o dos Serviços e Propaganda Eleitoral | -Gerente  | - Filho ou parente próximo de Laércio Caldeira de Andrada   |
| Danilo Carneiro Ribeiro         |   | - Governador da 1  Região<br><br>- Secretário Provincial de Assistência Social  | - Redator |   |
| Emídio Cardoso Júnior           |   | - Chefe Municipal de Florianópolis  |           | - Eleito secretário da 67  diretoria do Clube 12 de Florianópolis<br><br>- Presidente do Clube 15 de Outubro (1937) |
| Hans Buendgens                  |   | - Membro da Diretoria   |           |   |

|                            |  |  |           |  |
|----------------------------|--|--|-----------|--|
| Heráclito Carneiro Ribeiro | - Desembargador<br><br>- Presidente do Superior Tribunal de Santa Catarina | - Membro da Câmara dos 400   |           | - Publicou no IHGSC<br><br>- Um dos fundadores do Curso de Direito de Santa Catarina |
| Hena de Castro             |  | - Departamento Municipal de Arregimentação Feminina                                    |           |  |
| Jeremias de Paula Oliveira |  | - Secretário de Corporações e Serviços Eleitorais<br><br>- Chefe Municipal de São José |           |  |
| João Schmidt               |  | - Chefe do Departamento de Tesouraria  |           |  |
| Laércio Mafra Caldeira     | - 46 anos<br><br>- Formado em Direito em Niterói                           | - Candidato em 1934  |           | - Fez parte da “Geração da Academia”<br><br>- Participou do IHGSC                    |
| Luiz de Souza              | - Formado em direito pela Faculdade de Direito de SC em                    | - Chefe Municipal de Florianópolis   | - Redator |  |

|                          |   |   |          |   |
|--------------------------|---|---|----------|---|
|                          | 1937  | - Chefe de Gabinete da Chefia Provincial  |          |   |
| Maria José de Oliveira   |   | -Secretaria Municipal de Arregimentação Feminina e Plinianos  |          |   |
| Mário Mafra              | - Formou-se em 1937 em direito  | - Comissão Especial de Controle e Coordenação dos Serviços de Propaganda Eleitoral<br><br>- Secretário Provincial |          |   |
| Max Paulo Baier          | - Formou-se em direito em 1939  |   |          |   |
| Noemia S. Reis           |   | - Secretaria Provincial Arregimentação Feminina e Plinianos   |          |   |
| Oslym Costa              | - Estudante de direito  | - Candidato em 1934<br><br>-Secretário de Estudos de Imprensa   |          |   |
| Othon da Gama Lobo d'Eça | -43 anos<br><br>- Formado no Ginásio catarinense<br><br>- Formado em direito pela | - Chefe Provincial do Integralismo em SC  | -Diretor | - Possuía experiência em outras revistas e contribuições em |

|                          |   |                                 |  |  |
|--------------------------|---|---------------------------------|--|--|
|                          | <p>Faculdade de Direito do Rio de Janeiro em 1920.</p> <p>-Escritor, professor de Direito Comercial da Faculdade de Direito</p> <p>- Chefe de Polícia do Estado em 1927</p> |                                 |  | <p>periódicos</p> <p>- Foi um dos fundadores da Academia Catarinense de Letras</p> |
| Rodolpho Zimmer          |   | - Secretário de Propaganda      |  |  |
| Yolanda Carneiro Ribeiro |   | -Diretora da Divisão de Estudos |  |  |

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Academia Catarinense de Odontologia. Disponível em <[http://www.acodontologia.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=156&Itemid=142](http://www.acodontologia.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=156&Itemid=142)>. Acesso em 2/10/2013.

ARAÚJO, Hermetes Reis de. **A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República.** Dissertação (Mestrado em História). PUC-SP. São Paulo SP, 1989. P.80-81

ARAÚJO, Thiago Oliva Lima de. **O café amargou: em disputa um horizonte de expectativas entre integralistas e aliancistas na cidade de Florianópolis na década de 1930.** TCC (História). UDESC: Florianópolis, 2012.

BACKES, Glauco de Souza. **O Curso de Direito e o Centro de Ciências Jurídicas da UFSC: Histórias e Percepções 1932 À 1999.** TCC (História). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, dezembro, 2010.

BEIRED, José Luis Bendicho. Vertentes da história intelectual. **Cadernos do Seminário Cultural e Política nas Américas.** Vol.1, 2009.

BERTONHA, João Fábio. **A primeira guerra mundial: o conflito que mudou o mundo (1914-1918).** Maringá: Eduem, 2011.

\_\_\_\_\_. Introdução. In. \_\_\_\_\_. **Bibliografia orientativa sobre o integralismo (1932-2007).** Jaboticabal: Funep, 2010. p.1-11.

BOBBIO, Norberto, *et. al.* **Dicionário de Política Vol.1.** Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002. P.94-104

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **O sociólogo e o historiador.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A Imprensa na história do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSp, 1994.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**. Bauru: EDUSC, 1999

CHARTIER, Roger. Texto, impressão, leituras. In. HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. P. 211-238

CHATELÊT, François; *et al.* **História das ideias políticas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1985. P.236-241.)

CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In. \_\_\_\_\_; FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. **Ideologia e mobilização popular**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Centro de Estudos Contemporâneos, 1978.

DALLABRIDA, Norberto. **A fabricação escolar das elites: o ginásio catarinense na primeira república**. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

Diário Oficial da União (DOU) de 27/05/1937. P.28, seção 1. Disponível em <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2189567/pg-28-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-27-05-1937>>. Acesso em 25/09/2013.

Diário Oficial da União (DOU) de 29/06/1898. P.4, seção1. Disponível em <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/1645544/pg-4-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-29-06-1898/pdfView>>. Acesso em 25/09/2013.

DREIFUS; Barão Fernando von (org.) **Anuário Catharinense para 1932: Dedicado á maior vulgarização das cousas catharinense**. Tipografia Moderna - R. Rosenstock, Joinville

EAGLETON, Terry. **Ideologia**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Editora Boitempo, 1997.

FALCÃO, Luiz Felipe. **Entre o ontem e o amanhã: diferença cultural tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX.** Itajaí: Editora da Univalli, 2000.

FERRARI, Marcela. Prosopografía e historia politica. Algunas aproximaciones. **Antíteses**, vol.3, n.5, jan.-jun. De 2010.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs). **O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FGV. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). Disponível em < <http://cpdoc.fgv.br/>>. Acesso em 14/10/2013.

Formados na década de 30. Disponível em <[http://www.ccj.ufsc.br/Graduacao/Formados/decada30\\_1html.html](http://www.ccj.ufsc.br/Graduacao/Formados/decada30_1html.html)>. Acesso em 27/09/2013.

Frente Integralista Brasileira. Disponível em <<http://www.integralismo.org.br/?cont=75>>. Acesso em 12/07/2013.

GERTZ, René. **O fascismo no Sul do Brasil.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

GOMES, Ângela de Castro. Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.6, n.11, 1993.

GOMES, Manoel. **Memória Barriga-Verde.** Florianópolis: Lunardelli, 1990.

Histórico Centro de Ciências Jurídicas. Disponível em < <http://www.ccj.ufsc.br/ccj/historico.html>>. Acesso em 9/10/2013

LEMONS, Clarice Caldini. **Os Bastiões da Nacionalidade:** nação e nacionalismo nas obras de Elysio de Carvalho. Dissertação (mestrado em história). PPGH UFSC. Florianópolis SC, 2010.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In. PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010. P.111-154.

MARQUES, Ivan. **Modernismo em revista. Estética e ideologia nos periódicos dos anos 1920**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

MARTINS, Celso. **Os comunas: Álvaro Ventura e o PCB Catarinense**. Florianópolis: Paralelo 27; Fundação Franklin Cascaes, 1995.

MATOS, Felipe. **Bazar da província: Sociabilidades Intelectuais e Periodismo em Florianópolis. Tese (doutorado em história)**. PPGH UFSC. Florianópolis SC, 2012. Texto de qualificação.

\_\_\_\_\_. **Uma Ilha de leitura: notas para um história de Florianópolis através de suas livrarias, livreiros e livros (1830-1950)**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.). **Pierre Bourdieu: escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998

NOVAES, Adauto (Org.). **A crise do Estado-Nação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos. **Imprensa Integralista, Imprensa Militante (1932-1937)**. 388f. Tese (Doutorado em História) Programa de Pós-Graduação em História, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre RS, março de 2009.

ORTIZ, Renato. (org). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática 1983.

OTTO, Clarícia. Avanti, cari connazionali! Tentativas de construção de italianidade em Santa Catarina. **Esboços**. Florianópolis, v.10, n.10, 2002, p.120.

PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe**. Editora da UFSC, 1994.

PEREIRA, Luciana Agostinho; ATHAIDES, Rafael. O Integralismo no Paraná e o jornal “A Razão”, 1935: um exercício de análise do discurso. **Revista Rascunhos Culturais**. V. 1, n.2, p.205-222. Jul/dez. 2010.

PIAZZA, Walter Fernando (Org.). **Dicionário político catarinense**. Florianópolis: edição da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1994.

PRESTES, Anita Leocadia. 70 anos da Aliança Nacional Libertadora (ANL). **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v.XXXI, n.1, junho 2005, p.101-120. Disponível em <[http://www.dhnet.org.br/memoria/1935/a\\_pdf/anita\\_leocadia\\_70\\_anos\\_anl.pdf](http://www.dhnet.org.br/memoria/1935/a_pdf/anita_leocadia_70_anos_anl.pdf)>. Acesso em 13/08/2013.

RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (orgs.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

ROSA; Paulo Gonçalves Weber Vieira da; GRISARD, Iza Vieira da Rosa. **O Clube Doze de Agosto e sua história**. Florianópolis: Clube Doze de Agosto, 1991.

SACHET, Celestino. **A literatura de Santa Catarina**. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

Setenta anos da primeira aula de Direito ministrada em Santa Catarina. Disponível em <[http://tjsc25.tjsc.jus.br/academia/arquivos/60anos\\_aula\\_direito\\_sc\\_noberto\\_ungaretti.htm](http://tjsc25.tjsc.jus.br/academia/arquivos/60anos_aula_direito_sc_noberto_ungaretti.htm)>. Acesso em 09/10/2013.

SOARES, Iaponan; WOLFF, Joca. **Othon da Gama Lobo d’Eça**. Florianópolis FCC: Fundação Banco do Brasil, 1992

SOUZA, Ricardo Luiz de. Nacionalismo e autoritarismo em Alberto Torres. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 7, nº13, jan/jun 2005,

THOMPSON, E.P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, E. P.. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar editores S. A. 1981

TRINDADE, Héglio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30**. São Paulo, Rio de Janeiro: Difel, 1979.

VELLOSO, Mônica Pimenta. A Brasilidade Verde-Amarela: nacionalismo e regionalismo paulista. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.6, n.11, 1993, p.89-122.

\_\_\_\_\_. **História e Modernismo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

VIANA, Giovanni Noceti. **Orientar e disciplinar a liberdade. Um estudo sobre a educação nas milícias juvenis integralistas – 1934/1937**. Dissertação (Mestrado em História). Florianópolis, 2008.

ZANELATTO, João Henrique. **De olho no poder: o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na era Vargas**. Criciúma, SC: UNESC, 2012.

ZANELATTO, João Henrique. Anauê, Alvorada e Flamma Verde: a imprensa integralista e as disputas pelo poder político em Santa Catarina. **Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica**. Rio de Janeiro: vol. 5, nº3, setembro-dezembro, 2013. p. 392-393.

ZANOTTO, Gizele. História dos intelectuais e história intelectual: contribuições da historiografia francesa. **Biblios**, Rio Grande, vol.22, n.1, 2008.

## FONTES

### 1. Jornais:

FLAMMA VERDE 1936-1938 (Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina)

O ESTADO – 1936 (Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina)

### 2. Ofícios:

D’Eça. Othon Gama. Tribunal Regional de Justiça Eleitoral. Florianópolis, 2 de outubro de 1936. . Ofícios GOV SSP 1936-1939. P.54-65. (Arquivo Público Estadual de Santa Catarina)

GALVÃO, Clarivalte. Estado de Santa Catarina. Secretaria de Estado dos Negócios da Segurança Pública. Ofícios GOV SSP 1936-1939 5 de outubro de 1936. p.52. (Arquivo Público Estadual de Santa Catarina)

HERBSTER, Leônidas Cabral. Estado de Santa Catarina. Secretaria de Estado dos Negócios da Segurança Pública. Ofícios GOV SSP 1936-1939. Florianópolis, 28 de outubro de 1937 p.163. (Arquivo Público Estadual de Santa Catarina)

(nome ilegível) Escrivão da Secretaria da Segurança Pública. Certidão. Secretaria de Segurança Pública de Santa Catarina. Ofícios GOV SSP 1936/1939. [1936]. p.53. (Arquivo Público Estadual de Santa Catarina)

## LISTA DE IMAGENS

1. Capa da 1ª edição do “Flamma Verde” .....p.71  
(FLAMMA VERDE, Florianópolis, 12 de setembro de 1936. Ano 1, nº1, p.1)
2. Parte superior da capa da 1ª edição do “Flamma Verde” .....p.71  
(FLAMMA VERDE, Florianópolis, 12 de setembro de 1936. Ano 1, nº1, p.1)
3. Seção com dados do periódico “Flamma Verde” .....p.72  
(FLAMMA VERDE, Florianópolis, 12 de setembro de 1936. Ano 1, nº1, p.4)
4. Título da seção “Sindicalismo” .....p.81  
(FLAMMA VERDE, Florianópolis, 12 de novembro de 1936. Ano 1, nº14, p.3)
5. Agamenon Magalhães – Ministro da Justiça da Câmara dos Deputados.....p.83  
(FLAMMA VERDE, Florianópolis, 30 de janeiro de 1937. Ano 1, nº21, p.1)
6. Getúlio Vargas.....p.84  
(FLAMMA VERDE, Florianópolis, 30 de janeiro de 1937. Ano 1, nº21, p.1)
7. Pixação em Laguna ..... p.85  
(FLAMMA VERDE, Florianópolis, 2 de outubro de 1937. Ano 2, nº55, P.8)
8. José Américo, ex-candidato à Presidência da República.....p.86  
(FLAMMA VERDE, Florianópolis, 29 de janeiro de 1938. Ano 2, nº 68, p.1)
9. Imagem do prédio da Faculdade de Direito de Santa Catarina em Florianópolis.....p.102  
(Casa da Memória de Florianópolis. Número 9878, descrição “Rua Felipe Schmidt esquina Praça XV – década 30)

10. Coluna motorizada integralista travessando a ponte Hercílio Luz.....p.109  
(Acervo IHGSC – nº2097 – 1935.)